



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (PPGCOM)**

Caio Teruel

As notícias na sociedade da aceleração social do tempo

Campo Grande (MS)

06 /2022



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



As notícias na sociedade da aceleração social do tempo

Caio Mateus Teruel de Paula

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Comunicação. Área de concentração: Linguagens, Processos e Produtos Midiáticos.

Orientação: Prof. Doutor Helder Prior

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br

Caio Mateus Teruel de Paula

As notícias na sociedade da aceleração

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de Concentração: Mídia e Representação Social. Linha de Pesquisa: Linguagens, Processos e Produtos Midiáticos.

Campo Grande - MS, 24 de Junho de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Helder Prior
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Gerson Martins
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof^a. Dr^a. Michele Prazeres
Universidade Cásper Líbero



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO

Aos vinte e quatro dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e dois, às catorze horas, na por webconferência pela ferramenta Google Meet, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos membros: Helder Filipe Rocha Prior (UFMS), Gerson Luiz Martins (UFMS) e Michelle Prazeres Cunha (Cáser), sob a presidência do primeiro, para julgar o trabalho do aluno: CAIO MATEUS TERUEL DE PAULA, CPF 44879800899, Área de concentração em Mídia e Representação Social, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Curso de Mestrado, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, apresentado sob o título "As notícias na sociedade da aceleração social do tempo" e orientação de Helder Filipe Rocha Prior. O presidente da Banca Examinadora declarou abertos os trabalhos e agradeceu a presença de todos os Membros. A seguir, concedeu a palavra ao aluno que expôs sua Dissertação. Terminada a exposição, os senhores membros da Banca Examinadora iniciaram as arguições. Terminadas as arguições, o presidente da Banca Examinadora fez suas considerações. A seguir, a Banca Examinadora reuniu-se para avaliação, e após, emitiu parecer expresso conforme segue:

EXAMINADOR

ASSINATURA

AVALIAÇÃO

Dr. Helder Filipe Rocha Prior (Interno)

Dr. Gerson Luiz Martins (Interno)

Dra. Michelle Prazeres Cunha (Externo)

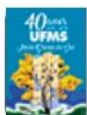
Dra. Daniela Cristiane Ota (Interno) (Suplente)

RESULTADO FINAL:

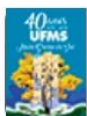
(X) Aprovação () Aprovação com revisão () Reprovação

OBSERVAÇÕES: A banca considera importante que sejam realizadas alterações ao capítulo IV, que versa sobre os resultados empíricos da dissertação. O trabalho qualitativo deve ser ampliado de modo a proporcionar uma correta interpretação dos indícios suscitados pela pesquisa. O resumo também deve ser alterado, oferecendo ao leitor notas metodológicas e resultados da pesquisa empírica.

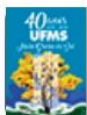
Nada mais havendo a ser tratado, o Presidente declarou a sessão encerrada e agradeceu a todos pela presença.

Assinaturas:**Presidente da Banca Examinadora Aluno**

Documento assinado eletronicamente por **Michelle Prazeres Cunha, Usuário Externo**, em 27/06/2022, às 09:34, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Helder Filipe Rocha Prior, Professor do Magisterio Superior**, em 27/06/2022, às 13:47, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gerson Luiz Martins, Professor do Magisterio Superior**, em 27/06/2022, às 13:50, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3365760** e o código CRC **9A582DDD**.

COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone: (67)3345-7437

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.019747/2022-92

SEI nº 3365760

Criado por [diani.pereira](#), versão 3 por [diani.pereira](#) em 24/06/2022 16:53:53.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)
- Código de Financiamento 001.

LISTA DE TABELAS, FIGURAS, GRÁFICOS, ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Cenas de Tempos Modernos (Charles Chaplin, 1936)	15
Figura 2 - O encolhimento do mapa do mundo graças a inovações nos transportes	20
Figura 3- A aceleração técnica e mudança das relações com o mundo.	24
Figura 4 - Primeira Página do jornal Folha da Noite – 21/02/1921.....	37
Figura 5 - Primeira página do jornal The News York Times - 21/07/1969	39
Figura 6- Primeira página Folha de São Paulo - 14/09/1974	41
Figura 7- Perfil do jornal francês Le Monde na rede social TikTok.....	42
Figura 8: Paradoxos da experiência temporal.....	51
Figura 9 - Primeira Página do Jornal Folha da Noite.....	76
Figura 10- Primeira Página do Jornal Folha de São Paulo	77
Figura 11- Primeira Página do Jornal Folha de São Paulo	79
Figura 12 - O círculo aceleratório proposto por Rosa (2019)	80
Figura 13: 17ª questão: Qual a sua frequência no uso de internet.....	107

AGRADECIMENTOS

A primeira vez que ouvi falar sobre aceleração social do tempo foi em um lançamento de livro (2017) que tinha como tema central a aceleração e a educomunicação. Fiquei curioso para ler e de modo bem direito pedi para uma professora me dar de presente. Ela o fez. A partir dali realizei iniciação científica na área, publiquei em revistas, apresentei em congressos e aprendi ali inúmeras coisas que carrego até hoje. Em 2019, ao fim da graduação, resolvi tentar o processo seletivo do mestrado e dar continuidade na pesquisa da iniciação, dessa vez por um outro viés.

Ao ingressar no mestrado, no primeiro semestre de 2020, eu não imaginaria que o teria de fazê-lo integralmente a distância (sendo este tópico talvez o menos pior de todo o período pandêmico pela qual o mundo viveu), e que o assunto sobre aceleração social do tempo iria entrar em voga, ser debatido e vivido intensamente. Mas o fiz. Muitas conquistas, algumas perdas, sorrisos e tristezas. Um sentimento agriçoce. O que ficou de tudo isso?

Enfim, este trabalho é o resultado de uma curiosidade despertada em 2017 e que com o passar dos anos acabou ganhando (muita) força. “Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida”. As oportunidades e os momentos de virada na vida são (em sua maioria) assim.

Mas este trabalho também é o resultado de uma grande rede de apoio e incentivo, que fez com que eu fosse até o fim da melhor maneira possível. À minha mãe Elaine, ao meu irmão Caique, à memória de meu pai Jairo (que foi tomar suas cervejas em outro plano em 2020), que de sua maneira sempre me incentivou aos estudos. Ao Lucas, que suportou ao meu lado toda a montanha russa de sentimentos durante a pesquisa. E a todos os amigos e pessoas que me incentivaram e ajudaram, cada um de sua maneira.

Agradeço também aos professores dedicados, tanto da banca (que gentilmente se dispôs) quanto outros que leram estas páginas, refletiram sobre elas, e de modo afetivo e singelo contribuíram para o enriquecimento do processo.

E por último, agradeço à CAPES, por ter me permitido dedicar tempo integral à pesquisa por meio de uma bolsa de estudos.

RESUMO

O presente trabalho objetiva-se a compreender as imbricações entre jornalismo e aceleração social do tempo por meio da teoria desenvolvida pelo teórico alemão Hartmut Rosa. Neste sentido, parte-se da teoria da aceleração para compreender o jornalismo atual, de sua produção até o consumo final, considerando ao fim que a aceleração social do tempo potencializa o fenômeno da desinformação. Para averiguar a hipótese, o trabalho se propôs a colher dados de consumo jornalístico e percepção temporal por meio de um questionário composto de 21 questões com quatro áreas temáticas: Perfil sociodemográfico, jornalismo e consumo, aceleração social do tempo e desinformação. Foram 546 respostas de pessoas com faixa etária de 20-30 anos do Centro-Oeste Brasileiro. Por fim, os resultados levantaram indícios da correlação entre aceleração temporal e desinformação.

Palavras-chave: Aceleração social do tempo; jornalismo; desinformação; Hartmut Rosa; Comunicação

SUMÁRIO

Capítulo I	12
Para se compreender a aceleração: dimensões fenomenológicas da aceleração social do tempo.....	12
A teoria da aceleração social do tempo.....	12
A aceleração técnica.....	18
A aceleração técnica e a comunicação	25
Aceleração das mudanças sociais	29
Declives escorregadios: a aceleração e o aumento de contingências	33
Aceleração do ritmo da vida e os paradoxos da experiência temporal no campo jornalístico.....	44
O parâmetro objetivo do ritmo da vida	46
Parâmetro subjetivo do ritmo da vida.....	48
Categorias de inércia	52
Capítulo II	55
Motores da aceleração: o jornalismo	55
A economia: tempo é dinheiro.....	55
Jornalismo e economia da atenção.....	58
A cultura: a forma jornalística e a economia de tempo	65
A ideia do tempo real: uma cultura do presentismo no jornalismo.....	69
A forma jornalística e o círculo aceleratório	73
Capítulo III	82
A aceleração informacional.....	82
Quem lê tanta notícia?.....	94
A perda da racionalidade na sociedade da aceleração	97
Capítulo IV.....	101
Aceleração, desinformação e jornalismo: uma pesquisa empírica	101
Referências bibliográficas	117

Capítulo I

Para se compreender a aceleração: dimensões fenomenológicas da aceleração social do tempo

Acelerações são momentos culminantes na História, como se abrigassem forças concentradas, explodindo para criarem o novo. A marcha do tempo, de que falava Michelet no prefácio à sua História do Século 19 é marcada por essas grandes perturbações aparentemente sem sentido. Daí, a cada época, enalgrado a certeza de que se atingiu um patamar definitivo, as reações de admiração ou de medo diante do inusitado e a dificuldade para entender os novos esquemas e para encontrar um novo sistema de conceitos que expressem a nova ordem em gestação. A aceleração contemporânea não escapa a esse fado (SANTOS, 1997, p. 12).

A teoria da aceleração social do tempo

Falar de temporalidade é, muitas vezes, rememorar a famosa — e já demasiadamente usada — citação de Santo Agostinho (p.123, 2011). Em sua célebre passagem sobre o que é tempo o filósofo reflete que, “se ninguém me pergunta, eu o sei; mas se me perguntam, e quero explicar, não sei mais nada”. O tempo é isso em seus diversos aspectos. Pode-se ler esse fenômeno como algo intrínseco à natureza ou entender o tempo como um processo de subjetivação que ocorre somente nas mentes humanas. Assim, ao longo da história, Aristóteles, Descartes, Newton e Einstein — para citar alguns autores que — pensaram a natureza do tempo (ROVELLI, 2018), e nesse processo de mentes se debruçando sobre esse ator invisível, muitas respostas conclusivas e inconclusivas foram geradas, alimentando o debate e complexificando o que seria o tempo.

Todavia, se pela perspectiva da Sociologia do tempo e das Ciências Exatas questionava-se o que seria e como funcionaria tal ator que se passa diante os olhos, na contemporaneidade a questão se altera. Com o fim do período renascentista, a ascensão da modernidade clássica rompeu nas sociedades uma série de revoluções que alteraram o modo de produção social, cultural e material. Na Física, a fórmula da aceleração, $a = v/t$ ou $a = 2s/t^2$, é apenas o primeiro campo

onde se percebe a alteração das estruturas temporais. O espírito da aceleração tomava formava e inundava mentes e corações, seja em suas profissões, relações pessoais ou na própria relação com a natureza.

Tais alterações estruturais transmutaram o que se concebia até então como tempo. A aceleração dos processos citados acima, ao longo da história, decorreu de modo linear até estourar no limiar do século XXI com os processos cibernéticos no âmbito do capital financeiro, mas a evolução da aceleração já vinha de antes. Assim, ao buscar olhar para a história da modernidade pelo viés temporal, Hartmut Rosa, um sociólogo alemão que iniciou sua carreira na Ciência Política, mas que por desvio acadêmico acabou na Teoria Social, se debruça para compreender a evolução dos processos aceleratórios nas sociedades – com um foco principal na Europa moderna dos séculos XVIII ao XXI, mas sem deixar de abarcar concomitantemente estudos sobre o tempo na sociedade estadunidense. Discípulo de Charles Taylor e Axel Honneth, ambos teóricos alemães, Rosa é atualmente professor de Sociologia Teórica na Universidade de Jena e ao longo dos últimos 15 anos tem se debruçado para compreender o movimento aceleratório na modernidade, além de suas causas e consequências para com o tecido social. Seu livro central acerca da teoria da aceleração social do tempo, publicado pela primeira vez no Brasil em 2019 pela Editora Unesp, intitulado *Aceleração: A transformação das estruturas temporais na modernidade* [*Beschleunigung. Die Veränderung der Zeitstrukturen in der Moderne*, 2010] é o principal tratado do autor sobre o desenvolvimento temporal aceleratório ao longo da história moderna.

Hartmut Rosa, ao analisar a história da modernidade, encontra nela uma característica que a impulsiona e a difere de todos os anteriores períodos históricos: o fenômeno da aceleração. Assim, por meio de um diagnóstico da história moderna, Rosa desenvolve sua teoria da aceleração social do tempo. De acordo com o autor, é impossível falar da modernidade sem levar em consideração os fenômenos aceleratórios que impactaram as sociedades ocidentais e também orientais. Assim,

Tanto defensores quanto detratores da modernidade, desde quando há uma discussão reconstituível, após a Renascença, sobre o 'novo tempo', estão de acordo em um ponto: sua experiência fundamental

constitutiva é de uma enorme aceleração do mundo e da vida e, assim, do fluxo de experiência de cada indivíduo (ROSA, 2019, p. 69)

Das vanguardas artísticas europeias como o futurismo de Marinete ¹ou o surgimento de ritmos musicais como o jazz; passando pela revolução dos meios comunicacionais com o surgimento da internet e a comunicação por satélite; ou o encolhimento do mundo pelo avanço dos meios de locomoção até o grau de gerações dentro de uma mesma família. Rosa, ao analisar o fenômeno da aceleração na modernidade, não se debruça apenas sobre a questão técnica como é comumente feito nas ciências Sociais, o autor explora características da vida cotidiana, compondo um amplo quadro analítico tanto da exterioridade dos indivíduos quanto de suas subjetividades. O resultado disso é um diagnóstico detalhado e profundo sobre o desenvolvimento sócio-histórico das estruturas temporais das sociedades. A hipótese de Rosa (2019) afirma que:

A sociedade moderna pode ser entendida como 'sociedade da aceleração' no sentido de que ela contém e si (através de inúmeros pressupostos estruturais e culturais) uma junção de ambas as formas de aceleração – a aceleração técnica e a intensificação do ritmo de vida através da redução de recursos temporais – e da tendência à aceleração e ao crescimento (p. 153).

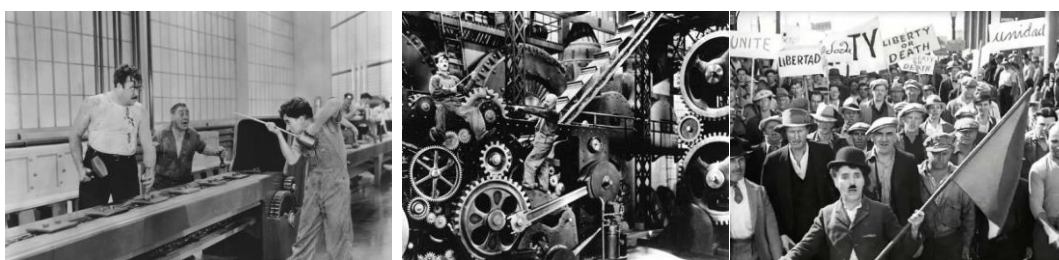
Deste modo, a sistematização das dimensões aceleratórias complexifica as formas de aceleração na sociedade, para que assim não se ocorra o erro de afirmar, que a sociedade contemporânea se acelera como um todo em um único movimento direcional, seja ele no tocante a aceleração ou ao suposto progresso técnico-humano. Isto é, compreende o processo desenvolvido por Rosa é basilar para que se entenda que os sistemas sociais atuam cada um em seu tempo. Com efeito, antes propriamente de haver uma aceleração da sociedade, existe uma aceleração que se desenvolve no espírito social e que acaba por penetrar em diversos âmbitos culturais, instalando, portanto, ideias que convergem no ponto da aceleração. Eventos culturais marcantes expressam o sentido desse novo momento do mundo. Na literatura, o fluxo de consciência imposto por

¹ O Futurismo foi um movimento artístico e literário iniciado no início do século XX que tinha como ideologia o antitradicionalismo e o culto à guerra e à velocidade, principalmente.

Ulisses (1922) de James Joyce ou *O som e a fúria* (1929) de William Faulkner, sintetizam o estado cultural das sociedades ocidentais capitalistas do século XX. "Dou-lhe este relógio não para que você se lembre do tempo, mas para que você possa esquecê-lo por um momento de vez em quando e não gaste todo seu fôlego tentando conquistá-lo" lembra Faulkner em sua maior obra. O trecho acima ressalta a questão temporal, mas o modo de escrita, o fluxo de consciência, liberta as amarras do texto e expande as possibilidades de uso do conteúdo pela própria consciência do narrador.

De mesmo modo, em *Tempos Modernos* (1936), o icônico personagem Vagabundo, interpretado por Charles Chaplin, busca a adaptação em um mundo moderno materializado pela representação de uma fábrica industrial, onde o processo de aceleração técnica, as mudanças sociais e o aumento do ritmo da vida se sintetizam ao longo da produção. "Pavilhão Número 5 está trabalhando muito devagar! Dobrem a velocidade! Capataz, os parafusos estão frouxos demais. Verifique o que está acontecendo! Ei, aqui não é lugar de se fumar, mas para trabalhar!" refere um personagem em uma das poucas falas no filme.

Figura 1- Cenas de *Tempos Modernos* (Charles Chaplin, 1936)



Proibido em diversos países por uma suposta tendência comunista, *Tempos Modernos*, não apenas representa uma síntese da modernidade-tardia pré era cibernética, como também traz em seu bojo questões acopladas, como a ideia de avanço social e técnico, como a desigualdade social, o desemprego e a miséria humana.

A partir daí, embora a teoria proposta pelo teórico alemão seja atual e se desdobre principalmente na contemporaneidade, ela não direciona suas forças para o tempo atual. O cerne da pesquisa de Rosa se dá ao longo de toda a modernidade, e para isso o sociólogo dialoga com diversas fontes teóricas com o intuito de enxergar as forças aceleratórias ocultas em teorias sociológicas de séculos anteriores. A base de tal pensamento vale-se de Marx, Weber, Durkheim

e Simmel. Nestes teóricos, Rosa, como em uma arqueologia da aceleração, lança luz sobre fenômenos que comprovam seu pensamento e coadunam com sua tese. O teórico tenta, como afirma Tzminadis (2018), se aproximar do pensamento clássico da sociologia e aos modelos de análise já consagrados.

Em Marx, autor alemão do século XIX, Rosa capta o movimento aceleratório quando analisa o ciclo autodestrutivo que a dinâmica do capital impõe. Esse entendimento, por sua vez, dialoga diretamente com a conceituação do que Rosa chama de *estabilização dinâmica*, provando, portanto, a expansão constante e desenfreada das sociedades capitalistas ocidentais em textos clássicos da sociologia.

Em Weber, a racionalização surge dos estudos realizados entre a ação política no tocante a grupos protestantes. O sociólogo alemão desenvolve a questão temporal à um problema de cunho de conduta puramente econômica, ou seja, formas viáveis e racionais de sua ação. Diferentemente de Marx, que enxerga uma causa estrutural, que se expande e foge do controle humano, Weber analisa o traço da racionalização e sua relação com o tempo por um viés cultural.

Em Émile Durkheim, sociólogo francês, o processo de diferenciação social é apropriado para a teoria da aceleração social de Hartmut Rosa no sentido de uma consequência da modernidade, e não diretamente uma teoria para explicá-la, seja de maneira macro ou micro. Rosa adverte, assim, que a diferenciação social reduz os processos de interdependência, isto, por sua vez, desintegra o tecido social e cria uma situação de anomia. Vale aqui entendermos o processo na perspectiva de Rosa:

No entanto, após um olhar mais detido revela-se que sua intensa busca por novas formas de integração e solidariedade social é motivada, tal como as teorias sociais dos outros clássicos, pela experiência central de uma sociedade dinamizada, fragmentada e acelerada, o que resulta de uma condensação das relações sociais. Em sua análise das formas anômicas de divisão do trabalho, vistas como um dos maiores perigos do processo moderno de diferenciação, ele identificou a anomia social como consequência das demasiadamente rápidas mudanças sociais. Como resultado do ritmo elevado das mudanças, a consciência e as regras de interdependência social erodem antes que novas

formas de integração social tenham tempo de se formar. Portanto, a mudança social e a crescente diferenciação não são, em si mesmas, um problema para a sociedade, mas sua temporalidade (demasiadamente) veloz (ROSA, 2013, p. 51).

E por fim, em Simmel, a individuação, processo social centrado nas grandes metrópoles, condensa as formas e as dinâmicas da aceleração social do tempo. A individuação, diferentemente da diferenciação social, se caracteriza como “a dissolução dos laços fixos que atam os sujeitos ao grupo, às ideias, às crenças e, conseqüentemente a um quadro de referência sociais que balizam seus percursos biográficos” (TZMINADIS, 2008, p. 26). Simmel retrata, em sua conceituação de individuação, os impactos dos estímulos externos e internos que atuam sob a subjetividade dos indivíduos e a perda de conexão com os fatos e acontecimentos. Os apontamentos realizados por Simmel desaguam sobretudo no diagnóstico realizado por Rosa no campo das patologias do tempo, uma consequência direta da aceleração social.

A união entre os aspectos tratados nos autores clássicos da sociologia, junto a outros contemporâneos, como Lübbe, Luhmann, Levine e Virílio, sintetizam nas dimensões fenomenológicas da aceleração, a técnica, a das mudanças sociais e a do ritmo da vida, parte do diagnóstico tratado por Rosa. Deste modo, o presente capítulo tem como objetivo, além de delimitar parte da teoria da aceleração social do tempo, compreender e buscar reflexões sobre o desenvolvimento do campo jornalístico – tanto no sentido da produção quanto no do consumo – dentro das supracitadas dimensões fenomenológicas. Para isso, se faz uso aqui, além da base intelectual trazida por Rosa, de outros teóricos do campo comunicacional e do campo do jornalismo, e claro, sem deixar de fazer uso de outras estruturas de pensamento que podem ajudar nessa empreitada, tendo em vista a ausência de uma *episteme* e o avanço do entendimento da comunicação como uma ciência pós-disciplinar (SODRÉ, 2014).

A aceleração técnica

Para delimitar, portanto, as questões que cercam as dimensões fenomenológicas da aceleração, Rosa (2019) inicia seu percurso sócio histórico propondo a aceleração técnica como um propulsor, ora evidente, ora motor principal do cenário aqui esboçado, e que se desenvolve de modo intencional, o que em um primeiro momento se diferencia das outras duas dimensões. Tal aceleração, conforme aponta Rosa (2019), se torna paradigmática, pois altera as demais estruturas de uma sociedade, atingindo setores como o transporte, a comunicação, a produção de bens e serviços, dentre tantos outros possíveis.

Outrossim, a taxa de medição das alterações técnicas em um determinado espaço de tempo se faz de modo mais sólido, isto é, se torna mais fácil compreender os pontos de evolução técnica e suas respectivas alterações sociais, o que faz da aceleração técnica a “mais simples de ser medida e verificada” (ROSA, 2019, p. 141).

O teórico elenca a aceleração técnica como um propulsor para o aumento do ritmo temporal. Desde as sociedades pré-modernas, a evolução técnica é um fenômeno muitas vezes perceptível, tendo em vista as alterações que ela produz na vida cotidiana, o que torna sua história bem documentada e bastante estudada em diversas ciências. O uso social do cavalo como meio de transporte, os navios a vapor, as ferrovias, os automóveis, o avião, e até espaçonaves são itens familiares cujos quais humanidades, exata e biológicas se debruçam. Para Rosa (2019):

A velocidade máxima alcançada se multiplicou de aproximadamente 15 para mais de 1.000 km por hora ou, caso consideremos as viagens espaciais, para vários milhares de quilômetros por hora, ao menos por volta de um fato 10^2 . À parte as velocidades máximas, os limites de velocidade de categorias particulares de locomoção também aumentaram (p.141-142).

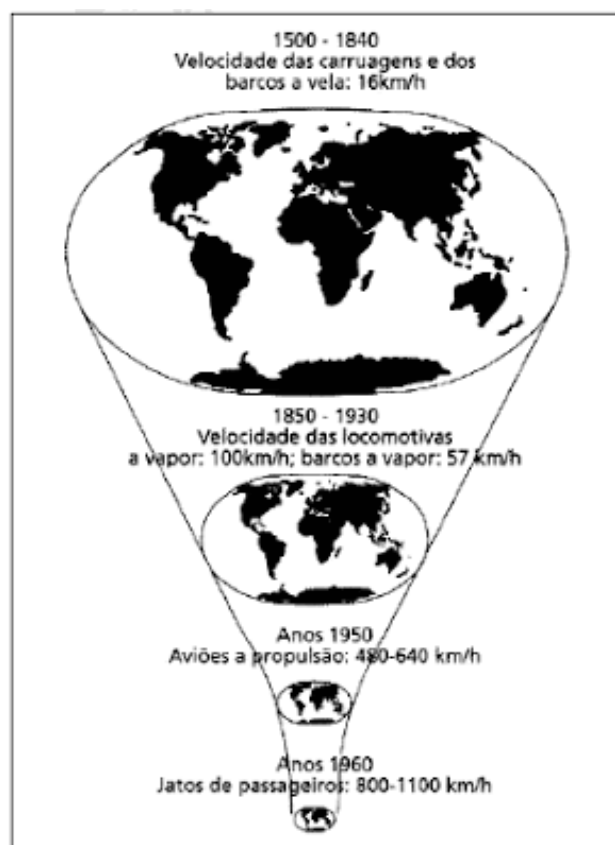
Deste modo, iniciada formalmente na Revolução Industrial — mas com resquícios de tempos anteriores — a aceleração técnica se firma como a categoria que fora pensada para a redução do tempo pelo espaço e automação técnica, logo, desaguando na aceleração temporal, tendo em vista a grande produção em curto espaço de tempo ou do encurtamento do espaço. Todavia,

mais importante do que pensar a velocidade máxima em equipamentos tecnológicos dispersos, é pensar a média da velocidade de locomoção em uma sociedade. Embora traduzir a média de uma sociedade — na que Rosa se debruça, europeia — amplie a complexidade das questões aqui apresentadas, o autor propõe uma resposta, que se constitui da “apuração da quantidade de bens e pessoas que são movimentadas por unidade de tempo e sua velocidade média de locomoção” (2019, p. 142). Apesar destas páginas não se traduzirem no objetivo de compreender a aceleração social do tempo como um fenômeno generalista e mundial, isto é, estudar o fenômeno de modo geral, parte-se da premissa de apontar as dificuldades e as complexidades pelas quais a teoria proposta por Rosa enfrenta.

Assim, a experiência temporal que se funda na base da velocidade dos transportes e da vida urbana, consagra a vida moderna, rompendo por fim com um novo mundo marcado pela “contração do espaço”, isto é, o encurtamento de distâncias sob a ótica da duração temporal necessária para sua transposição. A partir da Revolução Industrial, a contração do espaço ganha força, tendo em vista as inúmeras evoluções técnicas que se seguem e que possibilitam o que David Harvey (2008) chama de encolhimento do mundo, tendo em vista o avanço da velocidade dos meios de transporte e o ‘aniquilamento do espaço pelo tempo’.

Sobre os meios de transporte, Harvey (2008) elabora uma ilustração deveras explicativa que elucida o aumento da velocidade e o fenômeno do encolhimento do mundo, traçando uma linha cronológica que inicia antes mesmo da Revolução Industrial. Neste período, em 1830, os navios a vela possuíam a capacidade de percorrer 16km em 1 hora. Nos anos de 1920 os trens conseguiam a marca de 80km. Na segunda metade do século XX, 1965, os aviões a jato marcavam 1050km.

Figura 2 - O encolhimento do mapa do mundo graças a inovações nos transportes



Fonte: HARVEY, 2008, p. 220)

Neste sentido, cabe ressaltar, embora até agora a atenção tenha se voltado para os meios de transporte e a velocidade de atuação dos mesmos, a aceleração técnica ² não se caracteriza apenas pelo “movimento mais rápido de pessoas, [...] e projéteis militares sobre a terra, mas também a produção mais veloz de bens, a transformação mais ágil de matéria e energia e, embora em menor proporção, a aceleração dos serviços” (ROSA, 2019, p. 144). Assim, partindo do entendimento que o filósofo Paul Virilio (1996) traz em sua leitura sobre a Revolução Industrial, para ele sendo dromológica, é portanto, uma revolução das velocidades, abarcando a produção e que se desenvolve até no século XXI até os modos de atuação da democracia sob a alcunha de *sociedade dromocrática*

² “A história da aceleração a ser contada aqui descreve o caminho da máquina a vapor, passando pelo domínio da energia hidráulica e do motor a combustão, até chegar à eletrotécnica, às tecnologias de produção industrial em massa, à linha de montagem e, por fim, à microtecnologia da era dos computadores (ROSA, 2019, p. 144 – 145).

Tendo em vista a aceleração de diversos processos sociais, como apontado acima por Rosa (2019), a informação se desenvolve no mesmo sentido. Para o sociólogo, a aceleração da informação se torna, em vias de fenômeno, uma das causas do encolhimento do mundo, tendo em vista a necessidade humana, desde seus primórdios, de se transportar informações, partindo desde os sinais de fumaça, passando pelos pombos-correio, os telégrafos, até a internet. Essa evolução, se alinha não apenas ao quesito técnico, mas ao uso social. Neste sentido, não apenas as linhas e os modos de transmissão da informação se aceleraram como concomitantemente sua produção por unidades de tempo. Por conseguinte, a “revolução da transmissão” é um pouco posterior à “revolução dos transportes” e parece, em alguns aspectos, representar uma reação à última”.

Neste sentido que se desenha até aqui, a aceleração técnica, por fim, promove no mundo, principalmente a partir da Revolução Industrial, uma revolução no que tange ao regime espaço-tempo. Ocorre, nesta revolução, o que Hartmut Rosa chama de uma modificação fundamental do “tipo e a forma do estar no mundo” (2019, p. 189), alterando consequentemente a configuração da subjetividade ³ e da sociedade. Nas palavras de Rosa:

A disseminação das inovações técnico-científicas do mapa e do relógio mecânico, por sua vez, foram de grande importância. O uso crescente de mapas transformou a concepção espacial ‘natural’ e estacionária, cujo ponto central é representado pelo ‘vilarejo’ como cerne da vida do observador e a partir do qual se desenvolve o horizonte de um universo de experiência em círculos concêntricos de familiaridade decrescente (ROSA, 2019, p.191).

Decorre daí a desvinculação do tempo em relação ao espaço dada a invenção do relógio mecânico, quando se torna possível a separação do tempo do espaço, pois se torna uma qualidade não apenas complementar, mas sobreposta, independente. Em 1912, uma conferência internacional sobre o tempo, realizada em Paris, unificou o tempo mundial que fora desenvolvido em 1884, o que permitiu uma definição temporal alocal (KERN, 1983, p. 13).

³ Como aponta Rosa tal alteração da subjetividade não se desenvolve em sentido algum sob a tese do determinismo tecnológico. Para ele “a própria aceleração técnica é uma consequência de pressupostos culturais, econômicos e socioestruturais, e o fato de ela influenciar massivamente formas de subjetividade e coletividade não significa que as determine” (2019, p.190).

De tal forma, não apenas o tempo se transformou, como também o espaço se alterou e contraiu-se, tornando-se, para muito, uma dimensão menor ao tempo, isto é, atuando em função do espaço. Como se viu na ilustração proposta por Harvey ao classificar o encurtamento do mundo ao longo da história, a evolução dos meios de transporte promoveu um avanço aceleratório sem precedentes. E que atualmente, de acordo com Rosa (2019),

o espaço perde completamente sua função orientadora onde processos materiais de transporte são substituídos por transmissão eletrônica de informação. Na internet ainda é registrada a hora, mas não mais o lugar de entrada e consulta de dados - este último caso perdeu o sentido para diversos processos, enquanto as indicações temporais continuam a ganhar relevância (p. 198-197).

Nesta questão, Rosa propõe, ainda, um paralelo entre a revolução da “transmissão” ocorrida principalmente no final do século XX, com a revolução dos meios de transporte ocorrida no século XIX. Para ele, ambas revoluções possuem ligações no que tange a forma e a dinâmica de desenvolvimento, pois enquanto esta última propicia um *boom* de desempenho no transporte principalmente de bens e de pessoas na superfície terrestre, a revolução da “transmissão” “consiste em ‘reproduzir’ lugares e bens por meio da virtualização e da digitalização, e torna-los acessíveis, de forma ‘estacionária’ a partir de qualquer lugar (ROSA, 2019, p. 198).

Nesse panorama, tanto Rosa quanto Virilio, direcionam suas argumentações teóricas ao entendimento de que a inversão ocorrida por ambas as revoluções trouxera, dialeticamente às sociedades, um processo de enrijecimento. As pessoas não se movem mais, em contrapartida, culmina-se em um fluxo torrencial de dados que faz uso de um aparato sofisticado que propicia a aproximação de geografias distintas por meio da cibernética. Tem-se por fim, na perspectiva do teórico francês, a ‘paralisia frenética’, argumento do qual se fará uso nestas páginas mais à frente.

A aceleração técnica, portanto, dentre todos os fenômenos decorridos de si, rompe com uma nova forma e percepção do tempo social, no caso, a contemporaneidade dos não contemporâneos, isto é, a perda de orientação temporal e unilinear, tendo em vista a sua dissolução. Assim, Castells (1996) traz

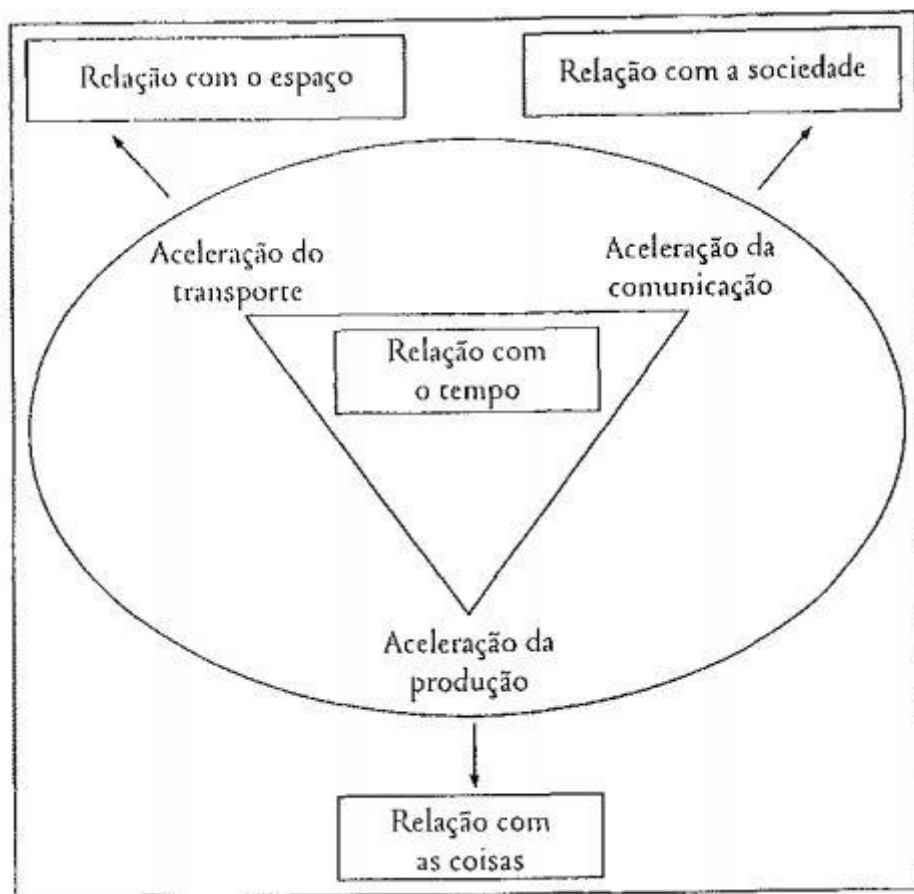
ao debate o tempo atemporal, que na perspectiva de Rosa, dialoga com o espaço alocal visto acima.

Proponho a ideia de que o tempo atemporal, como categorizo a temporalidade dominante em nossa sociedade, ocorre quando as características de um contexto dado, nesse caso o paradigma informacional e a sociedade em rede, induzem uma perturbação sistêmica na ordem sequencial de fenômenos realizados naquele contexto. Tal perturbação pode assumir a forma de uma compressão da ocorrência de fenômenos, tendo por objetivo a instantaneidade ou, ainda, de uma introdução de descontinuidades aleatórias na sequência. A eliminação do sequenciamento cria um tempo indiferenciado que é o mesmo que a eternidade. (p. 464).

Com a perda do tempo cronológica que Castells aponta, novas formas de percepção do mundo, de se relacionar com a sociedade e novas orientações surgem. Ou seja, um rearranjo tanto externo quanto interno no que diz respeito ao indivíduo. Deste modo, as transformações do regime Espaço-Temporal não se mostram como as únicas advindas da aceleração técnica.

Figura 3- A aceleração técnica e mudança das relações com o mundo.

Fonte: ROSA (2019, p. 203)



A imagem acima sintetiza, de forma simplificada, as transformações das relações dos indivíduos com o mundo por meio da aceleração técnica e da temporalidade. Os três pontos de transformação — comunicação, transporte e produção — alteram, respectivamente, a relação com a sociedade, com o espaço, e com as coisas, isto é, as estruturas materiais. Desta maneira, as relações seguem a lógica da modernização (ROSA), isto é, a fluidificação, a transitoriedade, a liquidez como regra, para evocar Bauman em seu diagnóstico sobre o mundo efêmero (2001).

Perde-se a necessidade da conexão física, geográfica para a consolidação de relações, assim, o que torna a mediação material deixa de ser aproximação, para ser a conexão, o que facilita e ao mesmo tempo superficializa, os tornando frágeis. “A aceleração técnica dos transportes anula a ligação arcaica entre sujeitos e espaços territorialmente limitados” afirma, Rosa (2019, p. 204), ao

passo que a comunicação conecta “cada um a todos em qualquer lugar e a qualquer momento, representa um pressuposto fundamental para a transformação de relações sociais no processo de modernização” (ibidem).

A aceleração técnica e a comunicação

A aceleração técnica no âmbito da comunicação — com enfoque aqui no campo jornalístico — em termos oficiais, data da invenção da prensa tipográfica por Johannes Gutenberg de Mainz no ano de 1450, embora se saiba que outras nações, como a japonesa e a chinesa, já praticavam métodos de impressão (BURKE, 2006).

A revolução trazida por Gutenberg se soma ao período que antecedeu o surgimento da era moderna, o principal foco de análise de Hartmut Rosa. Tal período ainda se compõe de outras duas invenções que somam ao período aceleratório, a pólvora e a bússola. A partir do surgimento da prensa, a impressão gráfica se espalha pela Europa por meio principalmente dos impressores germânicos, “por volta de 1500, haviam sido instaladas máquinas de impressão em mais de 250 lugares na Europa — 80 na Itália, 52 na Alemanha e 43 na França” (BURKE, 2006, p. 24).

Tendo tais informações como pano de fundo, não cabe a estas páginas um aprofundamento sobre as raízes do jornalismo ou uma sistematização da comunicação, mas apenas um esboço sobre o surgimento do que seria conhecido como o nascimento da imprensa pela prensa tipográfica de Gutenberg em um período pré-moderno. A partir daí, com poucas evoluções tanto da técnica quanto do uso social, salta-se para o século XIX e XX, o período das maiores revoluções tanto no âmbito jornalístico como no âmbito técnico, em que se pode compreender mais precisamente os pontos de aceleração.

Assim, por meio do argumento da aceleração técnica, o teórico do jornalismo Michael Schudson (2010) afirma que tal avanço contribuiu para a revolução no jornalismo ao longo do século XIX tendo em vista que a própria prensa tipográfica de madeira, formulada por Gutenberg, permanecera inalterada, sendo alterada apenas no início do século XIX, quando se trocou a madeira pelo aço, tornando o transporte mais fácil e a qualidade superior.

Para Schudson (2010), o desenvolvimento das ferrovias e depois das comunicações telegráficas alinharam as condições ideais para a aparição de uma imprensa de baixo custo, concomitantemente a uma ampla circulação do produto noticioso. Ao lado disso, nota-se também como a fabricação do papel, que é, de acordo com o teórico estadunidense, “a mais importante evolução técnica” daquele período, dada as condições de produção e sua escassez. E no mesmo sentido de Rosa, Schudson pontua que:

Nenhum desses avanços estava dissociado das mudanças no transporte. O desenvolvimento das ferrovias e canais de navegação no início do século XIX tornou possível aos melhores equipamentos na indústria transformada alcançar um mercado mais amplo (2010, p. 45).

Burke e Briggs (2006) afirmam que em 1865 havia por volta de 90 mil quilômetros em estradas de ferro nos Estados Unidos. No meio da década de 1870, o número chegaria em 320 mil. E se a crescente malha ferroviária possibilitou o aumento da circulação de jornais, as ferrovias também se tornaram notícias.

Em todos os países houve acidentes ferroviários, alguns deles horríveis. Eles se tornaram uma das principais matérias-primas para revistas e jornais (e depois para o rádio e a televisão). Os desastres também eram reproduzidos em gravuras, algumas delas melodramáticas (BURKE, Peter; BRIGGS, Asa, 2006, p. 131)

Nesse ínterim, a invenção do telégrafo possibilitou uma nova lógica de comunicação nas sociedades ocidentais, que por sua vez caminhava lado a lado com o desenvolvimento das ferrovias e nos canais submersos (BURKE e BRIGGS) e inaugurava mais um capítulo da história da mídia. A distância percorrida pela informação transmitida pelos telégrafos se encurtava dia a dia, ao passo que ligava continentes, países, culturas e impérios comerciais. E com o encurtamento do mundo, as notícias chegavam com mais rapidez, assim, as agências de notícias surgiram para trabalhar com os relatos dos acontecimentos entre as fronteiras. A primeira delas, Agência Havas, fundada na cidade de Paris no ano de 1835, seguida da *Reuter Telegram Company*, da cidade de Londres em 1851. O mundo se desenvolvia no sentido de tornar-se, como preconizou

McLuhan (1964), uma aldeia global, e o jornalismo contribuía largamente para esse fenômeno. A informação difundida pelas ferrovias e pelo telégrafo impulsionou, em uma grande onda aceleratório, o século XIX, e isso sem citar o desenvolvimento do rádio.

Deste modo, quando Rosa (2019) disserta acerca da aceleração técnica, a imprensa se encontra no cerne desta questão. O efeito da supressão do espaço pelo tempo, conseqüentemente o avanço e a entrega das notícias, propicia, portanto, uma implosão da imprensa jornalística que se consolidava no local/regional desde o início (TZIMINADIS, 2018). Deste modo, a constante aceleração das técnicas potencializa uma dinamização maior no número de informação, ocorrendo uma perda da consciência em relação aos fatos, tendo em vista o acúmulo de informações diárias. Se nos séculos XVII as informações se davam semanalmente, como aponta Franciscato (2014), as mudanças sociais e científicas do século XX transformou a notícia em um produto não apenas diário, como momentâneo, com notícias novas, de diferentes partes do mundo, a cada minuto.

A circulação dos jornais produziu também uma relação temporal específica conforme o período do dia em que iam para as ruas. O surgimento regular de jornais matutinos e vespertinos foi uma adequação tanto a hábitos dos leitores quanto ao acirramento da concorrência pela possibilidade de levar ao público notícias mais recentes. A dinâmica do ritmo diário de vida nas grandes cidades, por sua vez, contaminou os jornais de tal forma que mesmo a existência de duas circulações diárias não inibia o recurso à edição “extra” durante o dia quando fosse necessário e conveniente (FRANCISCATO, p.114, 2014)

No século XXI, os processos comunicacionais e informacionais se defrontam não apenas com a modificação do espaço e do tempo, como também com a produção infinita de dados, acontecimentos, relatos e uma alteração da forma e da percepção do tempo social. Hartmut Rosa ilustra essa alteração no chamado fenômeno de contemporaneidade dos não contemporâneos como já mencionado anteriormente. O autor ilustra isso em cinco exemplos⁴

⁴ Apenas dois exemplos servem integralmente a esta pesquisa. Para fins de aprofundamento os outros três, em ordem de apresentação proposta pelo autor são: “3) O mesmo vale para o marcante princípio estilístico da Pós-Modernidade cultural, e até mesmo na política e na ciência, coloca lado a lado e conecta variadamente, de forma eclética, com a mesma validade, elementos de época distintas. 4) No palco da

- 1) *Na internet se encontram informações e dados inseridos em diferentes momentos, informando sobre diferentes épocas históricas, lado a lado, sem quebra nem hierarquia, impossibilitando sistematicamente a possibilidade de uma orientação temporal ao deixarem surgir um modelo caleidoscópico e fragmentário no lugar de cronologias ordenadas e estáveis* (ROSA, Hartmut, 2019, 199-200).

Sobre o exemplo acima, é possível rememorar a afirmação do teórico do jornalismo Adelmo Genro Filho (1987, p. 211) que acredita que “ao separar as notícias e tratá-las de forma descontínua, desintegra e atomiza o real, favorecendo a superficialidade da reflexão e a alienação”. O jornalismo impresso realiza esse feito desde seus primórdios, colocando uma página muitas vezes acontecimentos distintos que interferem em dimensões também distintas na vida cotidiana do cidadão médio. E o jornalismo digital segue a mesma lógica, todavia, agora com as potencialidades que a velocidade impõe.

- 2) *Da mesma maneira, as formas contemporâneas de comunicação assíncronas (e-mail, secretária eletrônica) possibilitam, por assim dizer, “destemporalizar” conexões comunicativas e reativá-las em uma sequência e em um momento quaisquer* (ROSA, Hartmut, 2019, 200).

Com a fragmentação noticiosa nos meios de comunicação, é possível partir da hipótese que o jornalismo contemporâneo, pelo menos em partes — salvo telejornais e programas de rádio — é uma comunicação assíncrona, tendo em vista o consumo personalizado e possível de ser consumido ao longo das 24 horas do dia. Além disso, perde-se a simultaneidade, isto é, “o ato de ler jornais constituía-se em um hábito social [...] em certos momentos do dia, e o conteúdo jornalístico fazia os indivíduos se sentirem participantes [...] das ações e

política internacional, assim como no plano da vida cotidiana, ocorrem sequencial e paralelamente eventos e episódios que parecem pertencer a diferentes épocas da história mundial em uma sequência aparentemente casual [...]. 5) Por fim, a era biológica perde sua função de ordenação sequencial com relação ao curso da vida: fases de aperfeiçoamento técnico podem se alternar com períodos de vínculo profissional; a paternidade e a maternidade são possíveis mesmo em uma idade avançada e até durante a aposentadoria; a vida de solteira pode vir após uma vida conjugal etc. (ROSA, Hartmut, 2019, p. 200 - 201).

decisões que envolviam toda a comunidade” (FRANCISCATO, 2014, p. 108).

Nas palavras de Franciscato:

O surgimento do jornalismo online dificulta, de imediato, a descrição de um fenômeno de 'ritual de leitura' em que a recepção seja executada simultaneamente no mesmo momento do dia por uma comunidade de leitores (restrita ou ampla). Por a estrutura em rede possibilitar fluxos contínuos de informação 24 horas ao dia (embora saibamos que o fluxo seja mais intenso durante o dia e menos intenso à noite), os procedimentos de leitura não irão mais depender de uma cristalização de hábitos coletivos na utilização do tempo diário. Cada indivíduo pode definir seu melhor momento do dia para acessar as páginas online dos jornais, independente do horário de acesso dos demais leitores ou do horário de veiculação de notícias pela organização (FRANCISCATO, 2003, p. 256-257)

Com isso, demarca-se não apenas a aceleração técnica como uma dimensão fenomenológica da aceleração social do tempo como também um fator basilar para a alteração da própria estrutura jornalística e sua constituição em um cenário pós-industrial. O fenômeno da aceleração técnica, como pontuado por Rosa (2019), se delimita como propulsor da aceleração na modernidade, assim como um fator relacional com as outras dimensões.

Aceleração das mudanças sociais

Tendo pontuado a dimensão fenomenológica da aceleração técnica, cabe partir para a segunda dimensão proposta por Hartmut Rosa em sua teoria da aceleração social do tempo, que é a aceleração das mudanças sociais, em que percebe-se um deslocamento da exterioridade para a subjetividade.

De acordo com Rosa, tal aceleração se refere “à velocidade na qual, de um lado, práticas e orientações de ação, e, de outro, estruturas associativas e modelos de relação se modificam” (ROSA, p. 147, 2019). Outrossim, as transformações se autotransformam, e adentram em um processo contínuo de aceleração.

Como um **não** exemplo, o autor cita a substituição da organização de trabalho do capitalismo nascente pelo regime taylorista como uma manifestação da aceleração técnica, e não como aceleração da mudança social. Embora

busque-se a alteração de determinada forma social, o regime taylorista não acelera a mudança social. Deste modo, pode-se pensar os programas de governo com validade de quatro anos como uma aceleração da mudança social pois estão em constante transformação. O autor ilustra a situação com um exemplo do campo da comunicação:

Da descoberta do aparelho de radiodifusão, no fim do século XIX, até sua propagação alcançar 50 milhões de receptores, passaram-se 38 anos; introduzida um quarto de século mais tarde, a televisão precisou, para o mesmo feito, de apenas treze anos, enquanto a internet alcançou em apenas quatro anos 50 milhões de conexões (ROSA, p. 148, 2019).

Todavia, vale assinalar sobre tal dimensão fenomenológica que a simples implantação de uma tecnologia supostamente mais rápida ou avançada, não traz necessariamente em seu bojo uma transformação significativa para o tecido social. Claramente, existem tecnologias que alteram a própria estrutura da sociedade em âmbito cultural ou econômica, mas nem todas elas possuem tal possibilidade de transformação das orientações de ação ou com os modelos sociais de associação.

Neste cenário que se esboça surge então o empecilho de precisar as taxas de mudanças sociais, logo, a dificuldade em como classificar determinada mudança social ainda se torna um obstáculo e, portanto, varia de autor para autor. Para superar tal problema e com o objetivo de delimitar a aceleração das mudanças sociais, Rosa (2019) faz uso do conceito de **contração do presente** de Hermann Lübbe e concomitantemente também desenhada na teoria dos sistemas de Niklas Luhmann. O presente, conforme Lübbe, define-se como o período de duração cujo o espaço de experiência e horizonte de expectativa ainda não foram modificados, assim, um processo em que ocorre a redução dos espaços temporais em que se pode calcular com constância as condições da vida material. A partir desse entendimento, percebe-se uma contínua contração do futuro, tendo em vista os apontamentos de Rosa (2019), isto é, a constante obsolescência social e cultural sincronicamente ao aumento do adensamento de inovações. Nas palavras de Rosa a partir de Lübbe

A aceleração da mudança social pode ser definida como um aumento das taxas de expiração de experiências e expectativas orientadoras da ação, e como encurtamento dos intervalos de tempo que, para cada esfera funcional, de valor e de ação, podem ser determinados como presente (ROSA, p. 152, 2019).

Em consequência, vislumbra-se na sociedade da aceleração, no diagnóstico formulado por Rosa, uma contração em âmbitos sociais, ou seja, na política, na cultura, na economia, e na educação, e também nos arranjos familiares, dentre outros possíveis. As orientações que determinam as ações da vida cotidiana se fluidificam em uma constante, alterando tanto perspectivas culturais quanto sociais. Como, sobre este ponto, acrescenta o autor:

Naturalmente é concebível, ainda, que esse processo de contração apresente, em distintas esferas, diferentes velocidades, e que ocorra uma inércia ou, em âmbitos sociais determinado, até mesmo um ‘alongamento do presente’, o que pode conduzir ao fenômeno da crescente dessincronização social (2019, p. 152-153).

Com o auxílio de Niklas Luhmann, Rosa traz ao debate o fato de que passado e futuro, tendo em vista o encurtamento do tempo em decorrência da contração do presente, necessitam ser modificados em espaços de tempo cada vez menores. “Para Luhmann é menos a mudança social de fato que se torna um problema, mas antes a instabilidade dos horizontes de tempo e das bases de seleção” (ROSA, 2019, p. 154).

Rosa destina grande parte de sua análise sobre a aceleração das mudanças sociais ao desenvolvimento deste fenômeno nas estruturas familiares, aos modos de trabalho e às relações sociais. Assim, ao longo do processo de transição da modernidade clássica para a modernidade tardia, a velocidade da alteração das estruturas de orientadoras de ação e as taxas de expiração de experiências se tornou de *intergeracional*, no âmbito da modernidade, para um equilíbrio geracional no auge do período da modernidade clássica, para então desaguar em uma velocidade *intrageneracional*. Neste sentido, o período da Modernidade Tardia é marcado pelo aumento das taxas de divórcios e segundos casamentos, haja vista a velocidade infrageracional.

Em relação ao trabalho na modernidade tardia, o mesmo é caracterizado por uma troca constante de empregos e pela instabilidade, e raramente, como afirma Rosa, “possuem a duração de uma vida profissional: múltiplas trocas de profissão e ocupação ao longo de uma vida profissional” (ROSA, 2019, p. 218). Uma estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), denominada *A rotatividade dos jovens no mercado de trabalho formal brasileiro (2013)*, mostra que 72,4% dos jovens se desligam de seus empregos no período de um ano, isto é, 7 em cada 10. Além disso, os contratos mais instáveis funcionam como uma porta de entrada para os trabalhos, e embora esta questão não seja basilar para a rotatividade no mercado de trabalho, ela funciona como uma plataforma estrutural para a precarização do emprego. Neste sentido, a própria tecnologia infla e contribui para a desregulação de leis trabalhistas, precarização e informalidade.

Em outra pesquisa realizada pelo IPEA, intitulada *Na era das Máquinas, o Emprego é de Quem? Estimação da Probabilidade de Automação de Ocupações no Brasil (2019)*, apresentou resultados sobre o futuro do trabalho e da automação no Brasil. O relatório constata que atividades que exigem menos cognição e se configuram como rotineiras tendem a ser substituídas por robôs ou inteligência artificial. Outras que possuem em sua base a interpretação subjetiva e o cuidado, devem se manter por pelo menos no curto/médio prazo.

A tese que se funda nessa dimensão aceleratória por meio da teoria de Hartmut Rosa, une as alterações veloz dos saberes, das orientações de ação, de elementos estruturais, que contrai presente e reduz, drasticamente, o tempo em que costumava prevalecer certa seguridade frente as condições da vida cotidiana. A mudança da estrutura familiar, dos empregos e das relações sociais, como expostas acima, se tornam sintomas de uma aceleração das mudanças sociais.

No texto *Capitalismo Tardio e a Sociabilidade Moderna (1998)*, os autores Fernando Novais e João Manuel Cardoso de Mello ilustram as transformações ocorridas em solo brasileiro e concernem, em uma fotografia do momento, as mudanças sociais e as alterações daí decorridas.

Os mais velhos lembram-se muito bem, mas os mais moços podem acreditar: entre 1950 e 1979, a sensação dos brasileiros, ou de grande parte dos brasileiros, era a de que faltava dar uns poucos passos para finalmente nos tornarmos uma nação moderna. Esse alegre otimismo, só contrariado em alguns rápidos momentos, foi mudando a sua forma. Na década de 50, alguns imaginavam até que estaríamos assistindo ao nascimento de uma nova civilização nos trópicos, que combinava a incorporação das conquistas materiais do capitalismo com a persistência dos traços de caráter que nos singularizavam como povo: a cordialidade, a criatividade, a tolerância. De 1967 em diante, a visão de progresso vai assumindo a nova forma de uma crença na modernização, isto é, de nosso acesso iminente ao 'Primeiro Mundo' (NOVAIS, F. A.; MELLO, J. M. C. de. 1998, p. 560)

O espírito da época [*zeitgeist*], sempre a poucos passos da mudança, do novo, da modernidade, se materializava na vida cotidiana por meio da industrialização que se instalava no país e alterava, portanto, os modos como a sociedade não apenas se estruturavam, mas como ela se ritmizava. Assim, os autores partem, em suas próprias palavras, de uma análise otimista para a desilusão, que se altera desde os novos padrões de consumo até a migração rural para as metrópoles que se formavam na segunda parte do século XIX.

Declives escorregadios: a aceleração e o aumento de contingências

Deste modo, tendo a definição de aceleração das mudanças sociais consolidada, e no bojo disso alguma de suas complexidades e empecilhos, Rosa desdobra o conceito para ampliar seu espectro de atuação na subjetividade humana e explora seus limites, tanto teóricos quanto empíricos. Para isso, localiza em um trecho de Goethe (2020) em *Eletivas*, parte dos reflexos do fenômeno analisado:

É suficientemente ruim [...] que agora não se possa aprender mais nada para a vida inteira. Nossos antepassados seguiam os ensinamentos que receberam em sua juventude; mas nós temos que, a cada cinco anos, reaprender, se não quisermos ficar completamente fora de moda” (p. 28)

Parte-se do excerto acima uma compreensão sensível e destinada a vida cotidiana, de maneira menos teórica sobre o impacto da aceleração das

mudanças sociais tanto na percepção do tempo quanto dos saberes. Embora o livro tenha sido escrito no começo do século XIX, ou seja, no amanhecer dos períodos aceleratórios investigados por Rosa, o fenômeno descrito por Eduard, personagem do romance, encontra eco na contemporaneidade.

Karl Marx em *O manifesto comunista* (1998), ao descrever um ideal de expansão social e transformação da vida material por meio de uma força dialética — que ao mesmo tempo que destrói atua na reconstrução — conclama que tudo o que era sólido desmancha no ar. Dessa premissa guardada em uma simples oração, outros autores como Berman (2007) e Bauman (2001) se debruçaram para refletir e teorizar sobre as transformações culturais e sociais pela qual as sociedades experimentavam de modo cada vez mais frenético .

E no meio desse cenário de rápida transformação e alteração das bases de saber, o jornalismo atua como mediador dos processos sociais e simbólicos desde seu surgimento. Todavia, primeiramente, cabe ressaltar aqui o papel jornalístico no que tange a construção da atualidade, que de acordo com Franciscato (2003), que ao analisar o surgimento da noção de atualidade jornalística como fator demarcador, extrai de sua formação sócio-histórica, cinco categorias descritivas, sendo elas a 1) *instantaneidade*; 2) *Simultaneidade*; 3) *Periodicidade*; 4) *Novidade*; e 5) *Revelação Pública*. Todavia, detêm-se nestas páginas a atenção para somente três categorias propostas pelo teórico alemão Hartmut Rosa para, enfim, auxiliar na compreensão da aceleração das mudanças sociais no âmbito jornalístico.

Assim, a **instantaneidade** se caracteriza pela ausência de tempo entre o relato de um acontecimento e sua transmissão ao público receptor, que ao longo da história se desenvolve por um aumento gradual, e não de forma imediata. Como já delimitado anteriormente, a aceleração técnica impulsionou as possibilidades de contração do presente, concomitantemente, à transmissão noticiosa.

A **simultaneidade**, que parte do senso comum descrevendo, portanto, duas ou mais ações que ocorram em um mesmo período temporal, no âmbito da perspectiva dos jornais seria a do vínculo dos conteúdos e também da forma de

o ler. O fenômeno se complexifica ao adquirir no hábito de leitura dos jornais no que tange ao ritual de leitura.

E por último, a **periodicidade**, que conforme afirma Franciscato (2003), “produzir e disponibilizar notícias com regularidade tornou-se um dos marcos sociais e culturais dos dois últimos séculos, afetando diversas relações, conteúdos e procedimentos sociais.” (p. 166), se tornando assim, um aspecto temporal próprio do jornalismo. Tal como a instantaneidade, a periodicidade foi tomando corpo ao longo do tempo histórico, pois a ausência dela em alguns momentos se transformava em vantagem e outros, em desvantagem. Nesse ínterim, surge a necessidade social por notícias em períodos regulares e em intervalos cada vez menores, que de acordo com o autor, se desenvolve por uma combinação de fatores como:

o imperativo do acompanhamento do desenrolar dos eventos, a necessidade de se sentir pertencendo a uma 'comunidade imaginária' (uma comunidade de leitores ou uma nação), o desejo pelo diversional expresso na leitura de dramas, crimes e catástrofes, a fascinação pelos recursos técnicos e pelo ciclo de produção do jornal etc. Em outro extremo, a organização crescente de um processo produtivo que aliou capacidade tecnológica e industrial de produção com potencialidades econômicas de uma comercialização crescente e tendente à massificação (FRANCISCATO, 2003, p. 167-168).

As transformações sociais, que se alteram com cada vez mais frequência, sendo muitas delas impulsionadas pela aceleração técnica, chegam mais rápido ao consumo do indivíduo, e com base nas cinco categorias propostas por Franciscato, constrói-se, historicamente, o senso de atualidade, e com base nas três ressaltadas, esse senso se dinamiza em torno da lógica da aceleração. A notícia então passa a ter um período de utilidade menor com o passar do tempo. Como ressalta o velho axioma, que se prova cada vez mais verdadeiro, “jornal velho só serve para embrulhar peixe⁵.

⁵ Em uma coluna do dia 09 de novembro de 2008, o Ombudsman da Folha de São Paulo Carlos Eduardo Lins da Silva, publicou um texto intitulado **Notícia velha para embrulhar peixe**, em que ressaltava como o fetiche da velocidade (MORETZSOHN, 2002) fez com que, nas palavras do autor, “Na quarta, só 52 mil das 330 mil cópias saíram com a notícia de que Obama havia sido eleito porque o jornal preferiu não esperar para não chegar atrasado

Aliás, o próprio pensar no material impresso jornalístico se prova pensar múltiplas temporalidades, tendo em vista a diminuição crescente desse ramo. Em uma pesquisa⁶ divulgada em 2020, o Instituto Reuters aponta uma queda de 50% em 2013 para 23% em 2020 no que diz respeito ao consumo de jornais impressos no Brasil. E no mesmo período um aumento de 23% para 76% no consumo noticioso por dispositivos móveis. Sobre a mudança a pesquisa resume: “Pela primeira vez desde o início da pesquisa, as redes sociais ultrapassaram a televisão em termos de consumo de mídia para notícias. O uso de notícias do smartphone está estável, enquanto o uso de computadores diminuiu. O número de leitores impressos caiu pela metade desde 2013 e a crise do COVID-19 deve atingir fortemente o setor⁷.”

Sobre a lógica do tempo real, Hartmut Rosa (2019) encontra na introdução dos jornais diários na segunda metade do século XVIII, e sua duração já efêmera dos acontecimentos, um sintoma anacrônico. Para o autor, a simples produção noticiosa não equacionaria imediatamente em uma produção da aceleração real dos movimentos sociais e de seus respectivos processos. De acordo com Rosa, existe, portanto, uma correlação que se dá por base da aceleração técnica, que por sua vez possibilita uma ampla difusão dos relatos sobre as mudanças sociais, e, por fim, uma reação⁸ da sociedade a essas mudanças propelidas pelas notícias, que como define Sodré (2009, p. 24) “é o relato de algo que *foi* ou que *será* inscrito na trama das relações cotidianas de um real-histórico determinado”.

Neste cenário, a contração do presente — conceito esboçado em linhas anteriores — torna-se um fenômeno chave, tendo em vista que o “saber do mundo” é alterado constantemente em um período temporal cada vez menor. Para Rosa:

Uma vez mais, é antes a instabilidade que a mudança de fato a responsável pela perda de certeza em várias áreas: as

⁶ Pesquisa realizada pelo *Reuters Institute* intitulada *Digital News Report 2020* que analisou as transformações do consumo jornalístico em 40 países na Europa, na América, na África e na Ásia.

⁷ No original em inglês: “For the first time since the survey started, social media overtook television in terms of media consumption for news. Smartphone news use is stable, while the use of computers declined. Print readership has halved since 2013 and the COVID-19 crisis is likely to hit the sector hard.”

⁸ Nesse sentido, pode-se pensar como base as alterações que o jogo político propicia no campo econômico, principalmente no mercado financeiro.

circunstâncias reportadas geralmente ainda se mantêm mesmo seis horas depois, mas elas *podem* ter se modificado, ao menos no que se refere a sua relevância (2019, p. 232).

Em 1921, a informação jornalística se delimitava apenas no espaço material das folhas de jornal. O exemplo abaixo, de mesmo ano, ilustra a situação.



Figura 4 - Primeira Página do jornal Folha da Noite – 21/02/1921

Fonte: Acervo Folha de São Paulo

Com sete chamadas, sendo uma apenas para um pequeno conto literário, a seleção noticiosa trabalhava de modo criterioso para compor a primeira página⁹ de um jornal. Os temas, no caso em questão giram em torno da economia, da política nacional, política externa, homicídio, e uma entrevista, além de uma chamada sobre o surgimento do próprio jornal, o Folha da Noite, que em breve¹⁰, ao lado da Folha da Manhã e da Folha da Tarde, se tornaria o jornal *Folha de São Paulo*.

Pensar em uma primeira página como essa é automaticamente vincular-se ao passado, em uma época que se desenvolvia sob uma outra lógica temporal. Os textos noticiosos ocupando linhas e linhas e beirando as margens, materializam a frase-slogan do jornal estadunidense *The New York Times*, *All the News That's Fit to Print*. À época, o papel era pouco e o custo de manutenção muito alto. Não se podia perder nada, mas percebe-se, em âmbito de primeira página, notícias e temáticas até muito provincianas, e que em algumas décadas a frente seria já impossível de imaginar, como por exemplo um homicídio sem grandes personalidades ou grandes questões. Muito menos, ainda no exercício de imaginação, cabe localizar um conto literário na primeira página de um jornal.

Com o fenômeno aceleratório tornando-se cada vez mais arraigado dentre os diversos âmbitos da sociedade, a notícia acabar por se transformar em uma forma, não apenas simbólica, mas incipiente da “economia da atenção” (SODRÉ,

⁹ Sobre o estatuto de importância da primeira página “um assunto necessariamente passa por várias etapas de seleção. Nas editorias específicas, como, por exemplo, a de ciência, o assunto precisa passar pelo crivo da equipe e entrar na pauta do que será coberto pelo diário. Precisa garantir seu espaço no jornal, mesmo se outros temas prioritários surgirem, como guerras e questões econômicas e políticas. Deve, ainda, passar pela análise do grupo de editores que decidem a capa do dia. A determinação do que é mais noticiável é um fenômeno negociado, mais do que a aplicação às notícias de critérios independentemente [...] Entre os critérios elencados que podem guiar essa escolha estão: impacto potencial ou real; proeminência de personalidades e instituições que participam dos fatos narrados ou são citadas como fontes nas matérias; presença/ausência de conflito de interesses, opiniões, atitudes entre personalidades, instituições e partidos; proximidade geográfica; novidade/'anormalidade' atribuída ao fato; existência de material visual atraente; nível de experiência dos jornalistas; competição com outros veículos; diferenças supostas ou mensuradas nas audiências, que podem levar os jornalistas a avaliar distintamente o que é mais interessante para o seu leitor (MEDEIROS, RAMALHO, MASSARINI, 2010).

¹⁰ Folhas da Manhã, da Tarde e da Noite se uniram sob um só título, Folha de S. Paulo, há 60 anos. ver em << <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/folhas-da-manha-da-tarde-e-da-noite-se-uniram-sob-um-so-titulo-folha-de-spaulo-ha-60-anos.shtml> >>

A primeira página do nova-iorquino *The New York Times* traz em seu bojo diversas prerrogativas, como a economia de atenção, por hierarquizar a informação mais importante e trabalhar com fotos, com o intuito de ilustrar a matéria e convidar o possível leitor-consumidor. Como também aponta, aos possíveis leitores, as transformações pelas quais o mundo passa naquele tempo histórico.

Figura 5 - Primeira página do jornal The News York Times - 21/07/1969

39

Assim, o pouso do estadunidense Neil Armstrong em 1969, em plena guerra fria, colocou ao mundo, então dividido em blocos soviéticos-socialistas contra capitalistas, um novo *status* frente a novas possibilidades. A conquista do espaço, que ocorria desde o lançamento do satélite Sputnik em 1957 pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (U.R.S.S.) fora alçando, literalmente, voos maiores e apresentando às sociedades a aceleração da técnica, da vida, das possibilidades. Como por exemplo a capa da *Folha de São Paulo* de setembro de 1974, que trazia, como manchete, a inauguração do primeiro metrô do Brasil, entre o trecho Jabaquara – Vila Mariana, e que transportava na época, uma média diária de passageiros de apenas 2.858¹¹.

¹¹ Para mais informações sobre a história do metrô paulistano ver << <http://50anos.metrosp.com.br/> >>

Figura 6- Primeira página Folha de São Paulo - 14/09/1974

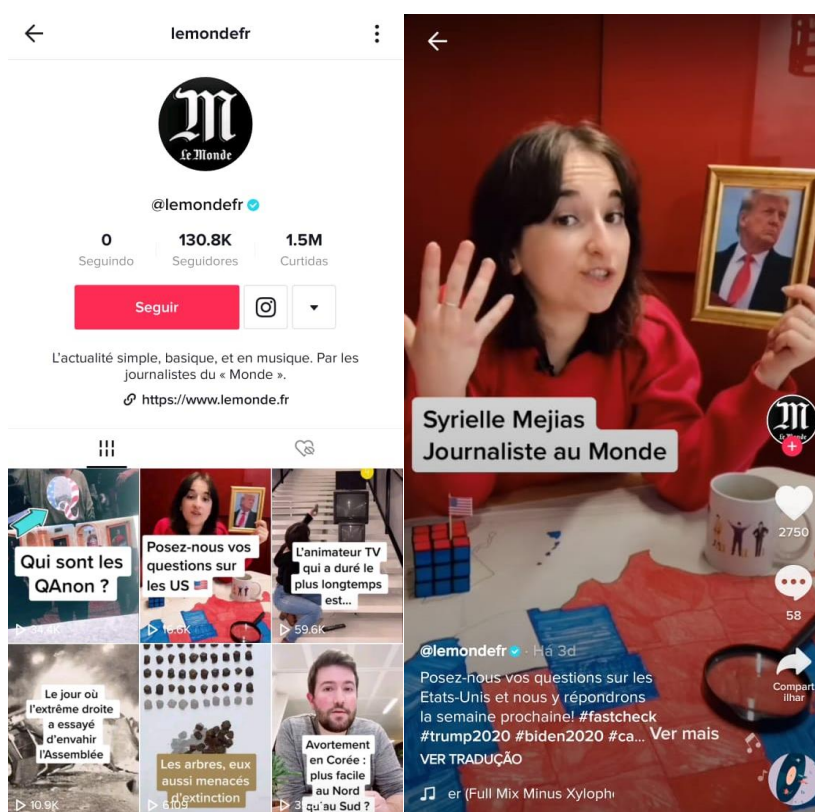
Fonte: Acervo online do jornal Folha de São Paulo



As três capas expostas aqui, além de mostrarem aspectos que transformam as sociedades, desde o grau mais rotineiro até o mais tecnológico, traz em sua essência o viés aceleratório, seja no político, no social, ou no cotidiano das metrópoles. Mas para além disso, está o papel jornalístico que atua sob a lógica de cobertura de um dia, como a própria etimologia da palavra

precede (RAMONET, 1999). Isto é, as capas, e o conteúdo da edição em si, norteavam-se por este recorte temporal prioritariamente. Não obstante, o fenômeno aceleratório, com o advento da internet e dos dispositivos móveis ganhou outros contornos. As edições dos jornais online passam a atualizar cada vez mais suas manchetes e notícias (ROSA, 2019), concomitantemente ao alargamento das possibilidades de consumo, como os portais propriamente, os *newsletters*, os *podcasts*, as mídias sociais, dentre outras que surgem ao longo do tempo e que são apropriadas pelo jornalismo, como a rede social que mais cresceu em número de usuários em 2020¹², o TikTok, onde o *Le Monde*, jornal francês, mantém uma conta ativa com mais de 130 mil seguidores.

Figura 7- Perfil do jornal francês *Le Monde* na rede social TikTok



O próprio TikTok, ao lado de outras redes sociais que fazem uso do mesmo recurso, pode ser enquadrado como a materialização da contração do presente, tendo em vista que os vídeos produzidos ali duram entre 15 a 60 segundos. O *Le Monde*, explora o curto período temporal para dialogar

¹² De acordo com o relatório de outubro de 2020 produzido pela We Are Social e Hootsuite.

principalmente com jovens, de maneira ágil e com uma linguagem de fácil compreensão, seja explicando assuntos complexos, como as eleições estadunidenses ou desmentindo boatos e desinformação no período da pandemia do novo Coronavírus (Sars-Cov-2).

Deste modo, tendo em vista o exposto nas linhas acima, cabe trazer aqui algumas consequências a subjetividade dos indivíduos ao se situarem em uma sociedade de rápidas transformações estruturais. Assim, partindo da metáfora do deslizamento de terra, Rosa subscree o indivíduo e seu “estar no mundo”, isto é, seu sentimento existencial [*Daseinsgefühl*] diante a modernidade-tardia. “Através do conceito “*slippery-slope*”, com o qual quis dar uma expressão ao fato de que quase todas as áreas da vida estarem marcadas sob a percepção de se estar em um declive escorregadio” (ROSA, 2019, p. 228). *Slippery-slope*, ou declives escorregadios, sintetiza o estado mental não apenas dos indivíduos cerceados pelas aceleradas transformações sociais, como também aqueles que entendem, e buscam no jornalismo, um mediador eficaz para as transformações sociais. Todavia, entende-se nestas páginas, que a própria instituição jornalística, como se verá mais à frente, insere-se no círculo aceleratório.

Deste modo, a sociedade, urbana e ocidental, adentra em um processo de corrida contra o tempo, contra o anacronismo de si. A vida passa a requerer uma atualização constante, como afirma Rosa (2019), tanto do *hardware* quanto do *software*, e nesse sentido o próprio conhecimento de mundo está em disputa. O jornalismo, a partir desse estado social, contribui ativamente para a transformação das estruturas norteadoras de ação, tendo em vista o surgimento do *bios* midiático (SODRÉ 2012) que corrobora para a aceleração dos processos e faz com que o tempo atue sob a “a lei estrutural do valor, ou seja, o *capital*” (SODRÉ, 2009, p. 85).

Com a aceleração dos processos sociais e consequentemente a efemeridade presente neles, Rosa (2019) argumenta para os fenômenos de dessincronização decorrente das altas taxas de alteração e do ritmo possível de acompanhamento para essas mudanças. Cabe aqui, portanto, deslocar esse entendimento de dessincronização para o campo jornalístico, isto é, produção recepção/consumo de notícias. Tendo em vista a expansão da oferta noticiosa,

e suas múltiplas plataformas possíveis para o consumo, além claro, da importância de se estar informado na modernidade-tardia, a dessincronização se torna um fenômeno contemporâneo, pois nunca antes houvera tanta oferta noticiosa de tantas fontes.

Neste cenário, parte-se para efeitos de compreensão, da metáfora do calidoscópio informacional, que se constitui de uma imagem externa – o acontecimento – para a reconstrução do mesmo por parte dos inúmeros meios de comunicação, ao passo que o ritmo natural e de vida de cada indivíduo, forma, subjetivamente, dado sua experiência empírica e carga intelectual, combinações informacionais. Partindo de Deleuze e Guattari:

O acontecimento não é absolutamente o estado de coisas, ele se atualiza num estado de coisas, num corpo, num vivo, mas ele tem uma parte sombria e secreta que não para de se subtrair ou de se acrescentar à sua atualização: ao contrário do estado de coisas, ele não começa, nem acaba, mas ganhou ou guardou o movimento infinito ao qual dá a sua consistência (1992, p. 202).

No ritmo acelerado de transformações e de consumo, a paisagem do calidoscópio informacional não cessa. A instabilidade das formas impera e transforma o mundo em uma constante instável, no sentido de ser impossível prever ou criar alguma conexão com o futuro, por isso, todas as opções ficam em aberto, isto é, como descrito como Niklas Luhmann, a temporalização da complexidade.

Aceleração do ritmo da vida e os paradoxos da experiência temporal no campo jornalístico

Por fim, a terceira dimensão fenomenológica da aceleração social do tempo se desenvolve com base no aumento do **ritmo da vida**¹³, que se define como a escassez dos recursos temporais, a ausência de tempo, e que está vinculada não apenas à aceleração das mudanças sociais, mas sobretudo, de forma paradoxal, com a aceleração técnica, ocorrendo tanto como um aumento

¹³ No âmbito tanto latino-americano quanto brasileiro existe uma defasagem enorme relacionada a pesquisas que se debruçam sobre o uso do tempo por parte de suas respectivas sociedades. O que se tem, com certa margem de uso, se delimita acerca de tempo, trabalho e gênero/classe social.

da velocidade da ação quanto como a transformação da experiência temporal (ROSA, 2019). O aumento do ritmo da vida se difunde em diversos âmbitos, desde a velocidade do caminhar, a velocidade do trabalho ou a precisão dos relógios públicos (LEVINE *apud* ROSA, 2019). A velocidade da vida social, assim como as mudanças sociais, costuma variar de perspectiva dependendo do objetivo do autor, como também a própria natureza dessa velocidade. Essa dimensão aceleratória delimita-se de forma dupla como aponta Rosa (2019), isto é, pode ser analisada tanto de modo objetivo quanto de modo subjetivo, de maneira que

Uma vez que a intensificação do ritmo da vida deve ser entendida como consequência de um escasseamento de recursos temporais, significando que o aumento da ‘quantidade’ de ações ultrapassa o aumento técnico da velocidade de execução, ela se manifesta subjetivamente num aumento de sentimento de carência de tempo, de pressão temporal, da estressante obrigação da aceleração, além do medo de ‘não conseguir acompanhar o ritmo’ (ROSA, 2019, p. 157).

As sensações descritas acima pelo autor alemão, constituem uma peça-chave para compreender as sociedades industrializadas e sua constante sensação da passagem do tempo acelerado. Tal aumento de indicadores, como demonstram pesquisas empíricas em tais sociedades, descrevem uma considerável expansão da demanda temporal desde o século XVIII (ROSA, 2019), ao passo que o ritmo da vida, em uma linha historiográfica, se acelera continuamente. Neste sentido, cabe ressaltar aqui o papel desempenhado pela introdução das novas tecnologias, que reduzem o tempo de determinadas ações, do mesmo modo que o número de ações a serem executadas crescem, aumentando assim os processos subjetivos de pressão temporal. Rosa também aponta para a necessidade clara de se ater não apenas ao fenômeno sociopsicológico presente na aceleração do ritmo da vida como também para a consideração dos fatores culturais.

Para efeito de compreensão sobre as complexidades propostas no entendimento de Rosa sobre sociedades industrializadas e aceleração do ritmo da vida, cabe refletir aqui acerca das múltiplas temporalidades que o geógrafo baiano Milton Santos (1997) traz, negando assim a existência de um Tempo Mundial. Desse modo, as reflexões aqui expostas sobre o fenômeno da

aceleração entendem as limitações do próprio fenômeno, acertando assim as diferenças entre sociedades europeias, latino-americanas ou asiáticas.

O tempo hegemônico é o da ação e dos atores hegemônicos e o tempo não hegemônico é o da ação e dos atores não hegemônicos. A ideia de tempos hegemônicos supõe também a ideia de tempos hegemônizados. Vejamos um exemplo. Pode-se falar de um tempo único da cidade, ou de um tempo único regional, como sealaria de um tempo universal único? Grupos, instituições, indivíduos convivem juntos, mas não praticam os mesmos tempos (...) Os ritmos de cada qual - empresas ou pessoas - não são os mesmos. Talvez fosse mais correto utilizar a expressão temporalidade em vez da palavra tempo" (SANTOS, 1997, p. 45).

A partir desse entendimento, pode-se pensar a aceleração como um fenômeno muitas vezes localizado, e que embora possa parecer algo global, que cruza a sociedade do mais rico ao mais pobre, a aceleração não se dá de modo homogêneo, mas acima de tudo se delimitando em metrópoles ricas e em indivíduos inseridos nos processos tardo-modernos.

O parâmetro objetivo do ritmo da vida

De maneira **objetiva**, a aceleração do ritmo da vida se mensura por um “encurtamento ou adensamento de episódios de ação que podem ser verificados principalmente através de estudos de uso do tempo” (ROSA, 2019, p. 155.) Isto é, pode-se categorizar o parâmetro objetivo em três níveis: 1) o agir (andar, mastigar, ler mais rápido); 2) as pausas e tempos vagos podem ser eliminados ou reduzidos; 3) a simultaneidade (*multitasking*).

Nesse interim, ocorre o fenômeno do adensamento não apenas de ações como também de experiências, tendo em vista que a ação e a experiência, conforme postula-se a teoria da aceleração social, crescem concomitantemente, se tornando um adensamento da experiência. Desse modo, Rosa, mais uma vez, traz um exemplo do campo da comunicação para lançar sobre ele, reflexões sobre o adensamento da experiência e a aceleração.

Na redução da duração de comerciais televisivos da CNN em 1971 para, naquela época, extremamente vanguardísticos trinta segundos – hoje eles duram apenas cinco segundos. O espectador é exposto, a cada cinco segundos, a completamente transformados ‘conteúdo’ da consciência’, cada qual com sua própria estrutura narrativa fragmentar.

Ainda mais rápido é o contemporâneo 'zapear' dos canais de televisão, de modo que troca-se o programa, em média, a cada 2,7 segundos (ROSA, 2019, p. 245).

Harmut Rosa argumenta para a consequência dessa dimensão aceleratória no que diz respeito a fragmentação temporal e sua “dissipação de fronteiras entre formas, lugares e horários das atividades” (ROSA, 2019, p. 258). Mas não apenas isso, com o avanço da modernidade tardia e o aumento aceleratório das dimensões fenomenológicas tratadas aqui, surge, decorrente da própria fragmentação temporal, a diminuição das janelas de atenção, o que ocorre pela oferta de bens e informações que são dispostas cotidianamente a todos os indivíduos, em distintas esferas da vida social. O aumento de recursos temporais possibilita o gasto dele em atividades, à medida que essas atividades aumentam. No âmbito jornalístico, pode-se consumir o conteúdo em vídeos, texto ou som, ao passo que a duração média de consumo que se pode dedicar a cada um desses três formatos cai drasticamente. A lógica pode, de mesmo modo, ser aplicada ao próprio jornalista, que tendo que realizar a cobertura de diversos acontecimentos ao longo do dia, deve reduzir o período dedicado a cada um desses acontecimentos, o que por sua vez pode refletir na queda de qualidade da matéria ou em sua superficialidade, afetando assim a própria discussão pública do assunto

A própria aceleração técnica transformou os parâmetros da racionalidade temporal que até então eram estabelecidos, tendo em vista os processos sociais decorrentes dos mesmos. Rosa (2019) cita, ao debruçar-se sobre a questão, o exemplo da carta. O autor afirma que “esperar sete dias por uma resposta de uma carta que demorou oito dias para chegar ao destinatário parece ser tão apropriado quanto seria inapropriado esperar o mesmo tempo pela resposta de uma mensagem de e-mail que chegou após alguns segundos” (p. 253).

Com o avanço técnico, houve, no próprio campo jornalístico, a mutação do tempo de consumo das notícias, ao ponto, de que nos dias que correm, a notícia estar disponível 24 horas por dia, em um movimento constante de atualização, sendo apenas poucas coisas novas, e o resto, um desdobramento dos acontecimentos principais. Há, no cenário aqui esboçado, uma modificação das próprias medidas de tempo, que orientam as ações e norteiam os saberes.

Um bom exemplo do fenômeno vem do jornalismo político, onde a atualização constante, ou, pseudo-eventos, se desenvolve com maior intensidade, pois os critérios de noticiabilidade ¹⁴se deformam conforme o grau político do sujeito envolvido na ação. A reflexão se faz necessária por exemplo, quando se olha para notícias como *Presidente Bolsonaro passeia de moto e cumprimenta apoiadores em Guarujá (SP)* publicada no Portal UOL no dia 31/10/2020, ou *Bolsonaro é picado por emas no Palácio da Alvorada* publicada no *Estado de São Paulo* em 13/07/2020. Ambos acontecimentos tomaram conta dos noticiários e das redes sociais em suas respectivas datas de publicação, entretanto, eles não possuem valor político ou jornalístico algum, pois não alteram a ordem do cotidiano e muito menos a política nacional.

Todavia, no cenário de aceleração social, a noticiabilidade se altera e alarga as possibilidades, tornando assim o jornalismo político — mas não exclusivamente esse segmento — em uma espécie de *reality show* dos e das governantes. Logo, a validade de determinados conhecimentos acerca do mundo material agora muda com muito mais velocidade. A construção social da realidade realizada pelas instituições jornalísticas possui, agora, uma efemeridade muito maior não apenas pela aceleração dos processos em si, como também pela carga informacional produzida, distribuída e consumida, que como as notícias acima, cabem de não servir a nenhum entendimento amplo sobre a realidade.

Parâmetro subjetivo do ritmo da vida

O paradoxo que se estrutura no aumento do ritmo da vida, parte da liberação de recursos temporais oriundos da aceleração técnica em face do aumento do número de atividades, isto é, um processo de crescimento de ações em detrimento da velocidade de realização. Assim, o aumento do ritmo da vida torna-se uma reação ao escasseamento destes mesmos recursos temporais. O impacto na subjetividade, de acordo com Rosa se manifesta principalmente na presença de um sentimento da *passagem mais veloz do tempo*, em que existe uma enorme escassez temporal e sobretudo, acompanhada da constante sensação de estresse. Conforme argumenta Rosa (2019), esse parâmetro

¹⁴ A alteração dos critérios de noticiabilidade jornalístico no cenário de aceleração social do tempo é uma hipótese da pesquisa para o capítulo final da pesquisa aqui desenvolvida até então.

subjetivo ganha corpo na história da modernidade tardia a partir de 1960¹⁵, quando tais diagnósticos começam a aparecer constantemente em pesquisas de países industrializados.

Deste modo, com base na psicologia social e na filosofia da cultura, Hartmut Rosa evidencia dois motivos para a pressão temporal subjetiva decorrente da aceleração do ritmo da vida. O que se segue aqui, portanto, além da definição dos termos propostos pelo autor, é a interpretação dessas consequências para o campo jornalístico. O primeiro motivo elencado pelo teórico alemão diz respeito ao *medo de perder oportunidades*, que vem no bojo do aumento do ritmo da vida no sentido em que todas as oportunidades devem ser aproveitadas ao máximo. Todavia, tal argumento será aprofundado no próximo capítulo desta dissertação, que se concentra nos motores da aceleração social do tempo. Mas adianta-se que, partindo da ideia de “gozar aceleradamente das opções do mundo”, tal premissa atua no âmbito jornalístico por meio da idealização de “se estar sempre bem informado” em um mundo com transformações cada vez mais aceleradas. Aqui se vê a promessa cultural da aceleração, que incide em uma constante busca pela fotografia informacional do mundo em um determinado momento, pois estar atendo as mudanças sociais é estar em uma sintonia com a aceleração.

O segundo motivo concerne à *compulsão por adaptação*, que se torna, para Rosa (2019), “uma consequência da dinâmica estrutural das sociedades tardo-modernas, mais especificamente da *aceleração da mudança social*” (p. 269), em que existe não apenas mudanças nas estruturas material do mundo, como também “dos modelos de relações e estruturas associativas, bem como das formas de prática e orientação de ação” (*ibidem*), e nesse sentido, retoma-se ao entendimento existencial dos declives escorregadios discutido em páginas anteriores. A contração do presente, contribui para não apenas a obsolescência do conhecimento como também para a acumulação da experiência sobreposta por outras diversas atividades e informações. O jornalismo, que se desenvolve e busca se adaptar nesse cenário, emana para o consumidor, uma constante adaptação e busca pela informação, seja sobre checagem de informação, concentração para leitura em dispositivos móveis ou apenas a leitura do texto

¹⁵ Embora como já citado anteriormente exista uma escassez de pesquisas temporais no Brasil, sobre isso ver: Garhammer (1999) e Levine (1999) para pesquisas de uso do tempo

noticioso até o final¹⁶ (TERUEL; PINHEIRO, 2020). Isto é, ao longo da própria história jornalística o consumidor-leitor expandiu a sua própria atuação no processo noticioso, definindo o que será ou não notícia (SODRÉ, 2009).

A partir daí, tendo os dois motivos delimitados, Rosa avança sob o paradoxo temporal subjetivo – que concerne sobre os tempos de realização da ação e o rastro de memória – e traz o não muito explorado paradoxo da televisão, em que a premissa

Significa que o tempo passado por alguém em frente ao aparelho televisor (por exemplo, assistindo a um filme policial), embora apresente todas as características do *curto* tempo vivido (alta densidade de estímulos, envolvimento emocional [...] e a sensação do tempo ‘rasante’), porta-se, já ao desligar da televisão, e mais ainda, nas recordações posteriores, exatamente como o *longo* tempo vivido – ‘não resta nada’, o tempo de recordação se contrai rapidamente, motivo pelo qual respondentes frequentemente relatam um ‘grande vazio’ após consumirem televisão (ROSA, 2019, p. 284-285, grifos nossos)

Deste modo, em um exercício teórico-conceitual, ao se apropriar do padrão curto-curto e aplicá-lo ao processo de consumo jornalístico em dispositivos móveis – mas não apenas nestas plataformas –, retira-se daí algumas premissas que, no que converge ao objetivo dessa pesquisa, são de grande uso, tendo sempre em mente, que a aferição empírica se desenvolve em um estado ainda não testado.

Assim, o consumo jornalístico na contemporaneidade, embora não envolva – a depender do meio e exceto da própria televisão – o indivíduo em ‘horas de ocupação febril’, aplica-se nele estímulos e um envolvimento grande tendo em vista que o tema a ser consumido no âmbito jornalístico muitas vezes envolve, em alguma esfera, a sociedade e o indivíduo.

¹⁶ Em uma pesquisa realizada com mais de 100 acadêmicos de graduação, constatou-se que uma das consequências diretas da leitura de notícias em plataformas digitais inclui a falta de atenção, a ausência de checagem de fontes e a leitura incompleta dos textos (TERUEL; PINHEIRO, 2020)

Figura 8: Paradoxos da experiência temporal

Fonte: ROSA, 2019, p. 287

	Tempo vivenciado	Tempo na lembrança	Exemplo
Paradoxo temporal subjetivo	curto longo	longo curto	viagem de férias sala de espera
Paradoxo da televisão	curto longo	curto longo	filme na televisão, jogos de computador vivências críticas, esporte, segundos de desligamento (?)

Como visto na pesquisa da Reuters, que fora tratada em páginas anteriores, é certo o aumento do consumo jornalístico por meio das mídias sociais e em dispositivos móveis, e nesse sentido, pode-se pensar no tocante aos estímulos emanados por tais plataformas, os processos multitarefas que esses equipamentos tecnológicos propiciam. Isto é, o estímulo ao se consumir uma notícia no navegador se transmuta para a possibilidade de uso de outros *softwares*, ou para aquela ‘espiadinha’ nas redes sociais em abas ao lado, assim como também a velocidade da internet propicia um determinado estímulo.

E tendo esse cenário em mente – os estímulos e o envolvimento com a notícia – Rosa traz para o debate alguns prováveis motivos para a ocorrência do padrão temporal curto-curto na tardo modernidade. Para o autor, a efemeridade da memória – argumento que faz uso aqui também para pensar o campo jornalístico nos dias que correm no que tange aos processos de consumo da notícia – ocorre, em primeiro lugar, por ser *dessensualizada*, isto é, um uso demasiado dos sentidos visuais e auditivos, deixando à margem o sentido tátil e olfativo, “que possuem, reconhecidamente uma maior importância para a memória de longo prazo” (ROSA, 2019, p. 287-288). E em segundo lugar, Rosa elenca o fenômeno da *descontextualização*, que separa experiências, ânimo e

necessidades, ou seja, “é quase totalmente ‘a-contextual’ ou não situável no arranjo (narrativo) de nossa vida” (ibidem).

A descontextualização em que Rosa trata, nas páginas de jornal, rememora o próprio entendimento do pesquisador marxista Adelmo Genro Filho (1987) sobre a fragmentação da notícia em páginas impressas, onde diversos textos podem ser agrupados sem que necessariamente tenham ligação uns com os outros, o que para Genro Filho favorece a superficialidade e a alienação. E nesse sentido, tanto de fragmentação, quanto de estrutura temporal curto-curto, é possível uma vinculação com o *efeito desinformativo* tratado por Loftus e Hoffman (1989). Todavia, o tópico sobre desinformação será aprofundado na última parte deste trabalho.

Categorias de inércia

De acordo com o Rosa, a ação da aceleração temporal provoca o que ele chama de limites críticos das faculdades sensíveis e cognitivas, isto é, Rosa se propõe a analisar os movimentos, orgânicos ou não, que caminham na contramão da aceleração temporal. Para isto, elenca cinco categorias de inércia, embora interesse apenas uma, passa-se rapidamente pelas demais.

A primeira categoria diz respeito aos *limites de velocidade naturais*, que são impostos de modo biológico e químico, inerente e intrínseco ao corpo humano. Neste tópico também está incluso a capacidade cognitiva e subjetiva dos indivíduos, todavia, deve-se compreender, conforme aponta Tziminadis (2018), que a subjetividade ao longo da formação sócio-histórica da humanidade adquiriu certa elasticidade dada pela modernidade.

A segunda categoria trata sobre as *ilhas de desaceleração*, lugares geográficos que ainda não foram tocados pelos fenômenos extremos da aceleração temporal. Tais lugares podem ser como tribos e grupos sociais que preferem o auto isolamento, como se tempo naquele lugar, estivesse parado.

Na Modernidade Tardia, tais ‘oásis de desaceleração’ sofrem uma crescente pressão erosiva territorial, cultural e econômica. A lacuna temporal em relação aos ambientes passíveis e desejos de aceleração se torna cada vez maior e mais cara à

medida que cresce seu ‘efeito de frenagem’ na interseção com o mundo social acelerado (ROSA, p.165, 2019).

As ilhas de desaceleração também podem se dar de maneira artificial, sendo lugares criados para relaxamento e tranquilidade, longe da vida conturbada da cidade, de seus barulhos, luzes e fluxos, longe da Neurastenia¹⁷ de Beard (2002). Neste tópico, é possível falar acerca do *jornalismo lento*, e de como o próprio campo reage a pressão exponencial sofrida pelo fator tempo. Este movimento, surgido em 2007, reclama a ausência de investimento por parte das empresas jornalísticas em narrativas longas de não-ficção e acredita que a hegemonia das chamadas *fast news* devem chegar ao fim. No lugar então surgiria o *slow journalism*, preocupado com a qualidade das informações que chegam até os leitores sem que a pressão do tempo ou o horário de fechamento da edição prejudique (NICKEL, 2018).

Deste modo, Rosa prossegue com a *lentificação como efeito colateral disfuncional*. Um efeito cada vez mais comum nas sociedades modernas que se amplia em diversas esferas da vida social e cotidiana. Os exemplos mais caros desta categoria de inércia podem ser observados nos congestionamentos do trânsito que outrora fora característica apenas de megalópoles, agora se torna visível em cidades de pequeno e médio porte. Todavia, esta categoria não se anexa apenas à técnica, é possível, como aponta Rosa (2019), enquadrar nesta categoria a exclusão dos trabalhadores da vida profissional no sentido em que “os motivos estruturais estejam ligados a um aumento da velocidade e da produtividade no processo de produção, de modo que os afetados [...] não consigam acompanhar o alto ritmo de atividade e inovação exigido na economia” (p.166, 2019). Vale ressaltar que a *lentificação* ocorre também como modo de dessincronização, ocorridos pela aceleração. Um exemplo claro disso é quando

¹⁷ O psiquiatra Beard, no final do século XIX, chama atenção para o que ele vai denominar de Nervosidade Americana – Neurastenia. Ou seja, o impacto das novas técnicas, o avanço da indústria sobre a vida cotidiana. Para ele, “a invenção da imprensa, a expansão do uso da máquina a vapor, na indústria e nos meios de transporte, o telégrafo, a imprensa jornalística, a máquina política dos países livres, as agitações religiosas que são sequelas do Protestantismo [...] além de, mais do que tudo, talvez, o aumento e extensão da complexidade da educação moderna, dentro e fora das escolas e universidades, o efeito inevitável do desenvolvimento da ciência moderna e a expansão da história em todos seus ramos [...]” (BEARD, 2002, p. 178).

se ao buscar algo em ferramentas de pesquisa on-line há um descompasso de velocidade e a lentidão se impõe, acarretando uma frenagem. O que era para ser rápido se torna lento.

A *desaceleração intencional*, a quarta forma de inércia elencada por Rosa ocorre de forma i) ideológica; e como; ii) desaceleração como estratégia de aceleração. A primeira categoria diz respeito às formas de desaceleração consciente que objetivam a demanda e a canalizem ao longo da história, constituído por movimentos que negam a modernização em suas diversas esferas. A segunda categoria diz respeito ao aumento da velocidade pela desaceleração, isto é, parar de maneira consciente para aumento das capacidades. Tzminadis (2018) cita o exemplo contemporâneo de empresas de tecnologias que buscam relaxar seus funcionários com videogames, espaços de descanso, dentre outras maneiras.

Por último, Rosa (2019) nos apresenta a categoria de inércia denominada *enrijecimento estrutural e cultural*. Tal categoria se mostra como uma das mais paradoxais, pois parte da premissa de que em sociedades modernas o movimento temporal se inverte, isto é, do alto grau aceleratório surge o enrijecimento tanto estrutural quanto cultural. Diferentemente das outras categorias supracitadas de inércia, esta surge de modo orgânico no âmbito da sociedade e se difunde de modo silencioso, não permitindo mudanças e cristalizando todos os movimentos contemporâneos. Deste cenário em questão, Rosa, partindo de Virílio, dispõe da expressão que sintetiza a situação: *frenesi em suspensão*

Capítulo II

Motores da aceleração: o jornalismo

O segundo capítulo desta dissertação se propõe a explorar os motores da aceleração social do tempo no âmbito jornalístico. Isto é, quais fenômenos macrossociais sustentam a aceleração temporal seja na produção ou no consumo dos produtos jornalísticos? Para isso, parte-se de dois motores debatidos por Rosa (2019), a economia e a cultura, acrescido de um desdobramento cultural que se estrutura na forma jornalística do texto noticioso, e que na hipótese aqui apresentada, contribui para uma aceleração não apenas da leitura como também da produção.

A economia: tempo é dinheiro

Tal como preconizava Jacques Le Goff (1983, p. 73), “sobre o modelo do dinheiro, à semelhança do mercador que se converte num contador do tempo, desenvolve-se uma moral calculadora e uma piedade avara”. A dinâmica imbricada entre a temporalidade industrial e o capital é disposta desde a idade média como aponta tanto Le Goff como também Martín-Barbero (2015). A relação entre tais dimensões, portanto, se torna um motor (ROSA, 2019) basilar para a aceleração temporal pela qual se defronta a sociedade contemporânea, mas que já traça uma linha histórica muito anterior.

Sendo assim, apontar o dinheiro, ou, de modo mais abrangente e estrutural, o sistema capitalista como um motor da aceleração da sociedade atual, é de certo, tornar-se redundante, pois tal sistema atravessa as condições sociais, materiais e subjetivas dos sujeitos, imbuindo assim os ideais de produção, de crescimento e conseqüentemente de concorrências. Portanto, no sistema capitalista, a aceleração existe com fins de aumento, “numa inescapável condição que permeia as estruturas materiais da sociedade” (ROSA, p. 321, 2019).

Deste modo, por meio da reconfiguração do capital, Rosa aponta que a produção da mais-valia e sua conseqüente enraização na sociedade, dada através da “produção pela produção”, funda um modelo econômico pautado pela necessidade. Nas palavras de Hartmut Rosa, tal modelo “permite que o crescimento escalar da produção e da produtividade, e com eles o anseio pela

vantagem e eficiência temporal se tornem inevitavelmente sistêmico de uma forma de produção que ganhou vida própria.” (p.322).

A reificação do tempo (ROSA, 2019), isto é, a transformação da cronologia do cotidiano em um produto cada vez mais escasso, se origina, em termos teóricos, da máxima de Marx (2011) ao afirmar que toda economia é em si uma economia de tempo.

De acordo com Marx, é possível analisar **primeiramente** o próprio tempo de trabalho, que se torna, como esboçado anteriormente, uma causa decisiva no âmbito da produção, pois se adquire, ao próprio tempo, um valor. Como aponta Rosa, “a aceleração da produção [...] se torna, assim, como consequência do princípio concorrencial, um elemento fundamental da economia capitalista (ROSA, 2019, p. 324)

Outrossim, em **segundo** lugar, a intencionalidade da aceleração técnica e o aumento dos ciclos de inovação, em diversos âmbitos sociais, concomitantemente ao progresso técnico se defronta, na atualidade, com o encurtamento dos ciclos de vida dos produtos, principalmente tecnológicos. A obsolescência, programada ou não, encontra suas bases para uma dinâmica que se retroalimenta e mantém, portanto, os lucros das grandes corporações. Mas além disso, mantém a produção constante e por um valor baixo de produção, acirrando assim a concorrência entre empresas.

Em **terceiro** lugar, Rosa traz por último a própria aceleração da reprodução do capital por meio do princípio dos juros e do ‘desgaste moral’, isto é, a efemeridade da vida útil das máquinas em face da aceleração técnica. Nas palavras do sociólogo, “quanto mais tarda para que o capital investido seja reproduzido, menores se tornam os lucros e as chances ante a concorrências” (ROSA, p. 326, 2019).

Com isso, a premissa estabelecida para com o capital e o uso do tempo é concluída por Rosa (p. 327, 2019)

A velocidade do processo de valorização do capital depende decisivamente da velocidade da circulação, isto é, sobretudo do transporte, armazenamento, distribuição e venda de mercadorias, bem como da aquisição de matérias-primas

A lógica, tal como se verá mais adiante, é, também, apropriada pelo jornalismo, onde a velocidade do giro da notícia muitas vezes determina o sucesso não apenas do fato em si, mas como também o ganho econômico para a empresa de comunicação, tendo em vista a venda maior de jornais/revista ou o aumento do número de cliques em seus portais on-line.

Hartmut Rosa, em um estágio mais avançado de sua teoria da aceleração, encontra no conceito de **estabilização dinâmica** um entendimento basilar para a natureza fenomenológica da aceleração enquanto dimensão temporal, concomitantemente ao lado da dimensão material-factual, isto é, o crescimento, e ao lado da dimensão social, ou seja, o adensamento de inovações. Deste modo, nas palavras do autor, a estabilização dinâmica se caracteriza do seguinte modo:

Uma sociedade é moderna quando apenas consegue se estabilizar dinamicamente; quando é sistematicamente disposta ao crescimento, ao adensamento de inovações e à aceleração, como meio de manter e reproduzir sua estrutura [...] Pois sobretudo a compulsão (material) ao crescimento das sociedades (capitalistas) modernas se revela, em face da crise ecológica do século XXI evidenciada, uma consequência problemática da estabilização dinâmica. (ROSA, p. XI-XII, 2019).

A lógica da estabilização dinâmica delimitada por Rosa expande o conceito de modernidade, que embora não seja o objeto central deste trabalho, é extremamente caro à pesquisa que aqui se desenha. Deste modo de inflexão da modernidade, Rosa abre a possibilidade de não existir apenas um entendimento do que seria ou não a moderna, como admite, por meio da estabilização dinâmica, as “múltiplas modernidades”. Tal como sublinha o autor:

A definição de modernidade dada pela ideia de estabilização dinâmica evita os casos de arbitrariedade [*Beliebigkeitsfalle*] de algumas abordagens, como as do pós-colonialismo, as quais, embora demonstrem sua significância com argumentos convincentes, não são mais capazes de revelar unidade de movimento que se encontra por detrás dessa diversidade. Sob o conceito de estabilização dinâmica, sociedades modernas e não modernas podem ser criteriosamente, e independentemente de sua ordenação histórica, distinguidas — é evidente que sob o preço da possibilidade, de dessa forma, mesmo uma sociedade

manifestamente pré-moderna' poder ser classificada como moderna (ROSA, p. XII-XIII, 2019).

A partir da conceituação de estabilização dinâmica como marcador da modernidade, passa-se a compreender a partir daí um motor basilar para a aceleração temporal que possui, ao fim, suas raízes majoritariamente no âmbito econômico capitalista. A estabilização dinâmica, como exposto por Rosa, impede qualquer tipo de retrocesso ou parada momentânea, acarretando no risco de retrocesso frente a competição econômica e desenvolvimentista. Para o teórico alemão, a compulsão pelo aumento tornou-se o “elemento nuclear do *statu quo* cultural e estrutural” (p. XV, 2019).

Jornalismo e economia da atenção

Embora Marx, ao analisar o processo de acumulação capitalista não tenha se debruçado sobre o processo informacional, ou de modo mais abrangente, a relação intrínseca da comunicação-informação com o capital, para Dantas (2002), tal negligência acarretou em um processo de esquecimento do produto informação e de seu real valor para o capital.

No século XIII, os banqueiros e grandes comerciantes sustentavam redatores profissionais nas diferentes capitais europeias e mediterrâneas para que periodicamente lhes enviassem relatórios sobre fatos políticos, bélicos ou comerciais que pudessem afetar, positiva ou negativamente, os negócios (DANTAS, p. 107, 2002).

Para Dantas, tais relatos, além de evidenciar a relação intrínseca desenhada entre informação e sistema capitalista, evidencia também as origens do moderno jornalismo. Todavia, o capital apenas compreenderia a real dimensão das comunicações a partir da Primeira Revolução Industrial, em que Karl Marx entende essa evolução ao englobar as comunicações ao lado dos transportes de mercadorias, pessoas e também o da informação em si, como cartas e telegramas. E Dantas afirma, “se chegou a tecer algumas considerações sobre o transporte de mercadorias, pois da velocidade da circulação depende a realização do valor agregado na produção” (p. 107, 2002). A velocidade, imbricada desde o início do Capital, apenas conota o caráter não apenas efêmero dos bens materiais e simbólicos, como também o valor agregado.

As vias telegráficas que possibilitavam a circulação mais veloz da informação impulsionavam investidores da Bolsa de valores. Em 1854, 50% da informação transmitida pelos telégrafos eram oriundas do mercado financeiro e apenas 31% em relação a outros tipos de comércio (2002). Tal como Rosa, embora de modo mais inicial, Dantas compreende o círculo aceleratório da seguinte forma:

O telégrafo expandia-se principalmente na medida em que amadurecia o capital financeiro. E o capital financeiro, adiante, na fase imperialista do capitalismo, seria o grande responsável pelo financiamento das pesquisas científicas e técnicas que impulsionaram definitivamente o desenvolvimento das tecnologias da informação (2002, p. 108).

Embora o círculo proposto por Rosa se articule entre aceleração técnica, aceleração da mudança social e aceleração do ritmo da vida, Dantas apreende a lógica correlativa entre certos fenômenos sociais, isto é, quando a racionalidade individual acarreta na coletividade (ROSA, 2019), acelerando assim os processos cotidianos. Como em um efeito dominó, as proporções ao aumentar se retroalimentam. O exemplo das movimentações econômicas decorridas das linhas telegráficas, e por consequência um maior investimento em ciência e tecnologia materializa, em parte a tese central trazida por Rosa. No âmbito jornalístico, as linhas telegráficas possibilitaram um fluxo maior e mais veloz de informação, logo, mais publicações e mais informações correndo no tecido social urbano.

A partir daí, tendo em vista a o alcance curto das reflexões de Marx sobre as comunicações e a informação, desdobra-se seus conceitos basilares para apreender a dinâmica própria da informação no âmbito do capital. Nesse sentido econômico e capitalista, para Ciro Marcondes Filhos (1986), notório teórico da comunicação, a

notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo

Marcondes Filho, ao analisar o jornalismo pela perspectiva marxista encontra nela três dimensões: 1) a inserção da notícia como fator de sobrevivência econômica (infraestrutura) do veículo; 2) como veiculador ideológico; e 3) como estabilizador político. Assim, além de enquadrar como mercadoria propriamente, a notícia, de acordo com Marcondes Filho, possui outras funções dentro da lógica jornalística. “Não fosse assim, a imprensa na sociedade capitalista não seria uma instituição-suporte. Ela tanto o é que seria difícil pensar o capitalismo sem imprensa” (p. 12, 1986) diz o autor ao localizar o campo jornalístico em face do sistema econômico hegemônico.

A partir daí, o teórico brasileiro desenvolve suas ideias no sentido exato de compreender e esmiuçar a atuação do jornalismo dentro do sistema capitalista. Marcondes Filho, portanto, chega em duas conclusões — dentre tantas outras — deveras enriquecedoras. Para ele, primeiramente, a notícia, em suma, incentiva no receptor (ou consumidor) a passividade e a apatia. O uso constante de fórmulas pré-moldadas frente aos fenômenos na vida, na concepção do teórico, estimula a aceitação e a submissão.

Em segundo lugar, Marcondes Filho (1986) afirma que “a lógica da imprensa no capitalismo é exatamente a de misturar coisas, de desorganizar qualquer estruturação racional da realidade, e jogar ao leitor o mundo como um amontoado de fatos desconexos e sem nenhuma lógica interna” (p. 18). Neste sentido, Marcondes Filho dialoga indiretamente também com outro pesquisador marxista do jornalismo, no caso Adelmo Genro Filho, que crítica, como visto no primeiro capítulo, a dinâmica fragmentária da notícia nas páginas impressas de jornais.

No livro *Jornalismo em “tempo real”: o fetiche da velocidade*, a jornalista e pesquisadora da comunicação Sylvia Moretzsohn (2002) conclui, pela perspectiva marxista, tendo como base o conceito de reificação, que a notícia operada na contemporaneidade como apenas mais uma mercadoria, esconde em si o processo complexo de sua produção. A partir daí, vende-se como um produto que oculta em si onde “uma relação social estabelecida entre seres humanos aparece como uma fantasmagórica relação entre coisas” (p. 119,

2002). Daí decorre, por sua vez, a questão do fetiche, e, portanto, a ideologia da velocidade.

Em 1991, Augusto Nunes, então diretor de redação do jornal *Estado de São Paulo* apontava para uma melhor produção informacional em entrevista

De forma geral, eu acho que o que é necessário é mais tempo para ir atrás da notícia, ir aos seus bastidores: fundamentar as coisas, ver se os números estão certos e o que eles significam, ouvir outras pessoas, verificar as implicações. Não há tempo. Vejam bem, quando você fala em imprensa, não esqueça que mais da metade, dois terços da população de qualquer país do mundo — inclusive o Brasil — obtém suas informações dos meios eletrônicos e não dos meios impressos. E os meios eletrônico não tem, mais uma vez, tempo para dar a notícia completa. (VIEIRA, p. 49, 1991)

O tempo, transformado em mercadoria no sistema capitalista, adentra e incorpora o mundo das notícias, que para Ciro Marcondes Filho possuem dois planos valoráveis, o valor de uso e o valor de troca. A notícia, amparada em dois níveis de análises, se distingue para o teórico da comunicação em alguns sentidos. Partindo do entendimento de que a notícia no mundo contemporâneo é uma mercadoria como qualquer outra, ou como “uma fruta que se pode obter em uma quitanda”, para fazer uso da analogia usada por Marcondes Filho. Todavia, notícias não são apenas notícias, elas são produtos tecidos na complexidade humana, com nuances, tendências e falhas, contendo nelas a dupla dimensão do valor de uso e do valor de troca.

“Uma informação pura e simples não é mercadoria”, diz Marcondes Filho. É preciso ir além. A partir de uma informação inicial, a matéria-prima que irá estruturar o produto final, cria-se a notícia, portanto, uma mercadoria pronta para a circulação e o consumo. Por meio da manchete, dos títulos sensacionalistas muitas vezes — que na contemporaneidade geram cliques —, o indivíduo adquire o jornal e satisfaz ali o seu valor de uso por meio da leitura. E quando o desejo, que motivou a compra/leitura estiver saciado o jornal não mais interessa. É necessário que a roda gire novamente e o ciclo recomece. “A mercadoria notícia é uma das mais rapidamente perecíveis. Aceleradamente cai seu valor de uso”.

Além disso, e concomitantemente, desenvolve-se no interior das sociedades, conforme aponta Marcondes Filho (p. 20, 1986), o sentimento de “saber das coisas”, a necessidade de se estar informado e a partir daí romper com a passividade cotidiana e, portanto, “ter *realmente* uma ação no mundo não de todo conformista corresponde à necessidade, no que se refere à informação [...] mesmo que de forma aparente”. Neste sentido, é possível afirmar que o entendimento de estabilização dinâmica por Hartmut Rosa pode ser compreendido no âmbito jornalístico?

Partindo da premissa estabelecida por Rosa, e enquadrando-a no âmbito jornalístico, ou seja, descartando o conceito como definição de sociedade moderna e se apropriando apenas da lógica a ele imposta, são possíveis diversas pontes de contato entre essas duas ideias.

Primeiro, a **lógica escalar da produção noticiosa** que ocorreu desde o surgimento do telégrafo e teve um amplo desenvolvimento com a evolução da aceleração técnica. Otávio Frias Filho, diretor de redação do jornal *Folha de São Paulo*, em entrevista, sintetiza a dinâmica jornalística da década de 1990 impressa em seu jornal:

Nós procuramos estabelecer controles industriais no processo jornalístico. Normalmente, nas outras redações, as avaliações e correções são feitas com base em impressões subjetivas. No dia-a-dia fazemos, obviamente, uma avaliação das razões de termos levado um ou outro furo, e de como fazer um ‘suíte’ que possa ser mais abrangente sobre determinado assunto que a matéria veiculada antes em outro jornal. (VIEIRA, p. 20, 1991)

Essa lógica escalar, crescente e industrial é refletida no modo não apenas de produção da notícia, como também no seu desdobramento nos dias seguintes. Com a “industrialização” do produto noticioso, é possível um aumento da produção, pois há, como já afirmado por Marcondes Filho em páginas anteriores, a homogeneização do texto, a padronização dos parágrafos e dos blocos informativos, além de outras questões sociais e culturais que alinham a notícia à produção capitalista ao torná-la, portanto, um produto.

A **segunda ponte de contato** possível entre a estabilização dinâmica proposta por Rosa e o campo jornalístico tange no desenvolvimento não apenas

do fetiche pelo *furo* noticioso como pela *velocidade em si*. A própria fala de Otavio Frias Filho, ainda no fim do século XX, já frisava o furo como um dos maiores objetivos do jornalismo. A construção do ideal de chegar primeiro, na contemporaneidade se alarga ao se basear em meios antes não prováveis. Claramente a aceleração técnica, e consequentemente a internet influenciaram de modo decisivo o processo em questão.

Para Moretzsohn (p. 176, 2002):

O efeito de fetichização da velocidade se expressa nessa mistura de temporalidades, que, no caso da imprensa, se traduz na tensão entre o tempo midiático (que tende hoje à instantaneidade) e o tempo político (que deve ser lento para permitir que as paixões se apaziguem e que a razão se imponha). Apontá-la é uma contribuição para a elaboração de uma teoria crítica empenhada em reassumir o mundo como uma ‘tarefa’ humana.

Nesse sentido, a autora aponta que ninguém consome a informação no tempo midiático apresentado, pois não haveria condições humanas para tanto consumo. A notícia, pura e informacional, para Moretzsohn, não é consumida. Para ela, o que se consome verdadeiramente é o próprio fetiche da velocidade. E para quê? questiona-se. Partindo de Dominique Wolton, chega-se à resposta:

Uma sociedade se organiza em torno de sistemas de valores e não de sistemas técnicos - donde a falácia de que a onipresença dos sistemas de informação origina a “sociedade da informação” [...] A questão, aqui, é de que o próprio sistema técnico é assumido como valor, e assim fetichizado. É só aí que faz sentido o contra-senso: a máquina existe para comunicar, e quanto mais comunica, menos informa. Ao sublinhar a responsabilidade de uma parcela de intelectuais para a aceitação acrítica da “sociedade da informação” (Moretzsohn, p. 177, 2002)

Deste modo, a **terceira possibilidade de contato** se dá por meio do avanço tecnológico que propicia a potencialização desse fetiche pela velocidade e consequentemente fomenta a competição imposta entre os veículos de jornalismo diário. Charron e Bonville (2016) analisam o campo jornalístico contemporâneo por meio da “nova economia” e classificam as empresas jornalísticas como em estado de hiperconcorrência.

Quanto maior for a disputa por atenção, maior o desgaste das regras e maior a inovação. Os concorrentes capazes de imitar são mais numerosos e a 'circulação' das inovações se acelera. As inovações também se 'desgastam' rapidamente e logo se tornam obsoletas, visto que sua capacidade de gerar atenção diminui rapidamente. [...] Por outro lado, a inovação por meio do 'desvio' cria incertezas e contribui para a imprecisão normativa característica das fases de mudança paradigmática (p. 363, 2016).

Os autores em sua obra *Natureza e transformação do jornalismo* (2016) analisam o aumento da oferta do mercado midiático de modo positivo, no sentido do aumento da possibilidade de escolha. Todavia, ressaltam algo caro para a obra de Rosa (2019): o regime de atenção. Para os autores canadenses “a dispersão da atenção pelo crescimento da oferta limita a possibilidade de a mídia atrair grandes audiências, enquanto as condições técnicas de captação da atenção se tornam limitadoras para ela, já que pode perder a atenção do consumidor a qualquer momento” (CHARRON; BONVILLE, 2016: 382).

Neste percurso cognitivo de atenção ocorre por sua vez a fragmentação do sentido pela duração da ação jornalística. Charron e Bonville (2016) trazem a questão ao analisar as diferenças de atenção entre pessoas jovens e mais velhas. Os jovens, nascidos em uma sociedade abundante em produtos midiáticos e digitais, consomem, ao analisar produtos televisivos, programas que trazem seu sentido de modo imediato, de maneira a facilitar o consumo de forma fragmentada. Diametralmente, pessoas mais velhas necessitam de uma ligação do começo ao fim do programa para adquirir sentido e significado, assim “a televisão sequencial e programada dos primórdios cede progressivamente o lugar à TV da hiperconcorrência, interativa e sincrética [...] como é a navegação na web” (CHARRON; BONVILLE, 2016: 382).

A cultura: a forma jornalística e a economia de tempo

Ao analisar o longo processo de enculturação das comunidades populares na Europa moderna no decorrer entre o século XVI ao XIX, Jesus Martín-Barbero (2015) em sua obra, *Dos meios às mediações*, investiga a raiz do curso da repressão e apagamento de tais culturas em detrimento não apenas do capital, mas do estado-nação idealizado pelos ilustrados. Essa transformação ocorre pela mutação seja do cotidiano das sociedades até então desenvolvidas, seja pelos modos de produção, ordenação da vida e também das relações sociais constituídas.

Todavia, dentre as possibilidades, o autor naturalizado colombiano, apresenta duas rupturas estruturais que balizam e fundamentam a enculturação da vida popular. A primeira diz respeito à ruptura dos múltiplos sentidos temporais; e a segunda sobre as transformações nos modos do saber. Ao começar por esta última, Martín-Barbero (2015) analisa as mutações pelas quais a transmissão de saber sofreu com o imperativo do estado-nação e sua racionalidade nos processos, que para se manter no ponto hierárquico mais alto da distribuição dos conhecimentos, entra em conflito com o saber popular, até então marcado pela comunicação comunitária, pelos saberes astrológicos, e pela mágica. Tal saber popular é substituído pelo o que Martín-Barbero chama de razão vertical, uniforme e centralizada. E no solapamento desse processo, a escola é um dispositivo pelo qual os saberes da ‘nova sociedade’ serão estruturados por meio de uma dinâmica que desconecta os sujeitos de sua consciência popular. Martín-Barbero (2015) aponta duas premissas: a educação escolar como “preenchimento de sujeitos vazios” (p. 139) e a moralização como “extirpação dos vícios” (idem).

No que tange à ruptura temporal, que é de fato no que concerne este pequeno texto sobre cultura e aceleração, Martín-Barbero é direto ao pontuar a perda do tempo cíclico, que se norteava por festas, e que em um movimento de dupla ação, nutria e renovava a cotidianidade que se encontrava — como o próprio autor aponta — desgastada.

O tempo balizado pelas festas, o tempo dos ciclos, é por outra parte o tempo vivido não só pela coletividade e sua memória recorrente, mas também pelos

indivíduos enquanto "tempo da vida" balizado pelos ritos de iniciação e das idades e enquanto duração-medida, isto é, "definição ocupacional" de uma tarefa pelo tempo empregado na feitura do pão ou numa reza (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 136).

Este tempo que o autor colombiano apresenta é rompido por meio de dois dispositivos chave, aquele que *deforma* as festividades e aquele que as *desloca*. O primeiro dispositivo atua no sentido de ressignificar, convertendo o que outrora era festa em espetáculo, transformando assim o próprio sentido de existência dos eventos populares, os distanciando, alterando seu status para algo que serve apenas para ser visto e admirado. O deslocamento, por sua vez, ocorre na inversão da dinâmica da estruturação, e vai situar na produção o sustentáculo da nova organização temporal. Deste modo, suscita-se o surgimento do relógio como o unificador temporal, que possibilita, concomitantemente, novos valores morais. Martín-Barbero (2015) aponta que o valor do tempo de produção marginaliza o tempo dos sujeitos para impor apenas um tempo, o dos objetos, que se caracteriza por sua fragmentação e mercantilização.

Assim, com a unificação temporal e sua alteração, Thompson (1998), um historiador inglês marxista, traz alguns pontos que coadunam com o teórico da comunicação colombiano. Em seu texto, *tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial*, o autor propõe um claro vínculo entre a alteração da estrutura temporal com o capitalismo industrial e o trabalho dos operários ingleses entre o século XIV e XVII. Deste modo, parte-se da compreensão de que a alteração da base cultural desta classe operária se altera concomitantemente ao desenvolvimento econômico, e por fim, pela consciência social.

Thompson toca em um ponto no qual estas páginas se debruçam, isto é, como a cultura da aceleração na contemporaneidade se relaciona de acordo não apenas com a cultura do momento — o espírito da época — como também com as estruturas do capital financeiro, alterando as consciências das massas e o seu próprio desenvolvimento social. Um movimento duplo que sustenta ambas as dimensões.

Na contemporaneidade, a aceleração dos processos é um fato já muito estudado, todavia, preso ainda à técnica e a tecnologia, marginalizando os outros processos subjetivos de aceleração e suas consequências. Muniz Sodré (2012), teórico brasileiro da comunicação, delimita entendimento contemporâneo sobre tais questões.

A temporalidade que atravessa os processos de individualização dessa nova consciência vem sendo descrita por observadores de diversas filiações teóricas como uma aceleração vertiginosa, que reduz os lugares à homogeneidade abstrata da rede, impede a fixação das coisas no presente e tenta controlar o futuro por meio do cultivo exacerbado do novo e da elaboração de cenários (SODRÉ, 2012, p.198).

O autor baiano, como muitos outros, busca principalmente na aceleração dos processos técnicos as consequências para a vida cotidiana dos sujeitos e não propõe o cruzamento com outros processos sociais e subjetivos para mensurar possíveis impactos. Ele alarga as possibilidades de análise do fenômeno da temporalidade contemporânea ao evocar a relação do tempo com o espaço e a consequente abstração promovida pelas redes. Além disso, Sodré lança luz para a cultura do efêmero, da obsolescência — visível em diversos âmbitos sociais e culturais, não apenas no tecnológico.

Deste modo, a economia como fenômeno superestrutural apenas não alavanca o espírito da época. É preciso mais para que a ideologia da velocidade, como orienta Hartmut Rosa (2019), se dissolva por todas as sociedades e se torne um sintoma da contemporaneidade, “porque a aceleração e o crescimento da produção exigem a aceleração da circulação e do consumo, o fenômeno aceleratório teria se tornado, de um fato técnico-econômico, em um fator cultural” (p. 551).

O sociólogo alemão faz duas frentes distintas para compreender o fenômeno da aceleração pela perspectiva cultural. Em um primeiro momento o autor traça a genealogia da aceleração por meio do *ethos* protestante e capitalista. E em um segundo momento, no avançar da modernidade, Rosa encontra na ideia do esgotamento das opções terrenas a saída para a morte e para a finitude da vida,

isto é, gozar o máximo das opções enquanto ainda é tempo. Assim, se adensa o número de episódios de experiências e a intensidade da vida.

A primeira frente delimitada por Rosa (2019) surge da proibição moral sobre o desperdício de tempo oriunda do *ethos* da ética *protestante* traçada por Max Weber. A eficiência temporal, nesta ótica, se torna rígida e meticulosa. Entretanto, apenas a questão moral não explica concretamente a adesão dos sujeitos pela aceleração. Proibições, nas palavras de Rosa, não criam ideologias motrizes, como também, na perspectiva protestante que apresenta o pensamento Weberiano, projeta um futuro fechado em que se baseia sua força moral e cultural.

A preocupação com a salvação da alma, com a vida após o fim do mundo (tido como iminente) é que legitimavam e motivavam aquele mandamento. A questão continua a se constituir, portanto, sobre quais energias motivacionais da cultura repousa o impulso aceleratório de uma Modernidade secularizada e com horizonte de futuro aberto (ROSA, 2019, p. 357).

A resposta para isso, o autor aponta: *medo* e *promessa*. Dois dos mais fundamentais princípios propulsores da humanidade. O medo, na atualidade, atua como motor para se viver constantemente o futuro, sem chance de se perder nada, seja as últimas notícias, os últimos lançamentos, sintetizando assim o medo de se ficar para trás. Rosa descreve tal sentimento como a sensação de se estar constantemente em *declives escorregadios*.

A *promessa*, por sua vez, em um primeiro momento, materializa-se na *prosperidade infinita ou riqueza absoluta*. O dinheiro na sociedade atual servindo como um substituto secular, tendo em vista que confiar sua vida a um Deus já não é o bastante em termos de seguridade e estabilidade. Assim, a abundância de dinheiro sugere não apenas a possibilidade de gozar das opções terrenas como também uma reação segura a imprevisto futuros. Logo, a ânsia de segurança na sociedade tardo-moderna — marcada pelo aumento das incertezas — entra em um conflito direto com o desejo por aceleração. Vê-se claramente a tese de Rosa: “a dinâmica aceleratórias consegue impor-se dialeticamente, sobre todos os outros princípios de desenvolvimento” (ROSA, 2019, p. 360-61).

Outrossim, a opção de desfrutar o máximo possível das benesses terrenas fora uma alternativa que, conforme aponta Rosa, conquistou determinada hegemonia cultural, pois soluciona o problema da finitude da vida e acelera, concomitantemente a outras esferas da sociedade, a possibilidade do adensamento de experiências por unidade de tempo. Dessa maneira, partindo do *ideal humanista de formação* [*Bildungsideal*], extrai-se a síntese do pensamento: quem vive duas vezes mais rápido pode conquistar tudo em dobro.

Tal pensamento ecoa ainda na contemporaneidade, invadindo diversos estratos sociais, nichos culturais, ofícios, deontologias e valores morais. Não obstante, a premissa cultural citada por Rosa aplica-se, em certo grau, ao campo comunicacional, seja à produção ou no consumo. A ideia que converge em especial ao jornalismo *online*, de noticiar tudo encontra respaldo na realidade, também em certo grau no consumidor que parte da premissa de sempre estar “antenado” ao mundo em sua volta. Deste modo, as razões para tal dinâmica imbricada entre aceleração e comunicação encontra razões de fundo social e histórico, em um processo que se dá em constante mutação.

A ideia do tempo real: uma cultura do presentismo no jornalismo

Embora já bastante citada, a máxima de Marx (1999) sobre a liquidez dos fatos, das religiões, e suas conseqüentes transformações não se deixa envelhecer. Pelo contrário, ao avançar da história, percebe-se claramente a força com que tal ideia ainda ecoa e se manifesta nas sociedades. Da economia à cultura, a transformação constante e veloz de ações, fenômenos, ideologias e outras camadas sociais, demonstram por fim a validade da frase impressa em O Manifesto Comunista (1998)

Bermann (2007), crítico de arte, em seu clássico *Tudo o que é sólido desmancha no ar*, busca em obras da literatura mundial respostas e características do espírito da modernidade queurgia no século XIX e XX. O autor esmiúça desde *O sofrimento do jovem Werther*, de Goethe, como também o próprio *Manifesto Comunista* de Marx, os poemas de Baudelaire e o subdesenvolvimento em Dostoiévsky. Deste modo, em cada obra Bermann

encontra fragmentos do espírito da modernidade e o vai reconstruindo pouco a pouco. Para ele

O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, e acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades (2007, p. 25).

Deste modo, os sistemas dinâmicos de comunicação se obrigam a se desenvolverem conforme o ritmo social. Em face da constante fragmentação, estar presente e ativo 24/7, para usar das ideias de Crary (2020), se faz necessário. O furo jornalístico, dar a notícia primeiro e chegar na frente, mas não apenas isso. A narrativa que se constrói por meio do discurso jornalístico articula diversas ferramentas que dada a enunciação, constroem o presente, e na repetição exaustiva ao longo de um dia, transformam as notícias em um presente *ad infinitum*.

Antunes (2017, p. 27), ao analisar a produção do acontecimento jornalístico, afirma que “o ‘presentismo’ teria raízes em um fenômeno de percepção difusa da diminuição do sentido histórico em favor de um horizonte restrito somente ao presente”. Tal afirmação, acompanha a lógica que Castells chama de tempo intemporal, no sentido perceptivo do tempo (1996). E ao lado do que Rosa (2019, p. 577) afirma ser a “destemporalização da vida”, isto é, a “desinstitucionalização do percurso de vida” e o abandono da identidade estável por um projeto de vida que se faz instável. Ao fim, o desenvolvimento de uma subjetividade que se baseia constantemente no momento, ao passo que encurta o presente, provoca no consumo jornalístico o sentido de imediatividade do “tempo real”. Antunes continua:

Muitas vezes associado à dinâmica dos meios de comunicação e seu fluxo ininterrupto e dantesco de informações que vincularia

os indivíduos a uma imediatividade[...] o elemento chave é a formação de um hábito cultural marcado pelo choque e pela repetitividade (2017, p. 27).

O autor parte da hipótese que o ‘presentismo’ é um fenômeno derivado da ausência de critérios para associação no que tange ao relato jornalístico. Para ele, “a temporalidade é tomada como um mero dispositivo de ativação da atualidade da notícia pela sua equivalência com o presente histórico” (ibidem). Deste modo, a ideia de passado, presente e futuro, adentra em um vórtice de reconfiguração, pois tais parâmetros se chocam e desenvolve em si uma crise de percepção temporal destes marcos. As certezas que se assentavam em tais marcos históricos (passado, presente e futuro) se chocam no ambiente midiático-jornalístico e trazem novas dinâmica e configurações. Hartmut Rosa, ao analisar o processo de destemporalização da vida, sintetiza no âmbito principalmente das auto relações subjetivas, o estado de impermanência.

A notícia, ao contrário, fia-se em uma “visão superficial do mundo proposta pelas mídias, na qual não há nenhuma duração, nenhuma (ou quase nenhuma) perspectiva quanto ao passado, nenhuma (ou insignificante) projeção para o futuro.” A notícia não tem nenhuma espessura temporal, mas simula tal condição por meio do “blefe” da narrativa, que insere o processo de conversão do acontecimento em notícia “numa interrogação sobre a origem e o devir” (ANTUNES *apud* CHARAUDEAU, 2006, p.135).

A notícia, em sua forma tanto clássica, quanto contemporânea, é a síntese do que Rosa chama de destemporalização da vida. Isso, portanto, se aplica no entendimento subjetivo. Para o sentido histórico, Rosa contempla no conceito de destemporalização da história justamente a perda do sentido da ideia de progresso, a desorientação política “em função do ritmo de transformação acelerado” (2019p.577).

Desse modo, é possível refletir sobre as bases de construção do sentido de atualidade trazidas pelo discurso jornalístico conforme aponta Franciscato (2002) em contraponto ao cenário de aceleração social do tempo esmiuçado por Rosa (2019). Para o autor brasileiro, a instantaneidade, a periodicidade, a simultaneidade, a novidade e a revelação pública são bases sócio-históricas

essenciais para o sentido de atualidade. Todavia, tais bases se agarram não ao entendimento subjetivo, mas à compreensão de fenômenos sociais que, em correlação, definiram historicamente o que seria a atualidade para a deontologia jornalística. Em seu trabalho denominado *Atualidade no jornalismo - uma investigação de suas fundações teóricas* (2002), o autor relata o processo de aceleração social como uma característica à sua concepção contemporânea de atualidade no jornalismo.

Franciscato, ao descrever os modos de materialização do fenômeno da aceleração social no processo jornalístico, acaba por fazer uso apenas da questão tecnológica e material, deixando de lado reflexões sobre os possíveis efeitos dessa aceleração na constituição da subjetividade dos leitores. Entretanto, era justamente dessa questão que as empresas jornalísticas se beneficiavam no séculos XIX e XX que viriam no séc. XXI a ter que se reinventar pela mesma questão. “As organizações jornalísticas, já transformadas em empresas com seus ritmos industriais e de administração do tempo, experimentavam de forma específica esta ênfase à velocidade e à aceleração dos processos produtivos” (FRANCISCATO, 2002, p. 153).

Desse modo, no campo da subjetividade, Dalmonte (2010) parte de Agostinho e Ricouer para compreender o triplo presente pelo qual é formada a narrativa jornalística. De acordo com Dalmonte, o entendimento de Santo Agostinho sobre a tríade do presente, sendo ela o presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes e o presente das coisas futuras forma a base da narrativa jornalística. A saber:

O presente das coisas passadas refere-se à concepção histórica, que, em sentido amplo, deve ser revisitada, pois é a historicidade dos fatos que agrega sentido, atualizando o ocorrido, que pode ser apresentado e reinvestido de significados. O presente das coisas presentes é o fato enquanto tal; é o anúncio ou apresentação de um acontecimento. O presente das coisas futuras refere-se à influência no porvir que o acontecimento narrado pode fazer ressoar (DALMONTE, p.339, 2010).

Seja qual for o caminho tomado para compreender a relação intrínseca entre produção jornalística e tempo presente, discussões de cunho filosóficos

surgem para justamente dar dimensão não apenas prática e material, mas subjetiva e abstrata àquilo que costumeiramente chama-se tempo.

O “presentismo”, por sua vez, em uma relação mútua, desenvolve-se e ampara-se na sociedade da aceleração social do tempo. O próprio entendimento de *declives escorregadios* apresentado por Hartmut Rosa elucida o fenômeno pelo qual se materializa a necessidade de se estar em uma constante atualização. Embora ambos entendimentos se direcionem para objetos específicos, é possível compreender que em uma sociedade onde a atualização dos desejos, dos fatos e dos saberes é urgente cada vez mais, o “presentismo” se torna uma característica, uma consequência iminente. Nada, portanto, mais natural, que a extensão dessa consequência para o campo noticioso, onde ocorre a mediação dos acontecimentos e a produção do simbólico.

A forma jornalística e o círculo aceleratório

Partindo do conceito de cultura delineado por Geertz¹⁸, o jornalismo se desenvolve no tecido simbólico das produções humanas, constituindo-se, portanto, de uma base cultural das sociedades industriais. Embora sua origem possa ser contestada e assim, conectada a tempos da baixa idade média, a produção como conhecemos hoje atinge seu ápice com a industrialização das metrópoles e com as grandes revoluções. Neste sentido, a forma jornalística evolui em termos estruturais, alterando-se com o passar do tempo, incluindo certos elementos e excluindo outros.

Para uma definição conceitual sobre a forma jornalística, entende-se em comum acordo com Betânia (2010, p. 09):

recorre-se à teoria do conhecimento, herdeira da tradição aristotélica, para pensar a forma da informação jornalística como a “estrutura” que se opõe à matéria que ela “enforma”, no ato mesmo em que “forma” o objeto cognoscível, o qual se apreende por sua “constância” e identidade [...] É uma reflexão sobre a emergência do sentido que implica ressaltar a importância da interação e destacar a performatividade vivenciada dialogicamente por jornal e leitor.

¹⁸ De acordo com Geertz (1989), a cultura se faz como a própria existência dos seres humanos, sendo assim um produto das ações por um caminho construído de modo contínuo, por onde os seres dão sentido às suas ações. Ela ocorre na mediação das relações dos indivíduos entre si, na produção de sentidos e significados.

Deste modo, a hipótese central desta parte da pesquisa gira em torno da premissa de que a aceleração social do tempo encontra na forma do texto jornalístico noticioso um terreno fértil para a continuação do círculo aceleratório conceituado por Rosa, que por sua vez ecoa no tecido social que alimenta o processo. A dinâmica aceleratória se mantém ativa, e no âmbito jornalístico fomentada pela própria forma textual.

Embora esta pesquisa detenha em tais aspectos de forma, entende-se como basilar compreender os modos de atuação do próprio jornalismo para a relação de mão dupla com a aceleração. Ou seja, a forma contribui ativamente, partindo do ponto de vista sociocultural para o fenômeno aceleratório, e neste sentido a discussão aqui proposta se justificava. É, claramente, possível analisar outros modos de atuação jornalística para a aceleração, como a hierarquia das indústrias jornalísticas, a lógica do capitalismo de vigilância aplicada ao campo dentre tantas outras, assim, faz-se uma escolha para a continuação do trabalho aqui proposto.

Deste modo, partindo da sociologia da literatura apresentada por Antonio Candido (2006), ao analisar os modos possíveis de relação entre forma do texto literário e sociedade, ou seja, entre obra e condicionamento social, o crítico literário delimita seis concepções possíveis de análise entre esses dois eixos. Dentre todas elas, apenas duas interessam para a concepção da argumentação da hipótese aqui apresentada, isto é, 1) a relação do texto jornalístico com as condições sociais; e 2) os modos de representação da sociedade por meio do texto jornalístico.

Ao desenvolver suas ideias sobre forma e sociedade, Candido não apresenta uma metodologia sistematizada ou chaves de análise claras sobre como realizar tal leitura do texto literário, ou no caso em específico, jornalístico. Portanto, a partir de suas ideias gerais, há de se avançar aqui em algumas questões sobre a maneira pela qual a aceleração temporal se materializa no texto jornalístico. Neste sentido, Roberto Scharwz (2012) aponta:

A forma — que não é evidente e que cabe à crítica identificar e estudar — seria um princípio ordenador individual, que tanto

regula um universo imaginário como um aspecto da realidade exterior. Em proporções variáveis, ela combina a fabricação artística e a intuição de ritmos sociais preexistentes (p. 48).

A forma, que se constrói nas páginas de jornal ao longo do tempo, e que por meio da visão materialista, absorve os ritmos sociais, se transforma em um âmbito tanto de representação do social quanto em uma forma que se adapta a lógica hegemônica. Assim, a forma jornalística deve-se por fim ser analisada brevemente, tendo em vista o foco principal do trabalho, por meio de um recuo histórico, e como já visto em páginas anteriores, através das primeiras páginas do jornal impresso em um primeiro momento, e depois no campo do jornalismo online.

Figura 9 - Primeira Página do Jornal Folha da Noite

Fonte: Acervo online Folha de São Paulo



Na primeira página do jornal *Folha da Noite*, do dia 1º de março de 1921, o periódico traz dez chamadas em sua capa. Embora a legibilidade e a própria existência do papel, percebe-se o tamanho incomum quando comparado com as primeiras páginas dos dias atuais. A forma jornalística aqui apresentada se expande e se alonga por todo o diâmetro possível da folha.

À época, o contexto social, o desenvolvimento do Brasil e o consumo se dava em uma outra dinâmica. O próprio texto jornalístico existia sob uma outra lógica, a urgência da notícia, o *lead*, e por consequente, a brevidade do relato não existiam.

Figura 10- Primeira Página do Jornal Folha de São Paulo



FOLHA DE S. PAULO

Um jornal a serviço do Brasil • Ano 59 • N.º 13.813 • Al. Barão de Lima, 425 • Cx 20.203

São Paulo, domingo, 5 de outubro de 1989 • Hora Responsável: Boris Casy

Nota edição

Inflação

FOLHETIM

INFLAÇÃO

As causas do processo inflacionário e as medidas que representam uma "revolução" no quadro de planejamento da economia brasileira são analisadas nos artigos desta edição. Carlos Lacerda, Paulo Bonavides, José Roberto, Carlos Pimenta, Eduardo B. Baggio, Antônio Carlos Longhini, Afonso de Almeida da Silva, Paulo Frenkel e Tito Cordeiro.

A volta à "conciliação" tradicional
Michel Debrun

A outra cara do impasse
Almeida Affonso
Página 11

Com a visita de Figueiredo, uma vitória de Pinochet
Clóvis Rossi
Página 9

A dianteira de Reagan
Paulo Frenkel
de Nova York
Página 12

O Brasil no Sínodo
Pedro Del Picchia
Página 13

A falsa questão dos salários e inflação

Os salários podem ser considerados o eixo da inflação em uma economia que não dispõe de uma política monetária adequada. Por João Ribeiro.

As armadilhas na cobrança de dívida ativa

A imagem do INPS que estabelece a nova política de cobrança de dívida ativa, a qual não tem como objetivo a cobrança de dívida ativa, mas sim a cobrança de dívida ativa.

Ensinada
"Em nosso peito varonil..."
Cláudio Abranches
de Londres
Página 41

"A TV de Tarso de Castro"
Página 10

Amanhã
encontros na FOLHA

A Revolução de 30

Amanhã, às 10 horas, no auditório do jornal, o encontro de Carlos Lacerda, ex-vice-presidente da República, com o presidente da Folha de S. Paulo, Paulo Frenkel, para discutir a situação da imprensa e da sociedade brasileira.

O tempo

Deixa em São Paulo, com o clima ameno, a temperatura máxima de 24 graus e mínima de 14 graus.

Figueiredo diz que a abertura política ajuda a resolver os problemas econômicos

'Crise não retarda democracia'



O presidente João Baptista Figueiredo, em entrevista a jornalistas chilenos e por divulgação hoje em Santiago (onde Figueiredo chegou quarta-feira para uma visita oficial de quatro dias), afirmou que "a democracia política não se subordina ao desenvolvimento econômico" e portanto "não poderá postergar-se indefinidamente (...) a superação de um desequilíbrio ético das condições da economia".

O Presidente afirmou também que, com o relógio da democracia política, "há mais facilidade para se resolver os problemas econômicos". "O que é a economia da população — disse —, aliado à sua melhor compreensão das coisas que se fazem, possibilita ao governo a adotar as mais rápidas medidas requeridas em épocas de crise e de dificuldades gerais".

Figueiredo fez também a defesa da democracia pluralista, com a qual, afirmou, "o Brasil tem um firme compromisso", e afirmou, com a melhor vontade de promover e resguardar os princípios democráticos, "a luta pela desenvolvimento econômico e social, a cooperação igualitária, a defesa dos direitos humanos, a república das legemáticas, o respeito ao princípio da não intervenção e a luta pela melhoria da situação econômica internacional".

Dusse ainda que "o Brasil não é uma sociedade industrial", mas possui "recursos naturais", "matéria-prima e disposição de um governo de "salvar de todos os africanos em suas lutas políticas pela eliminação do racismo".

PÁG. 1

A Alemanha e Portugal vão às urnas hoje

O Iraque reitera oferta de trégua

Convenções do PDS elegem os diretórios

Cerca de 6 milhões de eleitores alemães votam hoje nas eleições parlamentares. Em Portugal, também, realizam-se hoje eleições parlamentares. Em Santiago, no Chile, o presidente Pinochet, acompanhado de uma comitiva, chegou hoje à cidade de Valparaíso, onde se encontra o maior porta-voz da oposição, Kurt Waldheim, na tentativa de mediar as negociações e não observância nenhuma trégua enquanto não houver "um acordo" iraquiano no território do Irã.

Em Nova York, o presidente e comandante-em-chefe das Forças Armadas americanas, Abner Haslam, disse hoje que o exército dos Estados Unidos não se retirará do Iraque, mas que o exército dos Estados Unidos não se retirará do Iraque, mas que o exército dos Estados Unidos não se retirará do Iraque.

Apesar de os dois países terem anunciado ontem que controlam totalmente a cidade de Khartoum, o Iraque reitera a oferta de trégua, mas não se retirará do Iraque, mas que o exército dos Estados Unidos não se retirará do Iraque.

Além de receber os seus diretórios, os parlamentares vão também a propor a constituição do partido.

PÁG. 10 e 11

Denunciada na França onda de terror fascista

Quando a opção é construir

O atentado terrorista contra uma sinagoga parisiense que vitimou três pessoas e deixou quatro feridas, como se anunciou, não levou a principal das organizações trabalhistas da França, o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria, a denunciar o atentado. A polícia, a denunciar 150 membros clandestinos de organizações fascistas entre os quais se encontram vários políticos.

O clima de terror entre os judeus e a mobilização dos partidos fronte à essa nova onda de atentados na França transformaram-se ontem em pânico. De protesto, com a participação de vários setores da sociedade.

PÁG. 15

Construir, ao invés de comprar pronta, é quase sempre uma forma mais barata de conseguir uma casa própria. Entretanto, se não tivermos tempo e paciência para esperar, a opção é comprar pronta. Se não tivermos tempo e paciência para esperar, a opção é comprar pronta.

Entre estes cuidados incluem-se: a construção de uma empreitada especializada, que se encarregue inclusive da liberação dos projetos de financiamento no Sistema Financeiro da Habitação. O interessado não deve, por exemplo, solicitar o índice de financiamento por conta própria, porque os custos da construção podem ser de 10 a 15% maiores que os reais, devido ao fato de que, ao longo da obra, o preço dos materiais tende a subir. Se não tivermos tempo e paciência para esperar, a opção é comprar pronta.

Entre estes cuidados incluem-se: a construção de uma empreitada especializada, que se encarregue inclusive da liberação dos projetos de financiamento no Sistema Financeiro da Habitação. O interessado não deve, por exemplo, solicitar o índice de financiamento por conta própria, porque os custos da construção podem ser de 10 a 15% maiores que os reais, devido ao fato de que, ao longo da obra, o preço dos materiais tende a subir. Se não tivermos tempo e paciência para esperar, a opção é comprar pronta.

PÁG. 16

Depois da luz, São Remo quer favela loteada

Conselho Político rejeita amanhã as prerrogativas

Para Delfim, a estratégia ideal é crescer a 10%

Apresentando a proposta de projeto de lei de criação da favela loteada, o governador de São Paulo, Mário Covas, afirmou que a favela loteada é uma forma de resolver o problema da habitação popular em São Paulo.

O Conselho Político do governo — que se reúne amanhã, no Palácio — deverá dar o veredito à proposta de lei de criação da favela loteada, que foi aprovada pelo Conselho Político do governo.

O Conselho Político do governo — que se reúne amanhã, no Palácio — deverá dar o veredito à proposta de lei de criação da favela loteada, que foi aprovada pelo Conselho Político do governo.

Para o ministro do Planejamento, Delfim Neto, a estratégia econômica continua sendo manter um crescimento de 10%, ou seja, um "não há nenhuma razão para acreditar que o Brasil vai parar de crescer", disse ele em entrevista a Paulo Frenkel, correspondente da "Folha" em Nova York.

Delfim fez um balanço de sua atuação no governo paulista, e disse que mesmo com todo o crescimento econômico, o Brasil não conseguiu resolver o problema da habitação popular. Ele afirmou que a estratégia ideal é crescer a 10%.

PÁG. 17

Fonte: Acervo online Folha de São Paulo

Com o passar do tempo, a ascensão de novas tecnologias, como vistas no primeiro capítulo desta dissertação, ou seja, a aceleração tecnológica e suas sucessivas evoluções e revoluções, propiciou à cobertura jornalística se ampliar, tornando-se base das ditas democracias modernas. Décadas a frente, na primeira página da *Folha de São Paulo* do dia 5 de outubro de 1990, o contraste com a capa anterior é nítido. Aqui se vê mais fotografias, os textos se multiplicam, ao todo são 19 chamadas, para notícias, reportagens e colunas de opinião. Como aponta Barthes (2000, p. 333) partindo de uma inversão histórica sobre as imagens, na contemporaneidade “a imagem já não ilustra a palavra; é a palavra que, estruturalmente, é parasita da imagem”.



Figura 11- Primeira Página do Jornal Folha de São Paulo

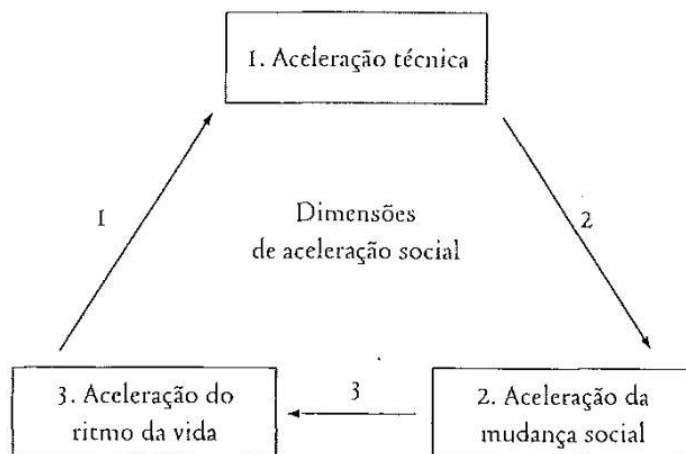
Fonte: Acervo online Folha de São Paulo

Um outro exemplo, dessa vez oriundo do início da década de 1990, mais exatamente do dia dez de maio, desvela uma outra configuração. Cinco imagens captam a atenção do leitor e a dissolve em outras 16 chamadas. Os textos, já curtos, se comprimem mais. Deste modo, ao compreender o fenômeno da aceleração social do tempo na forma jornalística neste percurso aqui realizado,

percebe-se que tanto a aceleração das mudanças sociais quanto a aceleração técnica, impulsionam o jornalismo para o círculo da aceleração proposto por Hartmut Rosa (2019).

Figura 12 - O círculo aceleratório proposto por Rosa (2019)

Forças motrizes da aceleração I: O círculo aceleratório



Fonte: Hartmut Rosa (2019)

Deste modo, quando se adentra ao jornalismo digital, a lógica da aceleração amplia o seu campo de atuação ao mesmo tempo em que se potencializa, tendo em vista a configuração técnica existente e a facilidade para a circulação de informação. De acordo com Prazeres e Ratier (p. 87, 2020):

Assim como em outras dinâmicas sociais da contemporaneidade, o processo de produção simbólica jornalística está indexado pela aceleração social do tempo (ROSA, 2010) e pelo excesso de informações. Especialmente o jornalismo em ambientes digitais se encontra atravessado pelas lógicas da cultura relacionada às tecnologias, que o reconfiguram e mexem nas suas estruturas, incidindo na produção, na distribuição e na recepção de seus produtos, bem como na periodicidade dos ciclos e nas dinâmicas mercadológicas da indústria da informação.

As reportagens, que muitas vezes fogem à regra do instantâneo e imediatista, se transformam, no âmbito jornalístico, em uma categoria de inércia, pois altera, no momento do consumo, o tempo, e muitas vezes o espaço. É

necessário que se gaste um tempo maior, com um nível de concentração maior e que se dialogue com o texto, absorvendo dele os dados, a narrativa, isto é, o cenário pelo qual se delimita aquelas palavras.

Entretanto, a reportagem não se classifica como gênero que espelha a sociedade da aceleração. Tal como o fluxo de consciência na literatura, a notícia expõe as características marcantes da sociedade atual, breve, acelerada e efêmera, sempre prestes a ser substituída.

Capítulo III

Neste capítulo pretende-se delimitar algumas definições acerca das reflexões sobre a desinformação na sociedade contemporânea. Deste modo, busca-se avançar na relação teórica entre a desinformação e o fenômeno da aceleração social do tempo. Assim, tendo em vista o impacto da aceleração temporal no âmbito social, qual é o impacto para o consumo noticioso? É possível a vinculação de tais fenômenos?

A aceleração informacional

O chamado fenômeno da desinformação não é próprio e oriundo exclusivamente do século XXI, no entanto, na contemporaneidade, a questão se amplia e toma corpo ao ganhar terreno e potência por meio da aceleração técnica. Neste sentido, o debate não ocorre apenas focado na produção de notícias falsas por meios de comunicação ou pelos Estados, como também de forma estrutural, discursiva não intencional centrado principalmente nos dispositivos móveis e de acesso à internet.

Assim, a sociedade contemporânea, como já explicitado em passagens anteriores, configura-se como uma sociedade pautada e marcada pela abundância informacional. Não apenas por informação pura e direta como esboçado no esquema proposto por Aristóteles, em que haveria uma informação, um emissário e um receptor, mas pela polifonia e polissemia, que se tornam características determinantes do tempo presente (MEDINA, 2008)

Rüdiger (2019), relativiza o uso da falsa notícia e entende que a mesma se torna intrínseca ao campo jornalístico e ao seu desenvolvimento. Para isso, o autor não apenas remonta ao cenário europeu e norte-americano como traz ao debate o surgimento da diferença entre o falso e o verdadeiro em relação à notícia. Isto é, desnaturaliza — ou pelo menos retira da superfície — a noção de que toda notícia, veiculada em meios de comunicação, é verdadeira.

A falsa notícia levada a público se apresenta em todas as épocas como um fenômeno novo tanto quanto uma aberração moral e política. O principal, todavia, está alhures. A história também nos ensina que a falsa é tão velha e intrínseca à nossa episteme

quanto as demais notícias merecedoras de publicidade. [...] A categoria surgiu há, pelo menos, cinco séculos, transformou-se em motivo de ansiedade política e debate intelectual a partir de 1900, e atingiu seu auge após a I Guerra Mundial, para reaparecer com plena força e escala global na atualidade (McNair, 2017) (RÜDIGER, 2019, p.194.).

Deste modo, para avançar na história e focalizar a questão ainda no período moderno recente, pode-se falar de Edward Bernays, que de acordo com Romero-Rodriguez (2013), se classifica como teórico e um dos pioneiros das Relações Públicas. Para Bernays, a opinião pública é um fenômeno moldável e possível de manipulação conforme a audiência/produto, onde por sua vez, a comparação da opinião pública era possível com um rebanho de ovelhas que necessitavam ser guiadas. Bernays “compreendia que quienes manipulan el mecanismo oculto de la sociedade constituyen um gobierno invisible, un verdadero poder (Romero-Rodriguez, 2013, p. 326). De acordo com Bernays:

“Somos governados, nossas mentes moldadas, nossos gostos formados, nossas ideias sugeridas principalmente por homens dos quais nunca ouvimos falar [...] são eles que puxam as cordas que controlam a opinião pública¹⁹” (ROMERO-RODRIGUEZ *apud* BERNAYS, 1928, p.04)

Deste modo, cabe trazer brevemente ao debate a relação desenvolvida por Michael Schudson, que ao analisar a história social dos jornais no Estados Unidos traça um paralelo com a atividade profissional de Bernays e o declínio dos fatos na prática jornalística. Schudson (2010) afirma que o século XX desenvolveu uma paixão inexplicável pela “objetividade” por diversas razões, a primeira sendo a perda da confiança na sociedade democrática de mercado e a segunda sendo a ascensão da prática das relações públicas, que por sua vez, se encarna nas figuras de Edward Bernays e Ivy Lee. “O consultor de relações públicas, alardeava Bernays ‘não é meramente um provedor de notícias, ele é, mais logicamente, o criador da notícia’. Isso era exatamente o que os jornalistas temiam” (Bernays *apud* Schudson, 2010, p.162)

¹⁹ No original: Somos gobernados, nuestras mentes moldeadas, nuestros gustos formados, nuestras ideas sugeridas mayoritariamente por hombres de los que nunca hemos oído hablar [...] son ellos los que manejan los hilos que controlan la opinión pública

Ainda de acordo com Schudson, as relações públicas foram um dos dois principais desenvolvimentos que fizeram os jornalistas suspeitar dos fatos e os tornaram prontos a duvidar do empirismo ingênuo de 1890. O outro foi a propaganda no período da guerra, que embora importante para a compreensão do tema em questão, não será tratada.

Deste modo, avançando na cronologia histórica, Rodriguez (2013) lança luz para um dos piores horrores ocorridos no século XX: a ascensão do Nazismo na Europa. Entre 1933 e 1945, o período Nazista, além de instaurar tempos sombrios de perseguição a grupos étnicos, religiosos e raciais, e consequentemente promover sua extinção, inaugurou paradigmas próprias de técnicas de comunicação, propaganda e desinformação.

Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda e Informação do regime nazista possuía o controle completo de todo e qualquer meio comunicação da Alemanha de Hitler, e imprimia neles não apenas a adoração a imagem do ditador como abusava de estratégias de censura e extremo controle informacional. Goebbels dispunha de 19 princípios de desinformação que norteavam sua ação dentro do regime, partindo da desinformação proposital e persuasiva para a opinião pública. Neste sentido, diversas são as manifestações da desinformação, indo, portanto, desde a censura temática, a manipulação persuasiva até o controle noticioso realizado pelas relações públicas.

Herbert Marcuse, representante da primeira geração da Escola de Frankfurt, se encaixa no grupo de pensadores do século XX que de algum modo pensou o processo desinformacional. Romero-Rodriguez (2013) afirma que o autor alemão “alerta que a mídia gera uma alienação do homem em relação ao consumo e usa o poder para fortalecer seu *statu quo* com o objetivo de desviar a atenção dos cidadãos das preocupações que realmente afetam suas vidas²⁰” (p. 327). Diferentemente das categorias e definições apresentadas anteriormente, Marcuse traz ao debate a manutenção do *statu quo* das próprias empresas jornalísticas e de comunicação como um todo. Além disso, existe no

²⁰ No original: advierte que los medios generan una alienación del hombre hacia el consumo e utilizan el poder para afianzar su status quo con el fin de desviar la atención de los ciudadanos de las preocupaciones que verdaderamente afectan sus vidas

cenário aqui delimitado o entendimento de alienar os espectadores para que os mesmos não possam estar aptos a realmente se preocuparem com o que de fato importa para a vida cotidiana, neste sentido, o viés marxista oriundo da Escola de Frankfurt se torna lúcido.

Para o teórico José Manuel Rivas Troitiño, o conceito de desinformação pode ser entendido pelo seguinte aspecto:

Coerente com esses dados, minha análise é que atualmente entre os espanhóis a desinformação, exclusão, é entendida como qualquer situação em que o receptor não pode exercer plenamente o direito à informação.

Este significado muito amplo implica que o importante é o resultado, e isto é que a informação ou é parcial ou não é rigorosa ou, sensatamente, tal informação não é dada.

Consequentemente, em contraste com a visão clássica da manipulação da fonte na desinformação, aqui consideramos situações de desinformação da fonte, do jornalista-intermediário, do meio-emissor, ou sua inter-relação²¹ (1995, p.78).

Claramente que o conceito desenvolvido por Troitiño se contextualiza em um marco temporal muito específico, e quiçá distante, isto é, 1995, um período em que as redes digitais estavam no início e ainda não se sentia o impacto da reconfiguração do processo de produção e consumo no âmbito jornalístico. Todavia, apesar de o autor não articular seu conceito para os tempos de internet, ele se torna possível para tal articulação.

Tendo o ponto de partida estabelecido, o autor espanhol delimita alguns desdobramentos para o conceito da desinformação (1995, p. 79).

- Para-informação: Aquela vinda dos escritórios de Relações Públicas e publicada como notícia.
- Pré-informação: Informação que não foi verificada ou confirmada.

²¹ No original: En coherencia con esos datos, mi análisis es que actualmente entre los españoles se entiende por desinformación, por exclusión, toda situación en la que al receptor no se le permite el ejercicio pleno del derecho a la información.

Esta amplíssima acepción implica que lo importante es el resultado, y este es que la información o es parcial o no es rigurosa o, sencillamente, no se da tal información

Em consecuencia, frente a la visión clásica de la manipulación de la fuente en la desinformación, aquí se consideran situaciones de desinformación desde la fuente, el periodista-intermediario, el medio-emisor, o de su interrelación

- Intra-informação: Produto da análise de eventos e outras informações.
- Sub-informação: Que chega ao público de forma incompleta ou defeituosa.
- Superinformação ou superinformação: Opulência abrangente ou comunicativa.
- Pseudo-informação: enganosa, irrelevante, mas também publicada.
- Contra-informação: Que ataca frontalmente outra versão de um evento.

Diversos desdobramentos são claramente demasiadamente interessantes para se pensar a desinformação no contexto contemporâneo, todavia, nem todos coadunam com as hipóteses que são levantadas nestas páginas. Por consequência, três classificações são para este trabalho de bastante utilidade, isto é, para pensar o jornalismo e o fenômeno da aceleração social do tempo como partes essenciais da desinformação na contemporaneidade são elas: subinformação, superinformação e pseudo-informação.

Deste modo, partindo sempre do fenômeno aceleratório temporal, toma-se para reflexão a **subinformação** proposta por Troitiño (1995), que se classifica como aquela informação que chega ao público de forma incompleta e defeituosa. Assim, na sociedade da aceleração, ditada por ritmos pós-industriais, como já apresentados no primeiro capítulo, apoiada pelos motores econômicos e culturais, o imperativo do furo noticioso e da cobertura exaustiva dos fatos, embora embase a próxima categoria da desinformação, potencializa, no campo da produção jornalística, erros deontológicos e técnicos. Tanto a aceleração técnica quanto a aceleração das mudanças sociais pressionam a produção jornalística.

Neste sentido, a **superinformação** se delimita um excesso informacional ocasionada novamente pela aceleração técnica e das mudanças sociais, mas também pela ubiquidade dos meios de comunicação na sociedade contemporânea (PAVLIK, 2014). Isto é, a localização em massa dos dispositivos

móveis ²²com acesso à internet²³ disponível a uma grande parte da população, seja por meio de celulares e notebooks. Para Pavlik (2014, p.160).

No contexto da mídia, ubiquidade implica que qualquer um, em qualquer lugar, tem acesso potencial a uma rede de comunicação interativa em tempo real. Quer dizer que todos podem não apenas acessar notícias e entretenimento, mas participar e fornecer sua própria contribuição com conteúdo para compartilhamento e distribuição global. Além disso, o conteúdo noticioso emana de uma variedade de fontes cada vez mais ubíquas, incluindo câmeras de segurança ou vigilância bem como sensores de muitos tipos e formatos, frequentemente ligados à internet.

Desta maneira, torna-se claro que tal transformação no âmbito da produção noticiosa não decorre somente dos conglomerados informacionais como também da própria sociedade civil. Além disso, tal fenômeno potencializa a própria mídia alternativa e comunitária, se desvinculando dos meios hegemônicos de comunicação e atuando em comunidades, jornalismo especializado contra governistas.

Por último, a **pseudoinformação**, isto é, aquela informação irrelevante ou enganosa, mas que se publica do mesmo jeito. Aqui o autor direciona a construção informativa, para além do irrelevante, ao passo que toca no que costumeiramente na contemporaneidade se caracteriza como *fake-news*, ou seja, notícias criadas intencionalmente com base em mentiras.

De acordo com Prior (2019, p. 14)

Por apelarem às emoções, por serem “tecidas”, “manufaturadas” e disseminadas para parecerem verdadeiras, as *fake news* são, essencialmente, pós-verdades. Se é certo que as notícias falsas, os boatos e os rumores, existem desde o surgimento da imprensa, também é verdade que a era digital criou as condições para a sua ampla difusão e divulgação sem filtragem ou

²² Celular é o principal meio de acesso à internet no país <<
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/celular-e-o-principal-meio-de-acesso-internet-no-pais> >>

²³ Pesquisa mostra que 82,7% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet: <<
<https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/abril/pesquisa-mostra-que-82-7-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet> >>

mediação. Referimo-nos a informações falsas concebidas intencionalmente para ludibriar ou manipular o público, recorrendo a técnicas próprias do campo do jornalismo, técnicas que lhes conferem aparente veracidade. São conteúdos essencialmente apelativos do ponto de vista emocional, que despertam a atenção do público porque causam algum tipo de ruptura ou sensação, reforçando ideais políticos ou ideológicos. São, sobretudo, difundidas nas redes sociais digitais e patrocinadas pela propaganda política e pela chamada “indústria de cliques” e publicidade comercial.

As chamadas *fake-news* ocuparam lugar de destaque no debate público principalmente a partir de 2016, ano das eleições estadunidenses com vitória de Donald Trump do partido Republicano. Desde então, o debate jornalístico se centrou na produção, na circulação, no consumo e no financiamento dessas notícias. A partir daí, o fenômeno que até então se instalava de forma voluptuosa apenas em âmbito estadunidense ganhou forma e sistematização, atingindo países europeus, principalmente, e de modo mais marcante o leste do continente, além de alguns países da Ásia, como Malásia, Tailândia, Indonésia e Índia. A parte sul do continente Americano não escapa do fenômeno. Nayib Bukele em El Salvador, Bolsonaro no Brasil e López Obrador no México dividem em comum o uso sistemático da produção de *fake-news* como prática política, ao passo que inserem no próprio processo eleitoral este fator como uma variável prática. Entretanto, outros países como Argentina, Venezuela, Colômbia e Uruguai são afetados pela disseminação proposital de notícias falsas, seja em seus processos eleitorais, ou em casos atípicos, como a Pandemia da Covid-19 iniciada em março de 2020.

Morozov, pesquisador bielorusso que pensa na contemporaneidade a relação entre *big techs*, política e comunicação, aponta para uma deterioração da democracia em face das *fake-news*. Todavia, para o autor, o problema em questão não se encontra no desenvolvimento de tais produtos, mas na velocidade em que elas conseguem se espalhar no terreno digital. “Isso acontece principalmente porque o capitalismo digital de hoje faz com que seja altamente rentável – veja o Google e o Facebook - produzir e compartilhar narrativas falsas que atraem cliques” (MOROZOV, 2018, p. 184).

Deste modo, tendo explicitado as contribuições do conceito de Desinformação articulado por Troitiño (1995), cabe aqui trazer mais uma contribuição que nos ampara ao pensar a desinformação contemporânea e a aceleração social do tempo. Partindo de Galdon López (2006), pesquisador espanhol da comunicação, tem-se o entendimento de que a desinformação reside sob um efeito causal-fenomenológico do jornalismo, isto é, a lógica incessante da atualidade, ou como aponta Moretzsohn (2002), o fetiche pela velocidade, traz em seu bojo a eterna incompletude da notícia, o que acarreta em sua própria essência a desinformação

Neste sentido, são frequentes os estudos que se debruçam a compreender a natureza desinformativa dos meios de comunicação. Para Romero-Rodriguez (2013, 330-331)

A característica mercantil da mídia privada, e a política da mídia pública, não está muito distante da realidade de qualquer meio de produção, em que uma empresa fabrica um produto que circulará por um canal de distribuição até chegar ao consumidor. [...] A indústria da comunicação, então buscando a máxima rentabilidade, aposta na produção em massa e não na qualidade do conteúdo e, assim, gera "produtos enlatados" para consumo de um público abundante.²⁴.

Todavia, há de se pensar concomitantemente à natureza mercantil dos meios de comunicação sua natureza propagandística e ideológica, que reside por trás de produções jornalísticas e de entretenimento. Chomsky e Hermann trazem em seu livro *Manufacturing Consent* (1990) algumas características que aprofundam a relação entre meios de comunicação e propaganda, ou, os meios que favorecem a distorção dos conteúdos em prol das empresas de mídia e seus interesses no âmbito econômico ou político. Deste modo, para os autores, vale destacar o que eles chamam de filtros, ou seja, características que diminuem o potencial noticioso do fato ou de sua produção. Para compreender esse cenário,

²⁴ No original: La característica mercantil de los medios de comunicación privados, y política de los medios públicos, no está muy alejada de las realidades de cualquier medio de producción, en el que una empresa manufactura un producto que circulará por un canal de distribución hasta llegar a un consumidor [...] La industria de la comunicación, buscando entonces la máxima rentabilidad, apuesta por la producción masiva más que por la calidad de los contenidos y genera de esta forma "productos enlatados" para un consumo de abundante audiencia

o primeiro filtro diz respeito ao tamanho do conglomerado de mídia e sua respectiva orientação frente as empresas dominantes.

O segundo responde a dinâmica de financiamento das empresas de mídia oriunda de meios publicitários, que na perspectiva dos autores acabam por exercer influência nos conteúdos noticiados e nos assuntos que se desenvolvem ao longo da grade de programação dos meios de comunicação, além de se preocuparem com o fluxo da audiência.

O terceiro filtro diz respeito a dependência que a mídia/empresa possui do governo. Para Chomsky e Hermann (1990, 50).

Os meios de comunicação de massa estão imersos em uma relação simbiótica com poderosas fontes de informação, tanto por necessidade econômica quanto por reciprocidade de interesses. Esses meios precisam de um fluxo constante e confiável de matéria-prima informativa. Devem satisfazer uma demanda diária de notícias, bem como agendas prementes para sua veiculação. Você não pode se dar ao luxo de ter jornalistas e câmeras em todos os lugares onde histórias importantes podem ser divulgadas. A economia os obriga a concentrar seus recursos nos lugares onde as grandes notícias tendem a ser produzidas, onde abundam rumores e vazamentos e onde as coletivas de imprensa tendem a ser realizadas.²⁵

O quarto filtro diz respeito a pressão exercida por grupos da sociedade civil em jornalistas, programas de comunicação e emissoras. Para Chomsky e Herman, tal ação reflete seja nos critérios de noticiabilidade da emissora e dos jornalistas, como também na escolha dos anunciantes.

O quinto e último filtro é o anticomunismo, que embora não dialogue diretamente com os temas propostos neste trabalho, na visão dos autores transpassa como um filtro a mais no desenvolvimento da mídia, principalmente

²⁵ No original: Los medios de comunicación de masas están inmersos en una relación simbiótica con las fuentes de información poderosas, tanto por necesidad económica como por reciprocidade de intereses. Estos medios necesitan un flujo constante y fiable de materia prima informativa. Deben satisfacer una demanda diaria de noticias, así como unos horarios apremiantes para la emisión de éstas. No se pueden permitir tener periodistas y cámaras en todos los lugares en los que pueden surgir historias importantes. La economía les obliga a que concentren sus recursos en los lugares en los que se suelen producir las noticias importantes, en los que abundan los rumores y las filtraciones, y en los que se acostumbra a celebrar las conferencias de prensa

no caso, estadunidense, ao passo que é possível constatar uma reverberação do fenômeno em países coligados e parceiros dos Estados Unidos.

Uma outra categoria de estudos que proporcionam reflexões ricas e de demasiadas contribuições para a proposta de compreensão da desinformação no âmbito jornalístico sob luz do fenômeno da aceleração social do tempo é a da psicologia da desinformação.

Embora pensar a produção intencional das *fake-news* seja de extrema importância quando se vislumbra um mundo construído a base de relações sociais, políticas, culturais e econômicas tensionadas e muitas vezes polarizadas, que, no âmbito da aceleração do tempo cause um dano maior ao tecido social, pensar a desinformação pelo viés da psicologia se justifica não apenas compreender as diferentes formas de impacto na subjetividade dos consumidores, como também as consequências de tais impactos no âmbito coletivo.

Tendo na aceleração temporal delimitada por Hartmut Rosa (2019) a aceleração do ritmo da vida e das mudanças sociais, que impactam diretamente a psiquê humana e o processo de subjetivação, principalmente quando se debruça sobre os declives escorregadios e a experiência do tempo acelerado, inserir o consumo informacional dentre esses processos, e a partir deles refletir acerca das relações aqui traçadas entre dois campos distintos.

Deste modo, uma primeira ponte de contato vem do paradigma da desinformação elaborado nos anos 1970 pela psicóloga e matemática estadunidense Eliza Loftus. Como aponta Silva (2019, p. 4), “este paradigma tinha como objetivo principal estudar o testemunho ocular e consiste em distorcer a memória para informação/acontecimentos/eventos através da introdução de informação falsa ou enganosa”. Esse tipo de paradigma, que se constitui como hipótese articulada no campo da psicologia e comprovada conforme testes, é, em sua maioria, realizado de modo individual. Não obstante, é possível sua comprovação e experimentação no que tange a memória colaborativa, isto é, envolvendo um grupo social ou uma comunidade de pessoas.

Partindo de tal paradigma para uma conexão com o campo informacional da comunicação, Romero-Rodriguez (2013, p. 333) traz o seguinte complemento

É claro que a sugestão e a atribuição equivocada de fontes de informação não são as únicas responsáveis pela distorção da realidade. O processo de recuperação e reconstrução de memórias em nossa memória pode ser alterado sem influência externa explícita (Loftus, 2005: 365), o que poderia se tornar um efeito de desinformação involuntária que pode afetar terceiros nas interações comunicativas. Isso significa que, para a teoria psicológica do efeito da desinformação, a desinformação não precisa necessariamente de um agente desinformador externo, mas sim que o próprio indivíduo (em seu processo de memória) poderia afetar suas memórias e, portanto, ter uma abordagem diferente do self. realidade percebida²⁶.

E, portanto, é neste sentido que se desenvolve um dos pilares essenciais da então hipótese que se faz do vínculo entre a aceleração social do tempo e a desinformação. Como se verá na análise empírica, é possível a observação entre uma correlação do fenômeno da aceleração temporal e do desinformativo no tecido social brasileiro. A junção de fatores que se delimitam na teoria de Rosa, isto é, a aceleração técnica, a aceleração das mudanças sociais, e aceleração do ritmo da vida, concomitantemente a todos os seus desdobramentos, levam o indivíduo a uma perda de conexão com os fatos, e como já apontado anteriormente, em face a um caleidoscópio noticioso.

Prazeres e Ratier (2020) iniciam reflexões acerca desse estreitamento no texto intitulado *O fake é fast? Velocidade, desinformação, qualidade do jornalismo e media literacy*, em que traçam aproximações entre o fenômeno aceleratório temporal e a desinformação. Os autores delimitam amplo espaço para discutirem as nuances dos conceitos de *fake news* e desinformação, esmiuçando as diferenças, as proximidades e os contrastes, além claro, de complexificar ambos os conceitos. Deste modo, em que concerne o trabalho

²⁶ No original: Por supuesto, la sugestión y la atribución errónea de fuentes de información no son las únicas responsables de la distorsión de la realidad. El proceso de recuperación y reconstrucción de recuerdos en nuestra memoria puede verse alterado sin influencia externa explícita (Loftus, 2005: 365), lo que podría devenir en efecto desinformativo propio e involuntario que puede afectar a terceros en interacciones comunicativas. Esto quiere decir que, para la teoría psicológica del efecto desinformativo, la desinformación no necesariamente necesita de un agente externo desinformante, sino que pudiere el propio individuo (en su proceso memorístico) afectar sus recuerdos y, por ende, tener una aproximación distinta de la realidad percibida por sí mismo

presente, apenas o entendimento no espectro da desinformação, em uma subcategoria nomeada incompreensão vem somar neste momento. Cabe ressaltar que os próprios autores afirmam que a eles apenas interessam “as informações intencionalmente falsas, no todo ou em parte, publicadas no formato jornalístico com a intenção de enganar a audiência.” (PRAZERES; RATIER, 2020, p. 90).

Assim, o texto chega a algumas considerações entre a temática proposta. A primeira é a de que tanto as *fake News* quanto o *fast journalism*, isto é, o jornalismo diário, dividem o mesmo ambiente propício de propagação, as redes digitais

Deste modo, ainda que as *fakes news* sejam informações falsas disfarçadas de notícias com esta intenção, elas se misturam às notícias reais e rápidas no excesso informativo que caracteriza a hiperinformação e a infoxicação pelo excesso de dados na rede. propagação, ou seja, as redes digitais. (PRAZERES; RATIER, 2020, p. 92).

O excerto acima traz conclusões que se toma aqui como um fato importante e que resguarda em si possibilidades de análises demasiadamente ricas, isto é, o excesso informacional, contendo ou não modos de desinformações propositais, encaminha o indivíduo para o estado desinformativo, e a sociedade da aceleração como aponta Rosa (2019) potencializa o fenômeno tal como a internet.

Prazeres e Ratier buscam em Rosa não apenas delimitações conceituais para se compreender o fenômeno da aceleração social do tempo como também para a partir dele pensar a relação temporal com o jornalismo e algumas de suas características na contemporaneidade

Com esse objetivo os autores elencam que a relação atual com as notícias se baseia nos seguintes princípios

(1) ser produzida em tempo real; (2) chegar antes e se deslocar de forma ágil; (3) ser produzida com celeridade por um jornalista dromoapto (TRIVINHO, 2017) e multitarefa; (4) ser consumida instantaneamente, pois buscaria consumidores interagentes supostamente desejosos por brevidades (PRAZERES e RATIER, 2020, p. 91).

Tais categorias ampliam a possibilidade de estreitamente entre ambos os fenômenos e toca em questões mais amplas, como o trabalho jornalístico e sua consequente precarização, o consumo efêmero e acelerado.

Quem lê tanta notícia?

Uma consequência direta e que impacta no consumo noticioso, além de se tornar um reflexo da sociedade da aceleração concerne na hiperinformação e na infoxicação, dois conceitos sintetizam o ecossistema midiático contemporâneo e que encontra respaldo social e prático.

A informação contemporânea que pela alta oferta e pela alta concorrência se banaliza, estandariza em formatos industriais e superficiais (ROMERO-RODRIGUEZ;DE-CASAS; PEDREIRA, 2018) causa, ao olhar de pesquisadores. A infoxicação, segundo Romero et al (2018), se baliza pelo movimento de dar a audiência o que ela deseja principalmente no sentido do infoentretenimento com o principal objetivo de por este meio assegurar a audiência e o rendimento financeiro.

Romero-Rodriguez e a Mancinas-Chávez (2016) afirmam que um dos problemas mais frequentes que surgem como reflexo imediato da sobressaturação informativa é de que a alta taxa de estímulos que são cotidianamente gerados na sociedade gera no indivíduo uma incapacidade de reação a estímulos futuros. O entendimento não é novo. Em 1948, Robert K. Merton e Paul F. Lazarsfeld no texto *Comunicação de Massa, Gosto Popular e a organização da ação social* (1978) já pensavam a consequência da informação em demasia. Aos autores estadunidenses coube o conceito de disfunção narcotizante, que ao lado da atribuição do *status quo* e do reforço das normas sociais desenham no fim do século XX as ideias acerca da comunicação de massa.

Para os autores, “estar exposto a esta avalanche de informações poderá servir para narcotizar o leitor ou ouvinte mediano, ao invés de estimulá-lo” (1978, p. 115), deste modo, o tempo gasto na leitura e na audição de notícias faz com que falte o tempo da ação organizada. Para eles, “confunde assim o fato de

conhecer os problemas cotidianos com o fato de atuar sobre eles. Sua consciência social permanece imaculada”

Neste sentido, pode-se retornar a Romero-Rodriguez e Mancina-Chávez para justamente pensar sobre a hiperinformação e suas consequências. Entretanto, os autores espanhóis agora delimitam um cenário muito mais amplo e complexo. Se antes se tratava acerca de um aparelho televisivo ou de rádio, agora defronta-se com uma infinidade de telas que despejam informações em todos os lugares.

Assim, quando uma pessoa sente que não domina todas as informações que deveria para tomar suas decisões, quando lhe é impossível ler um texto devagar e com atenção, ou quando adquirimos o hábito de uma leitura diagonal rápida sem a capacidade de compreender plenamente a mensagem, nos deparamos com sintomas claros de intoxicação (Cornella, 2010). Isso ocorre porque os indivíduos se adaptam à sobrecarga de estímulos dedicando menos tempo a cada um deles, realizando uma escotomização voluntária -bloqueio- e/ou instalando um sistema de filtragem cognitiva para manter a quantidade de informação dentro dos limites de assimilação.²⁷ (Milgram, 2010) (ROMERO-RODRIGUEZ e MANCINA-CHÁVEZ, 2016, p. 116)

Deste modo, pode-se pensar a intoxicação pelas seguintes características (2016; 2018)

- Eles superexploram o interesse do público
- Não cumprem os princípios de tratamento jornalístico
- Eles não são informativos
- Narrativas minimalistas

Tais características, embora auto explicativas, devem ser vislumbradas não separadamente ou estáticas ao longo do tempo, mas repetidas exaustivamente em diversos os temas que concernem a vida em sociedade. Ou

²⁷ No original: Así, cuando una persona siente que no domina toda la información que debería para la toma de sus decisiones, cuando le es imposible leer un texto de forma pausada y con detenimiento, o cuando adquirimos una costumbre de lectura rápida diagonal sin capacidad de comprensión integral del mensaje, nos encontramos ante síntomas claros de estar intoxicados (Cornella, 2010). Esto sucede ya que los individuos se adaptan a la sobrecarga de estímulos dedicándole menor tiempo a cada uno de ellos, realizando una escotomización voluntaria -bloqueo- y/o instalando un sistema de filtrado cognitivo para mantener la cantidad de información dentro de los límites de asimilación

seja, uma notícia publicada em distinto meios comunicacionais, embora parte deles – partindo de um pressuposto deontológico – cumpra com o dever jornalístico e suas bases éticas, enfrenta a outra parte, que se pauta pela audiência a todo custo, pela lógica exclusivamente do capital, tornando-se desinformativa e aderindo a algumas características acima.

Um exemplo recente: em 2020, quando se deu o início da pandemia de Covid-19, a Organização Mundial da Saúde (OMS), decretou que ao lado da disseminação do novo coronavírus havia uma *infodemia*, isto é, um conceito distinto da intoxicação, mas que direciona para um excesso de informações, corretas ou não, que se espalham rapidamente ao passo que se torna impossível distinguir fontes, confirmações e informações. De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (2020, p.03):

O maior acesso global a celulares conectados à Internet, além das mídias sociais, levou à geração exponencial de informações e a um aumento do número de meios possíveis de obtê-las, criando uma epidemia de informações, ou infodemia. Em outras palavras, temos uma situação na qual muitas informações estão sendo produzidas e compartilhadas em todos os cantos do mundo, chegando a bilhões de pessoas. Quantas dessas informações são corretas? Apenas algumas.

Neste sentido, o conceito de hiperinformação se torna uma chave entre o fenômeno da aceleração social do tempo, principalmente tendo como base a lógica escalar da produção de crescimento e aceleração. Logo, a hiperinformação se torna apenas mais uma consequência de um encadeamento sócio-histórico. Assim, o entendimento de Umberto Eco em entrevista à Revista Época é sintomático o suficiente para perceber as armadilhas importas pelo suporte da hiperinformação contemporânea, isto é, a rede mundial de computadores. Para o autor italiano

A internet não seleciona a informação. Há de tudo por lá. A Wikipédia presta um desserviço ao internauta. Outro dia publicaram fofocas a meu respeito, e tive de intervir e corrigir os erros e absurdos. A internet ainda é um mundo selvagem e perigoso. Tudo surge lá sem hierarquia. A imensa quantidade de coisas que circula é pior que a falta de informação. O excesso de informação provoca a amnésia. Informação demais faz mal. Quando não lembramos o que aprendemos, ficamos parecidos com animais. Conhecer é cortar, é selecionar (GIRON, 2013).

Em outra resposta o autor continua:

A internet é perigosa para o ignorante porque não filtra nada para ele. Ela só é boa para quem já conhece – e sabe onde está o conhecimento. A longo prazo, o resultado pedagógico será dramático. Veremos multidões de ignorantes usando a internet para as mais variadas bobagens: jogos, bate-papos e busca de notícias irrelevantes. (GIRON, 2013).

Assim, esta não foi a primeira vez que o autor italiano chamou a atenção para as consequências e danos da dinâmica da internet para as relações sociais. Em 2015, ao receber o título de *Honoris Causa* pela Universidade de Turim, Eco afirma que "A Internet? Deu direito aos idiotas de falar: antes falavam apenas no bar e eram imediatamente silenciados" (HUFFPOST, 2015).

A perda da racionalidade na sociedade da aceleração

A fala de Umberto Eco sobre a sociedade contemporânea não é apenas sintomática, mas em 2015 fora analítica. Desde então o que se vê é apenas o aguçamento dessa expressão fenomênica do não-saber na internet, que se faz como campo social por meio de redes de conexão, como Twitter, Instagram, Facebook, dentre outras. Neste sentido, existe aí uma discussão demasiadamente rica acerca do papel dos algoritmos na internet e da atuação das big techs (MOROZOV, 2018).

Todavia, é possível uma outra perspectiva de análise da fala do teórico italiano. Desde 2016, com a ascensão das *fake-news* no cenário político tanto internacional quanto nacional, conectando-se principalmente com a eleição do republicano estadunidense Donald Trump, um conceito veio à tona no campo comunicacional e sociológico. A questão da pós-verdade, que influencia afetivamente nas escolhas, opiniões e ações da sociedade, consagrou-se como palavra do ano pelo Dicionário de *Oxford* que a definiu como as “circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal²⁸”.

²⁸ No original: “an adjective relating to circumstances in which objective facts are less influential in shaping public opinion than emotional appeals”. Disponível em <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/> >> Acesso em 08/01/2021

Assim, o conceito se torna uma importante chave de leitura para compreender nestas páginas o fenômeno da desinformação na sociedade da aceleração. Ao propor um vínculo entre a aceleração e a desinformação, a pós-verdade adentra no campo interpretativo de análise não como uma peça fundamental, mas um componente para a compreensão. No que pesa um mundo cada vez mais midiaticizado e mediado pelas tecnologias da informação, em detrimento dos exercícios de leitura crítica dos fatos, põe-se na equação os sentimentos, medos e angústias. Para Pereira e Siebert (202):

Ao analisarmos tais enunciados, o uso do termo pós-verdade também passa a significar um momento histórico com expressivo aumento na velocidade da comunicação que, entre outras coisas, multiplica a quantidade de informações com as quais precisamos lidar diariamente. O termo passa a ser usado para nomear esse viver imerso em novas condições de produção de sentido. Nessa perspectiva, acreditar na informação ou classificá-la como mentirosa de imediato representa um reforço de posicionamento possibilitado pelo caráter ideológico do processo de interpretação. Segundo Orlandi (2012a, p. 66), a ideologia “não se liga à falta, mas ao excesso. A ideologia representa a saturação, o efeito de completude que, por sua vez, produz o efeito de ‘evidência’, sustentando-se sobre o já dito, os sentidos institucionalizados, admitidos por todos como ‘naturais’”. Na pós-verdade, o excesso de informações gera um número maior de “já-ditos” sobre os quais diversos matizes ideológicos podem se firmar.

É deveras interessante a proposta de análise conferida no excerto acima, pois vincula o período histórico ao conceito de pós-verdade, vinculando-o ao excesso, a velocidade e ao efeito de evidência ocasionado. Quando se pensa tais questões contextualizadas no âmbito da sociedade da aceleração social do tempo, potencializa-se então, em âmbito teórico, a relação temporal e desinformativa que pretende-se aqui.

Neste sentido, a hipótese aqui discutida é que a base para a situação analisada se estratifica no irracionalismo (SOUZA, 2019) e se torna, por fim, um motor da desinformação.

Partindo de um arcabouço teórico marxista, como Lukács e Meszáros, Souza afirma que a pós-verdade se tornou a síntese fenomênica do conhecimento objetivado pela burguesia do século XXI e que se transferiu ao

longo do tempo para as plataformas digitais. Isso, compreendendo a ideia de que as formas de pensar são ordens socialmente desenvolvidas, o que faz por sua vez o irracionalismo hegemônico um produto basilar para a configuração do processo de luta de classes.

Souza contribui no sentido de ordenar os fatos sociais em uma lógica arraigada na sociedade e que encontra eco nos processos históricos e culturais. Isto é, a pós-verdade, analisada como um fenômeno, existe em arranjo com outros fatores, que a potencializam, e outros que a reprimem. Deste modo, embora esse debate não seja parte essencial deste trabalho, se levanta como uma questão de fundo importante, pois alerta ao fato de que nenhum processo social ou conceito surge na natureza ou de modo orgânico. Aliás, é muitas vezes, como já visto no capítulo dois, impulsionado ora pelo motor cultura, ora pelo motor econômico.

As mudanças tecnológicas e a disseminação ampliada de informações em ambiente digital proporcionaram – junto da reestruturação produtiva no mundo do trabalho – a assimilação pelo senso comum dos pressupostos relativistas e niilistas do pós-modernismo. Os estranhamentos consolidados na vida cotidiana absorvem o irracionalismo desses pensadores e a pragmática utilitarista e cínica da sociabilidade do capitalismo, em tempos de digitalização marcada pelo individualismo e pela solidão virtual, garantem o estofo necessário à noção de pós-verdade (SOUZA, 2020, p. 14-15).

O período pós-moderno, ou esta visão de mundo, também é sublinhado por Souza como um fator determinante para o detrimento da racionalidade. A queda das grandes narrativas, o questionamento acerca da ideia de objetividade, ciência e realidade, contribuíram diretamente para o fenômeno da pós-verdade. Assim, é possível que “a pós-verdade poderia, nesse sentido, ser descrita como uma projeção contemporânea das ideias pós-modernas na mentalidade hegemônica do cotidiano das populações em tempos de turbo-capitalismo digital” (SOUZA, 2019, p. 06).

Deste modo, o que se pretende elucidar neste capítulo é: 1) a natureza ambígua do jornalismo no tocante a desinformação e aos processos desinformativos como se viu até aqui; 2) a complexidade e os inúmeros conceitos e definições da desinformação; 3) a aceleração social do tempo nos termos de Hartmut Rosa como um fenômeno complexo que atua de modo transversal na

relação entre aceleração, jornalismo e desinformação, afetando desde as rotinas produtivas até o consumo final; e 4) A desinformação que se pretende relacionar com o fenômeno da aceleração concerne no amplo espectro que vai desde as *fake-news*, até uma má interpretação do leitor, passando pelo excesso informacional, parcialidade e incompreensão, convergindo as categorias acima principalmente na subjetividade do sujeito leitor e do seu grau de capacidade de absorção e compreensão das notícias, além claro, da própria categoria de declives escorregadios e o aumento das contingências (ROSA, 2019) como visto no primeiro capítulo.

Capítulo IV

Aceleração, desinformação e jornalismo: uma pesquisa empírica

Após explicitado tanto a fenomenologia das três dimensões aceleratórias, isto é, a aceleração técnica, a aceleração dos movimentos sociais e a aceleração do ritmo da vida, seguido pela descrição das forças motrizes do fenômeno da aceleração, ou seja, as causas, como mensurar a existência e os impactos deste fenômeno no campo do jornalismo? Ou mais, como mensurar o fenômeno aceleratório no campo do jornalismo restrito ao âmbito do consumo? Embora haja, como já dito anteriormente, uma escassez de pesquisas relacionadas ao uso e a percepção temporal no Brasil, essa escassez se aprofunda ainda mais quando se debruça sobre o jornalismo propriamente, seja sua produção ou seu consumo. Todavia, neste sentido, outras pesquisas se encarregam da temática por vias teóricas, tal como parte do presente trabalho.

Neste sentido, o último capítulo desta pesquisa se encarrega de por vias empíricas, tentar comprovar a hipótese central da pesquisa — ou apontar indício — da existência do fenômeno da aceleração social do tempo e sua potencialização para a desinformação jornalística.

Claramente a pesquisa aqui proposta não almeja compreender todos os processos sociais e temporais que cruzam e são cruzados pelo jornalismo. É preciso, por questões científicas e metodológicas, a escolha de um recorte para que assim se possa construir deduções próximas do plano real.

Questões metodológicas

Para isso, ao avançar sob o campo teórico e se inserir no nível empírico proposto pelas hipóteses levantadas, o presente trabalho, para fins de coleta de dados, faz-se uso de um questionário. Deste modo, como aponta Lopes (2014) em relação a tal técnica de coleta empírica

Os dados primários, que são obtidos originariamente pelo investigador, são integrados a dados secundários obtidos de fontes como: jornais, revistas, publicações de estatísticas etc. A

rigor; também a pesquisa bibliográfica constituída por levantamentos, fichamentos e consultas bibliográficas, constituída por fonte secundária de dados (LOPES, 2014, p. 148).

Partindo de tal perspectiva apontada acima, este capítulo se soma ao resto do trabalho ao passo que avança com a coleta empírica primária, tendo em vista a grande quantidade de dados e informações já apresentadas.

Assim, a técnica de coleta de dados por meio de questionário não se faz aqui como algo inovador ou pioneiro, mas como um modo eficaz de aproximação direta entre a teoria e o tecido empírico. Neste sentido, é possível o levantamento de diversos autores que tecem críticas e contradições da técnica proposta. Seleciona-se aqui um trecho apontado por Bourdieu (1973, p. 2)

Transgredindo o preceito elementar da construção de um questionário que exige que se "dê oportunidade" a todas as respostas possíveis, omite-se frequentemente nas questões ou nas respostas propostas uma das opções possíveis, ou ainda, propõe-se muitas vezes a mesma opção sob formulações diferentes. Existem todos estes tipos de vieses e seria interessante se perguntar sobre as condições sociais que propiciam seu aparecimento. Na maioria das vezes, eles têm a ver com as condições em que trabalham as pessoas que produzem os questionários. Mas devem-se principalmente ao fato de que as problemáticas fabricadas pelos institutos de pesquisa de opinião estão subordinadas a uma demanda de tipo particular.

Neste sentido, para além de institutos de pesquisa, a técnica escolhida na guia se aproxima dos objetivos esperados e das hipóteses levantadas. O questionário também apresenta respostas mais diretas para questões basilares, como checagem de notícias, perfil sociodemográfico. Assim, os benefícios do método em questão se tornam maiores que as questões contraditórias e negativas.

O questionário

O apresentado questionário é composto de 21 questões. Dividido em quatro grandes blocos, a primeira parte se debruça para compreender o perfil sociodemográfico do respondente, a segunda parte foca em apreender a relação

do respondente com o jornalismo e o consumo; a terceira parte busca compreender indícios da aceleração social do tempo; e a quarta e última parte trazem questões acerca da desinformação. O questionário teve como público-alvo a população adulta de 20 a 30 anos de todo o Centro-Oeste brasileiro (Mato grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás e Distrito Federal) e contou com 546 respostas. O tempo de coleta das respostas foi de 10 de Janeiro de 2022 a 29 de Abril de 2022.

Assim, cabe neste momento apresentar as questões referidas nos quatro grandes blocos.

BLOCO 1 – CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO
1 - Sexo
2 - Idade
3 - Estado civil
4 - Trabalho
4.1 - Cidade e estado
6 - Renda
7 - Escolaridade

Nos próximos blocos, para aproximação da perspectiva individual da realidade de cada respondente, as questões atendem a escala de Likert, mensurando com mais clareza as nuances e limites de uma resposta.

BLOCO 2 – RELAÇÃO JORNALÍSTICA E CONSUMO
7 - Num dia normal, quanto tempo passa a ver, a ler ou a ouvir notícias sobre política e assuntos da atualidade? Responda, por favor, em número de horas e minutos:
8 - Com que frequência você utiliza a internet, nestes ou noutros aparelhos, seja para trabalhar ou para fins pessoais?
9 - Como você avalia o papel do jornalismo no funcionamento da sociedade?

10 - Com qual frequência você consome notícias em: (Nas respostas possíveis: rádio fm, jornal impresso, mídias sociais, portais noticiosos, televisão)
11 - De 1 a 5, em que 1 é nada confiante e 5 totalmente confiante, refira o seu nível de confiança
12 - De 1 até 5, em que 1 representa nenhuma importância e 5 total importância, diga-nos o grau de importância que atribui a cada um dos seguintes meios para a formação da sua opinião sobre política?
13 - De 1 até 5, em que 1 representa nenhuma importância e 5 total importância, indique a importância destas plataformas e redes sociais on-line para consultar notícias?

O bloco 3 surge no questionário como uma possibilidade de aproximação direta entre a teoria da aceleração social do tempo nos termos do autor alemão Hartmut Rosa, ao passo que aproxima a aceleração e suas dimensões e consequências ao consumo jornalístico.

BLOCO 3 – ACELERAÇÃO SOCIAL DO TEMPO
14 - Você percebe uma ausência de tempo no seu dia a dia, como se o dia precisasse ter mais algumas horas para terminar todos os afazeres?
15 - Você sente a necessidade de estar sempre se atualizando em termos profissionais, sociais e tecnológicos? *
16 - Você sente a necessidade de estar sempre se atualizando sobre as notícias?

E por último, o bloco 4 confronta os respondentes com a questão da desinformação.

BLOCO 4 - DESINFORMAÇÃO
17 - Ao consumir notícias no dia a dia você possui a sensação de que quanto mais se lê menos se sabe sobre a situação do Brasil?

18 - Você sente que ao longo do dia o excesso de notícias mais atrapalha do que ajuda?
19 - O excesso de informação faz com que você não saiba qual informação está certa?
20 - Você costuma checar as informações que lê?

Tendo todas as questões explanadas, cabe ressaltar que o objetivo do questionário não é o de trazer ideias e resultados conclusivos, fechados e totalizantes. O questionário serve a essa pesquisa como ponte de aproximação do efeito transversal da aceleração, isto é, indícios de que o fenômeno aceleratório potencializa a desinformação não de modo único, exclusivo e direto, mas afetando grande parte dos indivíduos em diferentes faces.

Resultados

1 - Perfil sociodemográfico

As 546 respostas ao questionário determinaram um perfil sociodemográfico dividido em que 52,3 por cento das respostas foram de mulheres e 46, 5% por homens. A idade, como já pontuado anteriormente, foram de pessoas de 20 a 30 anos com uma preponderância maior entre a faixa dos 20 até os 25 anos de idade. Sobre o estado civil, 78, 1% dessas pessoas se autodeclararam como solteiras, e o resto dividido entre casados, divorciados e viúvos.

Em relação ao trabalho, 49% se encontram com vínculo empregatício 24,5% se declaram estudantes e 14,8% são autônomos ou *freelancers*. A cidade dos respondentes variou bastante, com respostas de todas as regiões do Brasil, com predominância de Campo Grande – MS, Cuiabá – MT, Dourados - MS, Goiânia – GO, Brasília (DF) e Rondonópolis - MS.

No que diz respeito a renda financeira, 51,6% dos respondentes afirmam receber de 1 a 2 salários mínimos, 32, 3% recebem de 3 a 5 salários mínimos e 11,6% possuem renda de 5 a 10 salários mínimos. No âmbito educacional, 40,6% dos participantes afirmam possuir graduação completa. Outros 16,8%

estão ou concluíram o mestrado, e 7,1% estão ou concluíram o doutorado. 22,6% possuem ensino médio completo.

Neste sentido, o primeiro bloco de perguntas traz à pesquisa uma persona, isto é, um sujeito em comum que dada as respostas pode-se classificar como um homem, jovem-adulto, solteiro e graduado ou pós-graduando. Deste modo, como o tema tratado recorre muito a subjetividade dos indivíduos e maleabilidade do próprio tema da aceleração, partir da formação de uma persona por meio do questionário ampara o raciocínio da pesquisa em curso e propõe um indivíduo real cercado por problemas e questões do tecido empírico.

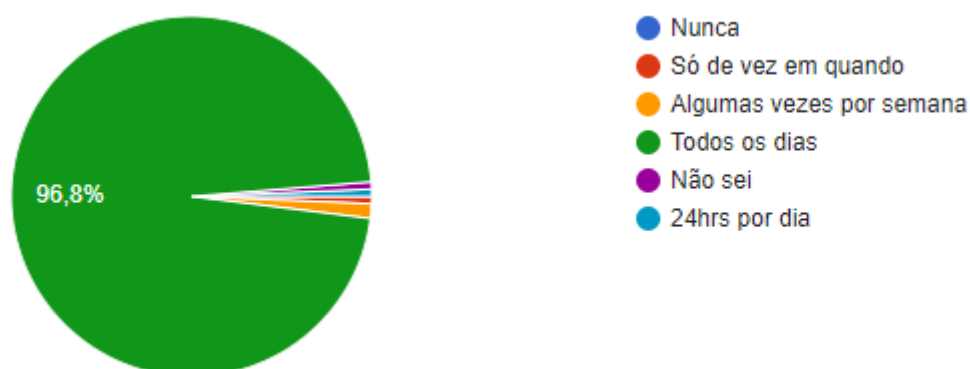
2 – Jornalismo e consumo

O segundo bloco de questões concerne na relação dos indivíduos e o jornalismo, o consumo e o grau de importância. Para isso, sete questões almejam compreender a localização do jornalismo no universo dos respondentes.

Inaugurando o bloco, a primeira questão indagava acerca do tempo que o indivíduo passava consumindo notícias. Por ser de difícil mensuração, tendo em vista que a prática de cronometrar e marcar um determinado tempo de consumo é incomum e não muito usual, a questão, além disso, proporcionou um número infinito de respostas — que variam de dez minutos até cinco horas —, ou seja, obteve-se uma ideia de um consumo múltiplo e também extremamente fragmentado ao longo do dia, de certo modo potencializado pelo uso de dispositivos móveis.

Assim, a questão seguinte já anuncia tal conexão. Quando se indaga sobre a frequência do uso de internet, seja para trabalho ou uso pessoal, 96,8 por cento respondem que todos os dias, dados que comprovam o impacto da ubiquidade e mobilidade dos novos meios.

Figura 13: 17ª questão: Qual a sua frequência no uso de internet (Fonte: autor)



O uso constante, já trabalhado em momentos anteriores desta pesquisa, age de modo intrínseco à persona respondente que se constrói nesta pesquisa. O contato diário com a internet, em dispositivos móveis ou não, soma e potencializa o fenômeno aqui estudado, isto é, a aceleração na vida social e uma possível relação com a desinformação jornalística. Ou seja, o excesso de informação disponível no ambiente virtual e o imediatismo do consumo, pode gerar efeitos narcotizantes nos indivíduos. A informação “como excesso”, isto é, o volume de notícias, opiniões e narrativas, pode gerar fadiga e ansiedade nos indivíduos.

Quando questionados sobre a frequência do consumo, tópico importante para o tema central da pesquisa, cerca de 70% dos respondentes afirmam consumir notícias todos os dias por meio das mídias sociais, enquanto 95% afirmam nunca consumir notícias em jornais impressos. Tem-se no debate que as mídias sociais trabalham como “atravessadores” da notícia, ou seja, por meio do compartilhamento e do comentário do usuário, a leitura acaba se dando apenas pelo título da matéria e o debate ocorrendo na caixa de comentário da rede social. No final do processo, o fluxo maior ocorre no debate na mídia social com apenas o título do que com o texto completo e todas as informações necessárias (Anspach NM, Jennings JT, Arceneaux K, 2019).

Além disso, a TV, antes da ascensão da internet tida por muitos como uma das principais plataformas de comunicação, hoje tem, na pesquisa

realizada, uma das menores médias. 39% dos respondentes afirmam consumir notícias por meios televisivos todos os dias. Do lado oposto, 17% afirmam que nunca consomem.

O jornal impresso tem o maior número quando a questão é o não consumo. 95% afirmam nunca consumir esse tipo de meio de comunicação. Apenas 3% consomem todos os dias. Embora seja um dado extremo, não surpreende, tendo em vista o declínio do jornal impresso e sua reformulação na contemporaneidade.

A confiabilidade nos meios também varia. Nos dados coletados, nenhum veículo ou modelo de comunicação recebeu mais de 30% das respostas na categoria muito confiável. Para comentadores nas mídias sociais e conteúdos das mídias sociais, 89 e 88 por cento respectivamente afirmam serem um pouco confiante.

Vale ressaltar também que na questão seguinte, sobre a importância de outros meios e grupos sociais para a formação da opinião política, os amigos e a imprensa escrita gozam de maior credibilidade em detrimento das mídias sociais, rádio e tv, o que demonstra a importância da comunicação interpessoal no processo de formação da opinião pública. Isto é, os dados mostram que a interação com grupos de pares ou líderes de opinião ainda é importante na concorrência com os meios de comunicação, tradicionais ou não.

E por último, a questão que fecha o tópico a respeito do consumo jornalístico versa sobre a **importância de determinados meios para o consumo noticioso**. O aplicativos de conversas instantâneas Whatsapp assume na pesquisa uma posição de 87% de não importante quando o assunto é consumir notícias. Na outra ponta, 54% dos respondentes consideram os sites de mídia tradicionais muito importantes quando é hora de se atualizar sobre as notícias. As outras respostas Facebook, Twitter e blogues composaram respectivamente o restante das respostas. Neste sentido, Os dados demonstram que, pelo menos entre os jovens, o whatsapp não é uma plataforma importante e confiável no que ao consumo de notícias diz respeito, antevendo uma desconfiança do público mais jovem na utilização desta plataforma para o consumo de notícias.

3 – Aceleração social

Este bloco de questões objetivou-se a apreender indícios do fenômeno da aceleração social do tempo para com os indivíduos. Composto de apenas três questões, as indagações partem do tronco teórico desenvolvido por Hartmut Rosa acerca do fenômeno aceleratório em contraponto ao consumo jornalístico. Neste sentido, a primeira questão busca compreender a experiência da percepção de ausência do tempo no dia a dia, como se fossem necessário mais horas. Assim, 40,3% dos respondentes afirmaram que sim, sentem que o cotidiano deles necessita de mais horas para a finalização de todas as tarefas. 34,4% afirmam que só de vez em quando, ou seja, esporadicamente, e 22,7% algumas vezes por semana.

Tal resposta caminha em direção ao afirmado por Hartmut Rosa.

Um aumento do ritmo da vida representa, ao contrário, uma reação ao escasseamento de recursos temporais, de modo que, para as ações (ou experiências) particulares, resta *menos tempo* disponível que antes. [...] *Subjetivamente*, isto é, na experiência temporal dos sujeitos agentes, tal escassez de recursos temporais reflete-se através de um sentimento da *passagem mais veloz do tempo*, mas sobretudo na experiência da *carência temporal* e do *estresse*, bem como na sensação de *não “ter” tempo* (a não ser que os atores tenham, anteriormente, se entediado). (ROSA, 2019, p. 262).

A afirmação acima se ampara, no âmbito do objetivo desta pesquisa, principalmente no fator tecnológico quando se observa os meios preponderantes no processo do consumo jornalístico. O uso normalizado por meio de dispositivos móveis e mídias sociais acelera o processo do consumo e desagua na direção da passagem do tempo mais veloz, tendo em vista o fator de crescimento e de aceleração.

A segunda questão do bloco indaga acerca da constante necessidade de atualização, tanto em termos profissionais, quanto sociais e tecnológicos. Neste sentido, 39,6% dos inquiridos afirmam que sempre sentem essa necessidade, 30,5% na maior parte dos dias, 14, 9% algumas vezes por semana, e 14,3% só de vez em quando. Logo, a sensação constante de atualização, em diversas

esferas da vida, se encontra arraigada de acordo com as respostas coletadas no questionário apresentado. Claramente, isto caminha conforme já apontado pela teoria da aceleração social do tempo. Os declives escorregadios apontados pelo autor alemão nomeiam, de certo modo, um estadio subjetivo da consciência, onde a qualquer momento pode-se cair, algo pode-se alterar. A constante luta na contemporaneidade, conforme aponta Rosa, é para permanecer no mesmo lugar. As notícias, portanto, inserem-se neste panorama o passo que estão sendo constantemente, e por meios cada vez mais velozes, atualizadas, resignificadas e reinterpretadas. As camadas de leitura são inúmeras a depender por onde se lê ou escuta.

Para Rosa,(2019), os declives escorregadios se encontram, como já apontado em páginas anteriores, inseridos no contexto da aceleração das mudanças sociais.

A consequência da sensação, desencadeada pela aceleração da mudança social, de se estar sobre *slipping slopes* ou “declives escorregadios” é clara: a lógica cultural aqui corresponde exatamente à física: os atores se sentem sob estresse e pressão temporal para manter o passo diante das transformações e não perder, pela obsolescência de seus conhecimentos e capacidades, opções de ação e oportunidades de integração. (ROSA, 2019, p. 232)

A terceira e última questão questiona os respondentes sobre a necessidade de atualização sobre as notícias. Do total de respostas, 39% afirmou que sempre possuem essa necessidade, enquanto outros 39% sentem que na maior parte dos dias possuem essa necessidade. 13,6% apenas responderam que algumas vezes por semana. Tal necessidade, atrelada ao entendimento de declives escorregadios do Rosa (2019), possibilita uma interpretação precisa sobre o consumo de notícias na contemporaneidade tendo em vista o grande fluxo de informações recorrentes oriundas de diversos meios.

4 – Desinformação

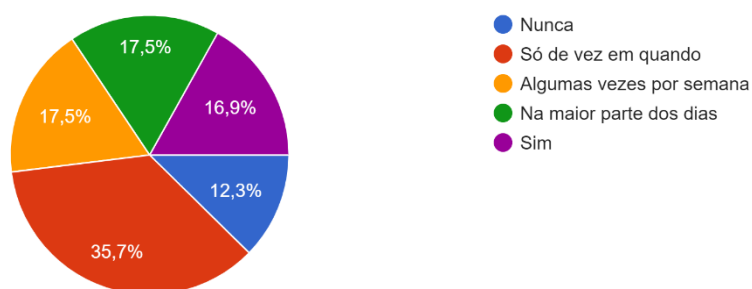
O quarto e último bloco de questões converge no âmbito temático da desinformação. Cabe aqui, antes de apresentar os resultados, uma nota. Não foi objetivo da questão e da pesquisa em si apontar causas únicas e isoladas, como

se toda a realidade da desinformação fosse oriunda do processo aceleratório descrito por Rosa na contemporaneidade. Compreende-se aqui que a aceleração é um fator demasiadamente importante que perpassa diversas camadas da vida dos indivíduos. Isto posto, a pesquisa empírica apresentada aponta, apenas, para indícios de ligação entre a aceleração e a desinformação. Logo, afirmar que um fenômeno é a causa única e objetiva de outro seria cair em uma armadilha teórica impossível de se comprovar nestas páginas.

Assim, a primeira questão do último bloco indaga para “ao consumir notícias no dia a dia você possui a sensação de que quanto mais se lê menos se sabe sobre a situação do Brasil?”. As respostas, de forma surpreendente, se dividiram de modo considerável. 16,8% responderam que sempre, ao passo que 15,5% disseram que nunca se sentem assim. A sensação se “só de vez em quando” foi a resposta de 23,9% dos participantes. “Algumas vezes por semana” e “Na maior parte dos dias” obtiveram 17,4% e 26,5% respectivamente.

A segunda questão do bloco perguntava sobre se o excesso de notícias ao longo do dia mais atrapalhava do que ajudava.

18ª questão: Você sente que ao longo do dia o excesso de notícias mais atrapalha do que ajuda? (Fonte: Autor)



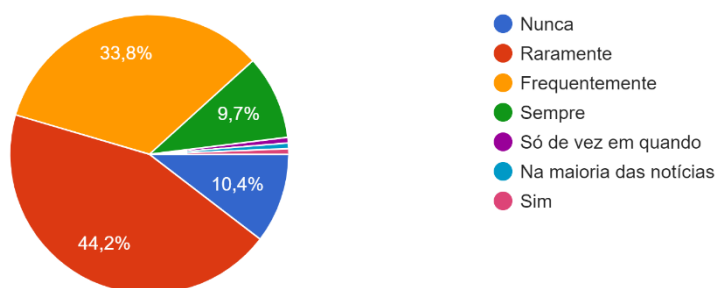
A Terceira questão do último bloco, tangenciando o universo da desinformação, indaga sobre se o excesso informacional faz com que o indivíduo não saiba qual a informação certa. De modo surpreendente, 44% das respostas afirmavam que raramente se sentiam confusas pelo excesso noticioso. Ao passo

que 33,8% responderam que frequentemente se sentem assim. Outros 10,4% e 9,7% afirmam que “nunca” e “sempre” respectivamente.

É importante sublinhar que, considerando o espectro regional da nossa pesquisa, um em cada três inquiridos manifesta dificuldades em reconhecer uma desinformação na Internet. Apesar de constituírem a geração mais familiarizada com as tecnologias de informação e comunicação, os jovens manifestam dificuldades em identificar informações falsas na Internet, confundido fatos, informações enviesadas e manipuladas, e opiniões. Efetivamente, estes dados vão ao encontro de alguns estudos que apontam uma dificuldade dos jovens em identificar *fake news* na Internet. A conclusão de que parte considerável dos jovens é inábil para distinguir notícias falsas na Internet é importante para se considerar os impactos da desinformação na manipulação e administração da opinião pública (Wineburg; McGrew; Breakstone; Ortega; Teresa, 2016)

A questão do excesso informacional, tanto situada na perspectiva do regime de atenção na contemporaneidade quanto na ideia de caos informacional, caminha na direção exata apontada por Rosa ao traçar a correlação entre aceleração e crescimento. A ideia se materializa no campo jornalístico no âmbito da produção noticiosa e ecoa em aspectos negativos na hora do consumo.

19ª questão: O excesso de informação faz com que você não saiba qual informação está certa? (Fonte: Autor)



E por último, a vigésima questão do questionário analisa se o respondente checava as informações que lia. 40,9% das respostas são de leitores que

checam as informações que leem na maioria das notícias. Já 40,3% afirmam que sempre conferem a veracidade e as informações contidas nas notícias. Nunca; só de vez em quando; e algumas vezes pela semana somam ao todo 18, 8% das respostas.

Esta questão se encontra muitas vezes no centro dos debates da desinformação na contemporaneidade. O intenso fluxo informacional e os diversos estímulos (outros aplicativos, sons, mídias sociais, dentre outros) acabam por interromper o fluxo de leitura e impedir a confirmação de certas informações que poderiam ser checadas.

Conclusões finais

A aceleração social do tempo, fenômeno descrito de modo ímpar pelo teórico alemão Hartmut Rosa, torna-se nestas páginas o mote central, orbitando ao redor do fenômeno do consumo jornalístico e suas implicações com a desinformação. Assim, o presente trabalhou se propôs justamente a isso: olhar para o jornalismo pelo prisma da aceleração social do tempo. Mas não apenas um olhar apático ou demasiadamente objetivo. Por meio de Rosa, teceu-se uma crítica a aceleração social do tempo no âmbito jornalístico, trazendo ao debate seu lado negativo e nocivo para as sociedades.

Deste modo, passando pelo roteiro desenhado por Rosa, o primeiro capítulo se propõe a cruzar as dimensões fenomenológicas da aceleração social do tempo, seus motores e suas implicações no que tange ao jornalismo, sua história e suas formulações teóricas e práticas. Por meio de um extenso diálogo bibliográfico, mapeia-se teorizações já consagradas, e que tal como Rosa, realiza-se aqui uma arqueologia da aceleração no âmbito jornalístico.

A aceleração social do tempo, composta de suas dimensões fenomenológicas, como a aceleração técnica, aceleração dos movimentos sociais e aceleração do ritmo da vida, formam em um primeiro momento a parte visível e perceptiva da aceleração social desenhada e analisada por Rosa. Assim, na presente pesquisa, para além de esmiuçar e detalhar a configuração dessas dimensões, o trabalho busca compreendê-las e visualizá-las pela perspectiva do jornalismo e no campo dele. Isto é, o jornalismo inserido dentro

da aceleração tecnológica, seus percalços, histórico e consequência. Assim como o jornalismo no contexto da aceleração dos movimentos sociais, que dialoga com ideias acerca da validade da notícia, seu tempo útil e a percepção que se dá a partir disso.

Logo, o primeiro capítulo permite ampliar as noções já consolidadas sobre o que é aceleração, quais são seus modos de manifestação, e a clara distinção entre aceleração e tecnologia, isto é, nem toda aceleração é oriunda exclusivamente da evolução tecnológica, seja ela no cotidiano ou não.

O segundo capítulo, por sua vez, debruça-se a compreender os motores da aceleração social do tempo e seus reflexos no jornalismo. Primeiro, o motor econômico, por meio das empresas jornalísticas e do sistema financeiro atual, mas antes disso, o próprio sistema econômico em si, que dita lógicas de produção, de consumo, e fluxos, seja do capital ou de pessoas. Assim, ao lado da máxima “tempo é dinheiro”, o motor econômico se imbrica diretamente no que se conhece como tempo e como, na contemporaneidade, ele é repartido.

O outro motor da aceleração social do tempo reside no âmbito cultural, que preza por uma eterna promessa da aceleração, para usar os termos de Rosa. Oriundo de conexões religiosas, o motor cultural traz à superfície a lógica de se aproveitar o máximo possível no menor tempo, assim, usufruindo de todas as benesses da vida.

Além disso, o segundo capítulo ainda traz em seu bojo uma hipótese a ser explorada e aprofundada em trabalhos futuros, isto é, a conexão entre alteração da forma jornalística e a aceleração temporal. A diminuição do texto, sua síntese e a ascensão do lead, como isso afeta a percepção temporal do leitor? De modo inicial, as questões propostas norteiam um trabalho futuro que desenha um enlace com sociologia da aceleração, teoria literária e jornalismo.

O terceiro capítulo somou à discussão questões teóricas e práticas referentes a desinformação jornalística, partindo desde sua ampla discussão e conjunturas, suas diferenciações e concepções distintas por pesquisadores até a convergência com questões relativas à tecnologia, aceleração social do tempo e outros tópicos que orbitam a temática.

O último capítulo se propôs a colher por meios empíricos indícios de uma queda na qualidade do consumo jornalístico tendo como questão de fundo principal a aceleração social do tempo e suas imbricações, isto é, a tecnologia, a desinformação e a subjetividade. A metodologia usada para a coleta dos dados, o questionário, possibilitou por sua vez um contato direto no tecido empírico social.

As respostas oriundas das 21 questões que compõem o questionário apresentaram um panorama já esperado nas hipóteses, ao passo que surpreende em alguns pontos, como na checagem de informações e do tempo disposto para leitura de notícias. Neste sentido, pode-se concluir que o questionário atua na presente pesquisa como um indício importante da correlação entre aceleração social do tempo, desinformação e jornalismo.

Neste sentido, tanto a parte teórica quanto a parte empírica do presente trabalho unem-se por um lado para demonstrar por diversas vias o fenômeno da aceleração social do tempo descrito por Hartmut Rosa e por outro, as consequências do fenômeno implicado ao campo jornalístico em suas diversas possibilidades. Logo, avança-se na discussão, a propor pelo viés de Rosa, outros ângulos da problemática da desinformação. Entende-se, portanto, que a desinformação não reside e se materializa unicamente em um processo totalizador, isto é, ou desinformativo por parte de erros jornalístico ou desinformativo por parte da ausência de checagem dos leitores — ou qualquer outra causa-razão que se proponha a explica integralmente o problema.

A desinformação se potencializa, como mostrado em páginas anteriores, em um mundo contemporâneo cada vez mais acelerado em diversas camadas da vida social e subjetiva. Assim, o processo se torna auto aceleratório e destrutivo de si mesmo. Quanto mais pressão para a produção noticiosa, maiores os erros de apuração, conseqüentemente maior a pressão para se viver informado em um mundo que passa por atualizações constantemente. As dimensões fenomenológicas da aceleração se materializam em todo o processo de construção da noticiosa até o seu consumo. E neste sentido, o presente trabalho se debruça e reflete sobre indícios e consequências para a qualidade da notícia, do consumo e do jornalismo.

Assim, falar de desinformação em tempos concretos de aceleração social do tempo não é apenas efeito retórico ou baseado em pequenas evidências. A pesquisa aqui realizada mostra, embora recortada por região e idade, a materialização e a percepção dos efeitos desta aceleração. Tanto na subjetividade quanto nos processos materiais e físicos, como deslocamento, recepção e consumo. O que se vê caminha em direção aos preceitos e conclusões apresentadas por Hartmut Rosa aplicados ao âmbito jornalístico e seus processos.

Logo, a contribuição dada por esta pesquisa ao campo da comunicação é a de somar esforços para compreender o consumo jornalístico atual pelo viés da aceleração social do tempo, um fenômeno visto e muitas vezes citado por teóricos do jornalismo e da comunicação, não como fator central ou desestabilizador de uma ordem, mas como uma consequência apenas e exclusiva da aceleração tecnológica, o que se prova contrário ao que se viu até aqui, ou seja, a aceleração ocorre por uma junção de diversos fenômenos, tecnológico, movimentos sociais e ritmo da vida.

Além disso, para além de esforços teóricos, a pesquisa empírica por meio de questionário, reforça o contato com o indivíduo, e aproxima ao máximo grau a percepção de grupos a respeito da temática central da pesquisa. Isto, pela perspectiva que se adota, reforça a veracidade das respostas ao núcleo de seus respectivos recortes.

Deste modo, a pesquisa em questão reforça a discussão acerca dos efeitos da aceleração social do tempo e amplia seu âmbito de atuação ao jogar luz no consumo jornalístico em plena era de debate sobre desinformação em meios tecnológicos. Não se despreza aqui fatores que cruzam radicalmente toda a cadeia noticiosa, no caso, o contexto geográfico dos indivíduos, sua relação com as mídias sociais (os algoritmos e as *big-techs*), seu grau de instrução dentre outras questões que exercem influência. O que se compreende ao final é que existem indícios que comprovam a correlação entre aceleração temporal e a desinformação, como pode se perceber na pesquisa empírica e no diálogo teórico traçado nos primeiros capítulos.

Referências bibliográficas

- Anspach NM, Jennings JT, Arceneaux K. A little bit of knowledge: Facebook's News Feed and self-perceptions of knowledge. *Research & Politics*. January 2019. doi:[10.1177/2053168018816189](https://doi.org/10.1177/2053168018816189)
- ANTUNES, Elton. **Temporalidade e produção do acontecimento jornalístico**. Em *Questão*, vol. 13, núm. 1, enero-junio, 2007, pp. 25-40
- BARTHES, Roland. **A mensagem fotográfica**. In: COSTA LIMA, Luiz (org.). *Teoria da Cultura de Massa*. 5a . Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001
- BEARD, G. **A nervosidade americana**. *Revista latino-americana de psicopatologia fundamental*, ano V, n. 1, mar/2002.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A opinião pública não existe**. In Michel Thiollent, *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 4 ed. São Paulo: Polis. 1987
- BURKE, Peter; ASA, Briggs. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. — 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. RIO DE JANEIRO: SÃO PAULO: PUBLIFOLHA, 2000
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede - A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura** (vol. 1) . São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- CHARRON, Jean; DE BONVILLE, Jean. *Natureza e transformação do jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2016.
- CHOMSKY, Noam; HERMAN. **Los guardianes de la libertad**. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1990
- DALMONTE, Edson Fernando. Presente: o tempo do jornalismo e seus desdobramentos. *História* [online]. 2010, vol.29, n.1, pp.328-344. ISSN 1980-4369. <https://doi.org/10.1590/S0101-90742010000100019>
- DANTAS, M. **A lógica do capital-informação: a fragmentação dos monopólios e a monopolização dos fragmentos num mundo de comunicações globais**. Editora Contraponto, Rio de Janeiro, RJ. 2002
- DELEUZE, Gilles. & GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?**. Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muños. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica**. Salvador, 2003. 336 p.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **O jornalismo e a reformulação da experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. Brazilian Journalism Research (Online), v. II, p. 96-123, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: LTC, 1989.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê!. 1987.

GIRON, Luis Antônio. Umberto Eco: “**Informação demais faz mal**”. Época, 4 jul. 2013. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/07/bumberto-ecobinformacao-demais-faz-mal.html>>. Acesso em: 29 jul. 2021.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna - Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HUFFINGTON POST. Umberto Eco: “**Internet? Ha dato diritto di parola agli imbecilli: prima parlavano solo al bar e subito venivano messi a tacere**”. 16 jun. 2015. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.it/2015/06/11/umberto-eco-internet-parola-agliimbecilli_n_7559082.html>. Acesso em: 29 jul. 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). Brasil. 2019

IMMACOLATA, Maria. **Pesquisa em comunicação**. 7. ed. - São Paulo: Edições Loyola, 2014.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. **A rotatividade dos jovens no mercado de trabalho formal brasileiro**. 2013.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. **Na era das máquinas, o emprego é de quem? Estimação da probabilidade de automação de ocupações no brasil**. 2019.

KERN, Stephen. **The Culture of Time and Space 1880-1918**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1983.

LAZARSFELD, P. F.; BERELSON, B.; GAUDET, H. The People's Choice. 3a ed. Nova York: Columbia University Press, 1967 [1948; 1944]

LÓPEZ, Gabriel Galdon. **Desinformación: Métodos, aspectos y soluciones**. Pamplona. EUNSA. 2006

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. tradução de Alvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 1998.

MEDEIROS, Flavia Natércia da Silva; RAMALHO, Marina and MASSARANI, Luisa. A ciência na primeira página: análise das capas de três jornais brasileiros. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 2010, vol.17, n.2 [cited 2021-01-18].

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: summus, 2008.

MERTON, Merton K.; LAZARSFELD, Paul F.. **Comunicação de Massa, gosto popular e a organização da ação social**. In: LIMA, Luiz da Costa. Teoria da Cultura de Massa. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1978. p.101-127.

MORETZSHON, Sylvia. **Jornalismo em tempo real: O fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan: 2002.

NICKEL, Barbara. **O que é lento no slow journalism? Uma análise da sua relação com o tempo**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - 2018.

NOVAIS, F. A.; MELLO, J. M. C. de. **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna**. In: SCHWARCZ, L. M. (Org.) História da vida privada no Brasil. v.4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 560.

PAVLIK, John V. **Ubiquidade: O 7.º princípio do jornalismo na era digital**. In: Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Org. João Canavilhas. Ed. Labcom book. 2014

SIEBERT, Silvânia e PEREIRA, Israel Vieira. A PÓS-VERDADE COMO ACONTECIMENTO DISCURSIVO. Linguagem em (Dis)curso [online]. 2020, v. 20, n. 02 [Acessado 18 Julho 2022] , pp. 239-249. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-4017/200201-00-00>>.

PINHEIRO, Rose.; TERUEL, Caio. **As notícias jornalísticas em um cenário pós-moderno: reflexões sobre o ato de ler em novas plataformas**. Revista Observatório , v. 6, n. 6, p. a11pt, 1 out. 2020.

PRAZERES, Michele. RATIER, Rodrigo. **O fake é fast? Velocidade, desinformação, qualidade do jornalismo e media literacy**. Estudos em Jornalismo e Mídia Vol. 17 Nº 1, Janeiro a Junho de 2020.

PRIOR, Helder. **Populismo e desinformação em tempos de pós-verdade**. 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Universidade Federal de Goiás (UFG) – Goiânia (GO) – Novembro de 2019

- RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999
- Reuters Institute. **Digital News Report 2020**.
- ROMERO-RODRIGUEZ, Luis. **Hacia um estado de la cuestión de las investigaciones sobre desinformación/misinformatción**. Correspondencias & Análisis, Nº3, año 2013.
- ROMERO-RODRIGUEZ, Luis.; DE-CASAS, Patricia; PEDREIRA, Mari Carmen. **Desinformación e Intoxicación en las cuartas pantallas**. In: (Ed.). Competencias mediáticas en medios digitales emergentes. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2018. p. 73-92.
- ROSA, Hartmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade**. - São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- ROVELLI, Carlo. **A ordem do tempo**. tradução Silvana Cobucci. – 1a ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- RÜDIGER, Francisco. **Origens da problemática teórica da falsa notícia no pensamento jornalístico da Europa e América**. Revista Latinoamericana de ciências de la comunicación. v. 18, n. 32 (2019)
- SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo - Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional**. 3ª ed. São Paulo: Editora Hucitec 1997.
- SCHUDSON, Michael. **Descobrimos a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins. **“Notícia velha para embrulhar peixe”**. *Folha de São Paulo*, 09 de novembro de 2008.
- SILVA, Inês Paiva Nazareth Gomes da. **O Efeito da Desinformação na Memória Colaborativa**. Dissertação de mestrado, Instituto Universitário de Lisboa. 2019.
- SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: Notas para o método comunicacional**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. 7. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- SODRÉ, Muniz. **Narração do fato. Narração do fato: Notas para uma teoria do acontecimento**. Editora Vozes. 2009.
- SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues. **“Fake news”, pós-verdade e sociedade do capital: o irracionalismo como motor da desinformação jornalística**. Revista Famecos. Porto Alegre. v. 26, n. 3, set. - dez. 2019.
- TEMPOS Modernos**. Charles Chaplin. Local: Estados Unidos. 1936.

THOMPSON, Edward Palmer. **Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial**. In: Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TROITIÑO, José Manuel Rivas. **Desinformación: revisión de su significado**. Del engano a la falta de rigor. Estudios sobre el mensaje periodístico, nº 2. Servicio de Publicaciones UCM, Madrid,

TZMINADIS. João Lucas Facó. **Frenesi em suspensão: Em direção a um modelo crítico a partir da teoria da aceleração social de Hartmut Rosa**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) 2018

VIEIRA, Geraldinho. **Complexo de Clark Kent - são super-homens os jornalistas?** São Paulo, Summus, 1991

VIRILIO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade. 1996.

Wineburg, Sam and McGrew, Sarah and Breakstone, Joel and Ortega, Teresa. (2016). Evaluating Information: The Cornerstone of Civic Online Reasoning. Stanford Digital Repository. Available at: <http://purl.stanford.edu/fv751yt5934>